

Adelino Torres

POESIA REUNIDA

||||||| 1959/2005-2014 | LIVROS I A VII |||||

Com dois poemas de Adèle Lambert

Prefácio de Maria Manuela Araújo



Edições Colibri

Epígrafe:

“Un art pratiqué sans sérieux philosophique reste en deçà des attentes que l’on est en droit d’adresser à la poésie. Le propos de la poésie ne consiste pas seulement à produire de belles paroles, mais à dire de choses vraies. À tout prendre, les mots sont secondaires en poésie, car c’est leur sens qui importe”.

[Jean Grondin, *Hans-Georg Gadamer: une biographie*, Paris, Grasset, 2011, p. 212]

Tradução:

“Uma arte praticada sem empenho filosófico fica aquém do que temos o direito de esperar da poesia. O propósito da poesia não consiste apenas em escrever belas palavras mas em dizer coisas verdadeiras. Em última análise as palavras são secundárias na poesia porque é o sentido que importa”.

[Jean Grondin, *Hans-Georg Gadamer: uma biografia*, Paris, Grasset, 2011, p. 212]

*Em memória
de Laura Veloso Torres
algures no Universo
onde a voz se calou
mas a luz permanece
lá nesse Sul para onde vou...*

Ce livre est aussi dédié à mes enfants

- Jacinto Torres
- Catarina Torres Lambert
- Elizabeth Torres McConville

et à mes petits enfants :

- Adèle
- Camille
- Clémence
- Julien
- Juliette
- Michael

Xilogravuras de A.Torres/1966

Nota prévia

Este volume de **Poesia Reunida**, inclui os livros de I a VI já publicados separadamente pela editora Colibri, a que se acrescenta o livro VII (*Reserva de memória*) até agora inédito.

Não foi possível integrar nesta edição os prefácios que figuravam em cada um dos volumes anteriores devido às dimensões atingidas por esta obra.

Não quero porém deixar de expressar o meu sentido reconhecimento a todos os autores que valorizaram generosamente os volumes em que participaram com os seus prefácios.

Foram eles os professores Alfredo Margarido (livro II, *Histórias do tempo volátil*); José Carlos Venâncio (livro III, *Cantos do crepúsculo*); José Carlos Venâncio (livro IV, *Tempo irreversível*); José Filipe Pinto e José Carlos Venâncio, respectivamente prefácio e posfácio (livro V, *Memórias do futuro e do tempo*); Maria Manuela Araújo (livro VI, *A caminho do Sul*).

O prefácio desta **Poesia reunida** é agora redigido por Maria Manuela Araújo que actualiza o prefácio do livro VI alargando a sua erudita análise ao volume VII até aqui inédito. O livro I (*Uma fresta no tempo seguida de ironias* não teve nenhum prefácio).

Uma palavra especial para a memória do professor Alfredo Margarido, querido amigo de muito anos, infelizmente falecido em 12 de Outubro de 2010, livre pensador e espírito inovador que deixou uma lacuna irreparável na cultura portuguesa contemporânea.

As capas dos livros V e VI foram da autoria do talentoso artista, Dr. Jaime Braz. (Covilhã), e a capa do livro II reproduz um magnífico desenho à pena do Dr. Eleutério Sanches (Angola). A ambos aqui deixo igualmente um sincero agradecimento.

Finalmente, no livro VII desta **Poesia Reunida**, estão incluídos 2 poemas de **Adèle Lambert**, poetisa de 10 anos de idade. Estes foram escolhidos antes de mais por mérito próprio (**poemas nº ... e nº, páginas e**). O facto desta menina ser minha neta teve pouca influência nesta escolha. (Podem acreditar)...

Lisboa, 30 de Outubro de 2014
Adelino Torres

Prefácio

Poesia Reunida (2014) é o maior conjunto poético de Adelino Torres, uma voz relevante da poesia contemporânea. Reúne toda a poesia escrita entre 2005 e 2014, seis livros publicados de poesia, e inclui *Reserva de Memória (Livro VII)*, uma série de poemas inéditos, com dois poemas da pequenita Adèle Lambert, sua neta, que aqui se dão à estampa. A poética de Torres foi-se construindo pela força inerente à sua vivência de margem. Refractária ao gregarismo que a proscreeu, insistiu caminhar para outros centros: «Que «força nova»?»¹, pergunta, curiosamente, Manuel Ferreira. Ao revés, Alfredo Margarido e António Jacinto perceberam, de outra forma, que o carácter subversivo deste discurso poético era a razão da inactual versatilidade que ainda o caracteriza, nas memórias que guarda e nos diálogos que estabelece, com amigos, escritores, autores, em outras geografias. *Poesia Reunida* é um ponto de chegada no trajecto desassossegado do poeta, encontro de idas e vindas, reunião de sete livros de poesia, publicados entre 2008 e 2014, escritos poéticos que ainda se cruzam, em conversa imanente, com outros anteriores, de sua autoria. Pensando no título do Livro VI, *A Caminho do Sul* (2013), e fazendo a expansão da sua metáfora

¹ Manuel Ferreira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa - II*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1986, p.34.

poética, digo que escapar a Sul, ou fora de vigilância, é falar a mesma língua das diásporas discursivas que contestam. Mas afinal, que poeta é este? O que corre de um lado para o outro e se espalha para diversos lados. E que poética? a que corre no reverso da tranquilidade dos discursos aceites.

Adelino Torres é membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, professor catedrático, economista, africanista, académico inconformado e de persistente dedicação ao conhecimento científico, em que se fundou a sua longa carreira académica, laureada, em 2014, com sete livros sequentes de poesia. Adelino Torres é também poeta, ou, ao invés, poeta primeiro, o poeta que, nos anos 50, a palavra encontrou no fastio dos números². Angolano, português, francês, universal, uma identidade múltipla que cedo encontrou na poesia a mais firme pertença. Seria mutilador não aludir à sua obra científica, que tanto iluminou a Academia e, por essa razão, transpôs os seus muros. Do seu diverso e longo itinerário, falemos agora da entrada do poeta na ala literária de Babel, que não é de marfim, mas sim, fadário laborioso dos que no emaranhado dos sentidos buscam, pelo menos, um Sentido: o Sentido que nasce da

² Leia-se Adelino Torres, «Para um Epitáfio», in Torres, Adelino (coord.), *Força Nova: Colectânea de Poesia de Estudantes de Luanda*, Luanda, Neográfica, 1961, pp. 25-28.

incessante pergunta do espírito grego, iluminado pelo outro Hermes divino, ou princípio da linguagem, Exú-Elégba.

No domínio literário, assinalam-se os primeiros cinco poemas, publicados em *Força Nova: Colectânea de Poesia de Estudantes de Luanda*³, e do conto «Retour à la Source»⁴, na revista *Nouvelle Revue Française*, bem como de outros três poemas em *Encontro-Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco*⁵. Após várias décadas de fértil produção científica, em 2008 Torres dá continuidade à publicação da sua escrita poética, com o livro *Uma fresta no tempo seguida de Ironias*⁶. Daí em diante, não mais abandonou a fonte poética de água viva: em 2009, vem a lume *Histórias do tempo volátil*⁷, um livro prefaciado por Alfredo Margarido e ilustrado, na capa, por Eleutério Sanches; em 2010 sai *Cantos do crepúsculo (Poesias – Livro III)*⁸ e em 2011 *Tempo irreversível (Poesias – Livro IV)*⁹, ambos prefaciados por José Carlos

³ De *Força Nova* constam os cinco poemas de Torres: «Cavaleiro do sonho», «Pescador», «Para um epitáfio», «O Corcunda» e «O último poema». Cf. Adelino Torres (coord.), *Força Nova: Colectânea de Poesia de Estudantes de Luanda*, 1961, pp. 21-35.

⁴ Adelino Torres, «Retour à la Source», in *Revue NRF-Nouvelle Revue Française*, Paris: Gallimard, 15e Année (179): 916-22, Nov. 1967. Texto *on line* na página «Trabalhos do autor»: www.adelinotorres.com

⁵ *Idem*, *Encontro-Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco*, Brasil: Ano 22 (19): 2005. Desta revista literária constam três poemas, que foram reeditados no livro *Uma fresta no tempo seguida de Ironias*, intitulados: «Notícias do sul», «Intuição» e «Renovar destinos». Cf. Torres, 2008, pp.52-57.

⁶ *Idem*, *Uma Fresta no Tempo Seguida de Ironias*, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

⁷ *Idem*, *Histórias do Tempo Volátil*, Lisboa, Edições Colibri, 2009.

⁸ *Idem*, *Cantos do Crepúsculo (Poesias – Livro III)*, Lisboa, Edições Colibri, 2010.

⁹ *Idem*, *Tempo Irreversível (Poesias – Livro IV)*, Lisboa, Edições Colibri, 2011.

Venâncio; em 2012 publica *Memórias do futuro e do tempo (Poesias – Livro V)*¹⁰, prefaciado por José Filipe Pinto, com posfácio de José Carlos Venâncio e ilustração de capa pelo pintor Jaime Braz; em 2013 dá à estampa *A Caminho do Sul (Poesias-Livro VI)*¹¹ e em 2014 reúne, neste volume, não só a sua produção poética publicada desde 2008, como também inova com *Reserva de Memória (Poesias-Livro VII)*.

Embora exista um silêncio entre *Força Nova* e *Uma fresta no tempo seguida de Ironias*, o certo é que, daí em diante, a militância do poeta na palavra justa e democrática ganhou confiado poder, por se ter oposto, de forma assídua e audaz, à repetida e vã «palavra do poder»¹². No mesmo rasto de Philippe Breton, também Adriano Moreira faz o elogio da palavra livre, no discurso de comemoração do seu 90º aniversário, elogio a que se junta Torres, em defluência no poema «17 – O poder da palavra numa outra Europa», do Livro VI. Referindo-se ao início do percurso literário do poeta, José Carlos Venâncio aponta, todavia, uma relação de continuidade entre *Força Nova* e os três livros de poesia que, só mais tarde, se seguiriam: «A sua escrita, nestes três livros, continua, de certa maneira, a

¹⁰ *Idem, Memórias do Futuro e do Tempo (Poesias – Livro V)*, Lisboa, Edições Colibri, 2012.

¹¹ *Idem, A Caminho do Sul (Poesias – Livro VI)*, Lisboa, Edições Colibri, 2013.

¹² Aproprio-me da expressão utilizada por Philippe Breton, *Elogio da Palavra*, trad. Nicolas Nyimi Campanário, São Paulo, Edições Loyola, 2006.

experiência dos fins dos anos 50, altura em que terão sido escritos os poemas constantes da antologia *Força Nova*.»¹³.

Uma fresta no tempo seguida de Ironias e Histórias do tempo volátil são obras próximas, não só no tempo de publicação, mas, sobretudo, na forma como ambas se completam e implicam todo o *corpus* poético de Torres, através da mimese unificadora, que apreende do ser o sonho, no tempo da vida humana. A poética em apreciação é a frincha que o poeta abre na parede do tempo presente, de onde espreita um passado que marcou a sua memória com uma geografia que sempre lhe foi, e é, muito cara: África. A África a que tanto se arreigou, mas que tanto o desiludiu. Angola, identidade da primeira infância até à idade adulta, ou como disse Maria Virgínia de Aguiar, redactora do jornal de João Charulla de Azevedo, «Era uma vez uma cidade robusta, soberba, bem amada de muitos e de poucos conhecida: Luanda. As suas entranhas maternais, que se lavam na grande bacia do Atlântico; o seu recorte mágico entrevisto do pescoço altivo que é a Fortaleza, apoiam-se em pés de trapo: o musseque.»¹⁴. Era em Luanda, em finais dos anos 50 e pelos anos 60, que se encontrava Torres e que Virgínia encontrou Cordeiro, um poeta e um pintor, entre outros vagabundos do sonho, avessos ao

¹³ José Carlos Venâncio, «Lusofonia e Cãnone Lusófono: Da Controvérsia dos Conceitos à Manifestação de Duas Escritas a Partir da Margem», in Cristóvão, Fernando (dir. e coord.), *Ensaio Lusófonos*, Coimbra, Almedina, 2012, p. 95.

¹⁴ Maria Virgínia de Aguiar. «Luís Cordeiro, Pintor: Um Diabo no Paraíso». In Azevedo, Maria Helena de (ed.). *Notícia*, Luanda: Neográfica Lda., x, (512): 18-25, Set. 1969.

materialismo burguês e, tal como Baudelaire, amantes de uma outra pátria: a poesia. Luanda foi também a quimera real que a cabeça inquieta de Torres pintou: da Maianga a S. Paulo, da Mutamba à Vila Alice, no pregão do cauteleiro marreco, ou em monólogo com o mar; as picadas vermelhas que pisou e que o cacimbo dos anos não diluiu, como não diluiu a imagem dos embondeiros pachorrentos, do rapaz que apanhava visgo para caçar o beija-flor, com o Abel Sanda de Cabinda, das maçãs da Índia e das castanhas de cajú roubadas, nas barrocas de Luanda, pintadas de vermelho, com mandioqueiras a espreitar o porto e a ver chegar os navios, carregados de colonos que sonhavam patacas, ou das máscaras de carnaval, a desfilar nas ruas... E como que descrevendo o irregular círculo da vida, com a mais corajosa independência, caminhou o poeta para Sul, chegando ao lugar de partida, à casa onde viveu com a família, lembrada no Livro VI, em deambulações pelo Bairro do Cruzeiro, corporizadas no poema «28-Recordação Indelével». Luanda, dos anos 50 e 60, levou mãos prodigiosas, de poetas, de pintores, músicos e outros criadores, foi berço artístico de simbioses, ou a cidade boémia que Virgínia de Aguiar, em 1969, caracterizou de «a perdulária»¹⁵. Porém, as nuvens que o extraordinário estrangeiro de Baudelaire amou, passaram... lá ao longe... as maravilhosas nuvens !.. e Angola, bem como outros países africanos, ganhou outra latitude.

¹⁵ Maria Virgínia de Aguiar. *Idem*, p.18.

Na sequência deste processo, a voz de Adelino Torres foi crescendo descontente, ao lado das diásporas contestatárias pós-coloniais, as quais, dizendo pelas palavras de Francisco José Tenreiro, aguardam ainda «de coração em África», insistindo na pergunta de Ki-Zerbo: Para quando África ? Os fanatismos ideológicos que aniquilaram o espaço humano de África e obrigaram o poeta à experiência política do exílio, sonho e desilusão que também vive relativamente à Europa e, particularmente, a Portugal, pois, seguindo as suas reflexões, a primeira parte do primeiro livro «[...] traduz um estado de espírito onde se entrecrocavam esperança e revolta, consciência da finitude e inquietação, desespero e combate.» (Torres, 2008, p. 7). É esta a dolorosa fresta que também separa sonho e realidade, configurando-se, simultaneamente, abertura por onde o sonho vigia e aguarda ser realidade. A fresta operada no tempo afigura-se limiar entre sombra e claridade, passagem para o estado de vigília, ou seja, para o hemisfério do tempo, o meio privilegiado do sujeito, a via por onde caminhar, pois dizendo pelas palavras de Maria Zambrano, «O meio do sujeito humano [...] é a temporalidade» e, continuando o pensamento da filósofa, «Aquilo que é decifrado entre *os sonhos e o tempo* é a vida humana»¹⁶. Assim, o sonho no tempo de vigília é o lugar onde o sujeito padece a sua própria transcendência, ou seja, a dor da passividade, da

¹⁶ Maria Zambrano, *Os Sonhos e o Tempo*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994, pp. 17, 18.

não-realidade, por não ter percebido a tempo que a vivência extraordinária de qualquer «estado nascente»¹⁷ pode estar apenas imanente em nós, e não naquilo que elegemos como nosso objecto de Eros.

A poética do tempo em Torres alarga a sua geografia semântica a *Histórias do Tempo Volátil* (Livro II). Histórias são narrativas, aqui contadas em poesia, histórias de vida, memórias, ou o pulsar do ser no seu tempo de vida, um tempo que o sujeito poético, no poema «50 - Passagem», diz ser «[...]volátil como a morte», ou o tempo que trai a vida de quem tem uma missão séria. No poema «9 - O Ser e o Tempo», o tempo vivível é fogo fátuo, também metaforizado em jaula. Diz o sujeito poético: «O ser/vive e morre/ dentro da jaula do tempo.//A duração perseguida/no horizonte do ser//é a essência transitória/do fogo fátuo da vida...». A temática isotópica do tempo continua a percorrer o rio da escrita de Torres, cuja forte colocação subjectiva também se introduz como voz de testemunho, instância ilocutória activa que fica para contar, memória lavrada na escrita, um sujeito enunciador que, da ciência gera substância poética, em torno dos pares semânticos: utopia/distopia, ilusão/desilusão, esperança/desencanto. São estes os binómios em que se funda a rede sémica do inconformismo no tempo e com o

¹⁷ A expressão de Max Weber é retomada por Francesco Alberoni, em cuja acepção é aqui utilizada. Cf. Francesco Alberoni, *Génese*, trad. Maria da Graça Moraes Sarmento, Venda Nova, Bertrand Editora, 1990.

tempo real, um sentido extensível a toda a obra, mas que o poema «26 - Conformismo» sintetiza.

As dicotomias mencionadas urdem uma fala poderosa, plurilinguismo na linguagem poética, uma fala que só pode ser inteiramente entendida em função do lugar (prático, ideológico, teórico, ou outro) de onde se fala; e ainda em função do facto de se falar sempre em nome de qualquer coisa (da ciência, da verdade, do bom-senso, ou de uma determinada ideologia). A escrita em análise fala do lugar prático da vida e do conhecimento, em nome de uma verdade existencial esclarecida. Cumpre, assim, uma função pública fundamental, sendo educativa. É discurso social, cultural, político e até económico, de um centro que questiona outro centro, são escritos que visam uma hegemonia, caminhando, de forma salutar, para aquilo que sobre Roland Barthes, Eduardo Prado Coelho designa de «Guerra das Linguagens»¹⁸, o lugar em que a poesia cumpre o seu papel mais nobre.

A poética de Torres é uma poética que elege a vida real, contingente, como seu referente principal, colocando em avaliação o tempo presente, passado e futuro, a vileza humana, no que a (auto)destruição criativa contém de mais ameaçador. A realidade semiótica sobre a qual se reflecte é uma escrita que cria instabilidade ao senso comum, feito ideologia dominante, ao saber vacilante, aos

¹⁸ Cf. Roland Barthes, *O Prazer do Texto*, trad. Maria Margarida Barahona, Lisboa, Edições 70, 1980, pp.12, 13.

estereótipos do consumismo e da superficialidade da imagem, que são Narciso apaixonado por si, ou eternizado na ilusória circularidade de si próprio. Uma escrita que sustenta o conceito metaforizado de «império do efémero» e «era do vazio», de que fala Gilles Lipovetsky¹⁹, bem como outros críticos da Modernidade, um olhar preocupante, mas que, oportunamente, a erudição de George Steiner veio equilibrar em *A Ideia de Europa*²⁰, uma útil lembrança ao velho continente, agora mais vulnerável à amnésia cultural.

Dos *dis-cursus* que este sujeito poético engendra, do que ele corre dentro da sua cabeça e desenha com o fio coreográfico da escrita, ganham relevo figuras discursivas que se agitam em contestação dos poderes instituídos, siderados no seu exercício político irresponsável, as figuras da tirania e da liberdade, da ignorância, da futilidade, entre outras. A tirania de alguns ditadores africanos, tratada no poema «1 – Seres inamovíveis», onde se lê: «[...]seres inamovíveis/ da autenticidade africana/que afugentou sábios e matou deuses» , levando os africanos fugidos, designados no título do poema 63 por «migrantes da morte», pela «[...] travessia desesperada do Mediterrâneo/ e da costa africana para as Canárias/ em precárias embarcações superlotadas/ de refugiados vindos da pobreza africana;[...]». A mencionada figura da tirania encontra também eco na Europa, particularmente na caracterização do bispo

¹⁹ Ver as duas obras do mesmo nome, de Gilles Lipovetsky.

²⁰ George Steiner, *A Ideia de Europa*, trad. Maria de Fátima St. Aubyn, Lisboa, Gradiva, 2007.

Williamson, que negou o holocausto judeu, e que o sujeito poético confronta, de forma irónica, na composição «49 - O Macaco de Darwin», dedicada a Alfredo Margarido: «[...]De facto, que culpa pode ele ter/por não saber essas coisas?/É preciso ser-se um ás/ou incarnar nesta vida/um grande sábio ou doutor/para distinguir um forno a gás/dum modesto grelhador/ou conhecer a distância/entre um campo de concentração/e um mero jardim de infância.». Em contraposição, a figura discursiva da liberdade, desenhada no poema 38, do mesmo nome, a futilidade e a crise de valores, particularmente coreografadas no poema «6 - Novos Valores», uma espécie de desconcerto do mundo, ao qual, e à escala do cosmopolitismo global, também a Academia não escapa, esta fechada na falsa importância dos seus Doutores, ou o milagre de Bolonha, outras vezes nem isso, predadores da inovação científica de cérebros, que plagiam e escondem, um estado de decadência dissimulado na reflexão prospectiva, consubstanciada na composição poética de título «10-Academia».

Se as figuras discursivas, ou cenas de linguagem, apresentadas por Roland Barthes, em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*²¹, são recortadas na enunciação do imaginário do sujeito apaixonado em trabalho de linguagem, na poética de Torres as figuras referidas foram antes isoladas no discurso de um eu social,

²¹ Roland Barthes, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, trad. Isabel Gonçalves, Lisboa, Edições 70, s/d.

cultural e político, em agitado labor de consciencialização do tempo real, uma prática escrita de intervenção, claramente verificável no poema «147 - Consciência Nacional». A bem-aventurança das figuras literárias em menção é o facto de estas serem signos susceptíveis de memória no tempo, logo, impedirem a reificação de lugares comuns que alimentam o maravilhoso “conto de fadas” da ideologia governante, aquilo a que o poeta, no poema «40 – Economismo», chama de «Olimpo da perfeição».

As figuras literárias de Torres têm a utilidade atávica de facultarem, por exemplo, a recordação daquilo (o holocausto nazi) que o bispo Williamson pareceu esquecer. Para que a história continue legível, o eu textual, insuflado pelo autor empírico, abre também, no Livro VI, uma fenda, na fósil fala falada do bispo e, com a sua voz íntima, no poema «7 - Atavismo», impede a sua repetição: «O passado pesa/como uma âncora inerte/no cérebro dos vivos//e não basta sacudi-la/ para que então se liberte/ do lodo que a retém». A deflação histórica da memória cultural, como tema, é um dado narrativo da estrutura sémico-formal da poesia em análise, a qual serve de pretexto para a revelação da paisagem interior do sujeito, que do lado subversivo da língua fala, ou canta, o crepúsculo civilizacional que vive, e que antevê para a Humanidade. O título do Livro III, *Cantos do crepúsculo*, bem como o seu conteúdo semântico, colaboram na consistência da referida simbólica do

tempo, enunciada desde o primeiro sopro experimental de Torres, em *Força Nova*.

A colectânea de poesia acima mencionada, publicada em 1961, reúne poemas de 17 estudantes pré-universitários, sob desconfiança da PIDE, por comungarem da mesma indignação internacional, em véspera da Revolta Armada de 1961. Dizendo pelas palavras de Torres, eram «jovens revoltados contra o fascismo e o colonialismo português [...], numa época muito vigiada, uma revolta muito mais valiosa do que o conformismo (e reaccionarismo), ambiente que dominava a generalidade dos brancos de Angola nessa época.»²². Entre os seus participantes, figuram nomes que se vieram a destacar no panorama político e literário do nacionalismo angolano, tais como António Jacinto Rodrigues, Carlos Alberto Octávio Belo, “Caobelo”, João Abel e António José Rodrigues. Os seus primeiros poemas, «Cavaleiro do sonho», «Pescador», «Para um epitáfio», «O Corcunda» e «O último poema», foram escritos nos finais dos anos 50 e prestam um contributo à chamada Geração Moderna, de cujos poetas sofreram influência estética e ideológica, especialmente dos poetas pertencentes ao «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola», cujo projecto cultural, designado «Vamos Descobrir Angola!», teve como objectivo questionar a sociedade colonial.

²² Esclarecimento prestado por Torres, sobre *Força Nova*, via *email*, em 06/ 03/ 2013.

No rasto de Tomás Vieira da Cruz (1900-1920), a Geração Moderna, pelos anos 40, 50, 60, e mesmo 70, ficou marcada pelos poetas nascidos entre 1920 e 1928, Aires de Almeida Santos (n.1921), Agostinho Neto (n. 1922), Alexandre Dáskalos (n. 1924), António Jacinto (n.1924), Maurício Gomes (1920), Mário Pinto de Andrade (n. 1928) e Viriato da Cruz (n. 1928); bem como pela geração de 30, à qual pertencem Alda Lara (n. 1930), Ernesto Lara (Filho) (n. 1932), António Cardoso (n.1933) e Mário António Fernandes de Oliveira (n. 1934). É aos arautos sonhadores da Geração Moderna, os «Peregrino(s) do Ideal», ou grito da nova proposta literária nacional, que a enunciação imperativa de Torres se dirige, em Força Nova, no poema «Cavaleiro do Sonho»: «E não pares poeta, /não pares!» (Torres, 1961, p.23). Mas é também, a si, que se alenta. O poeta que, neste primevo processo de significação, é encorajado a correr, afigura-se uma entidade subjectiva de eu, que fala na 3ª instância, ou seja, um ele, que é eu e poeta. O jogo de trocas discursivas em menção confere corpo e voz a um sujeito, que abraça na poesia a luz de que fala, nesse tempo solar, mas agora limiar, o crepúsculo vivencial e civilizacional, evidenciado na experiência simbólica que *Cantos do crepúsculo* continua na sua substância poética. Por conseguinte, os quatro primeiros poemas de Torres são, sem dúvida, uma “força nova”, que assegurou, em 1961, o célebre repto de Viriato da Cruz, «Vamos Descobrir Angola!», lançado em 1948, e cujo órgão literário foi a revista Mensagem.

Extrapolando à volta do dialogismo semiótico, contido na estrutura semântica «ir descobrir/sem parar», em que se inscreve o sentido de iniciativa criativa na semântica da movência, presente nos desafios de Cruz e de Torres, vale dizer que, em exercício de anamnese intelectual, a linguagem artística de Torres se abre à irrupção dum texto noutro texto, uma hábil laboração estética de ampliação semântica, que também responde à urgência do apelo proferido por Maurício Gomes, no poema «Exortação»: «É preciso inventar a poesia de Angola!»²³.

Atentar no destino nacional, por descuido com os desígnios da nação, vem a ser temática glosada, cinquenta anos depois, em *Cantos do crepúsculo*. De forma dramática e paródica, o sujeito poético vai sublinhando as consequências do consentir político dos cidadãos e dos Estados, face às manobras transnacionais de corporações económico-financeiras, às quais o ultraliberalismo abriu atalhos, bancarrota e servidão das gerações vindouras, por absentismo da Justiça, e em clima global de terror islamita. Da recepção da poética em referência, fica-nos a sequência de sentido: o tempo que vivemos é o tempo de quem não se implicou devidamente, dos que permaneceram a vaguear sem rumo e foram surpreendidos pelo acaso do vazio social, cultural e político. Actualizando o passado no presente, para dele ouvir uma lição, cabe

²³ VAVA, *Poesia de Angola*, Luanda, Nova Editorial Angolana, 1977, pp. 113-117.

aqui recordar que, se Maurício Gomes foi, na altura, ameaçado pela PIDE e, ao receber o recado, «-O Maurício Gomes que se deixe de poesias!..»²⁴, teve de pensar na família numerosa que tinha, outros poetas houve, contemporâneos de Torres, que na desobediência sagraram a poesia e o nome de Angola no exílio. A palavra pública sem medo de intervir é um ganho recente. Contudo, é um bem ameaçado, se a escrita for inútil, ou seja, superfície reflectora de Narciso ensimesmado, falando sozinho. Por essa razão, a efusão lírica de *Cantos do crepúsculo* é o cântico do eu, ou do cisne, negro, que é toda a obra poética de Torres, cântico do fim, de um tempo de vida humana e de todo um legado civilizacional mundial, prestes a sucumbir a poente dos tempos. A palavra de Torres afigura-se matriz subjectiva de tempos que se findam, não só o tempo biológico, o qual, ao revés da metáfora de Zambrano, não é «vida que viaja como água deslizando num plano liso» (Zambrano, 1994, p.83), mas também de um tempo histórico, ou do fim da história, marcado pelo fazer político e económico, este dirigido pela radical ilusão totalitária que, segundo Boaventura de Sousa Santos, na sua versão última, é neoliberal e pretende «destruir toda a humanidade com a ilusão de a salvar»²⁵.

²⁴ Excerto de conversa pessoal, no seu domicílio, com Maria Manuela Araújo, no ano de 2007.

²⁵ Boaventura de Sousa Santos, *A Cor do Tempo Quando Foge*, vol.2, Coimbra, Edições Almedina, 2012, p.119.

Deste tempo de saturação histórica, que ensombra não só a Europa, mas todo o Planeta, deseja Torres despedir-se em *Memórias do futuro e do tempo (Poesias-Livro V)*. O discurso memorialista do poeta prossegue no livro em menção, convocando o tempo passado, actualizador de lembranças, bem como o tempo futuro, antecipador das acções do eu e dos outros, numa chamada de presenças humanas que marcaram o seu curso existencial. O sujeito poético memora familiares e amigos, também filósofos e homens de outras ciências, tais como o aristotélico Averróis, Heidegger, com cuja ontologia, em *Sein und Zeit*, dialoga; o matemático e filósofo Alfred Tarski, Rousseau, o polímata persa Avicena, Schopenhauer, de cujo pensamento poetou as ideias de «insatisfação» e «representação», presentes em *The World as Will and Representation*; o filósofo Hans Jonas, o poeta Henrich Heine, Paul Ricoeur; o seu amigo íntimo Philippe Béraud, economista, professor e sociólogo, o filósofo anti-nazi Jean-Marie Domenach e o juiz, magistrado no Tribunal de Nuremberga, também ficcionista, Casamayor. Do círculo intelectual em que se move em Portugal, merece saliência o Professor Adriano Moreira, a quem se refere, no poema «30 – “Mercados” no plural», como «[...] humanista e democrata, Mestre dos mestres, cujas lições perdurarão muito para além de nós [...]». Nesta complexa viagem pelo tempo, em que o passado afecta o presente e o presente o futuro, é demasiado persistente a preocupação com o obscurantismo dogmático, teológico, ou outro, não explicável pela Razão, como por

exemplo a composição poética intitulada «35 - Razão discursiva», um vector semântico que nitidamente se desenha como isotopia poética. A Razão a que apela este eu lírico é, todavia, uma «vontade envolta em dúvida», coerente com as correntes de pensamento modernistas, prática escrita de revelação moral, em que o poeta se consome, e se torna singular na indagação profética de «5 - Se», o fim anunciado do mundo e do Homem, que não leu Rudyard Kipling, e se excedeu na mera «vaga de tecnicismo». A voz que critica este exagero é a mesma voz que condena as soluções finais, extremadas, conduzidas pela ciência perversa, manipuladora da Razão, que Torres combate no poema com que inicia o Livro VI: «2 - Recordando Hiroshima».

A *Caminho do Sul (Poesias-Livro VI)* acentua essa consciência escatológica, que George Steiner julga «[...] pode(r) ser exclusiva da consciência europeia.»²⁶, e à luz da qual deve ser decifrado o *topos* da solidão humana, tão explícito no *corpus* poético «3 - Solidão» e «4 - Pobre Contentamento». Todavia, a problemática filosófica que a obra de Torres levanta faz eco das correntes de pensamento de Nietzsche, Freud e Wittgenstein (vozes dissidentes do racionalismo moderno), as quais marcaram o Modernismo do início do Século XX, colocando em causa as lógicas de dominação sociais e políticas da Modernidade europeia, defendendo a

²⁶ Veja-se o quinto axioma que George Steiner aponta para definir a ideia de Europa. Cf. George Steiner, *A Ideia de Europa*, trad. de Maria de Fátima St. Aubyn, Lisboa, Gradiva, 2007, pp. 42-44.

capacidade e a liberdade do sujeito na construção criativa dos seus mundos exterior e interior, os quais passaram a ser percebidos como indeterminados e finitos, afinal, sem rigor causal, ou precisão absoluta. É esta visão contemporânea da ciência, a qual contrasta com o racionalismo moderno, que encontramos no poema «39 - Ilusões», e que no poema «57 - Equívoco», do livro em referência, interroga o equívoco da determinação filosófica moderna, com as correntes existencialistas de Kierkegaard, Heidegger e Sartre, entre outros. A descoberta da contingência e da irracionalidade da existência é, em Torres, o nada, ou falta de suporte, de um mundo que parecia, mas já não é, finito e explicável, mas sim incerto e, como tal, apoiado no nada.

A consciência do nada, em Torres, advém de um permanente sentimento de inquietação humana, motivado por um estado de vigília, que as barbáries produzidas pela radical visão racionalista vieram despertar. Fala-se do mesmo princípio subjacente ao racismo científico, que pretendeu legitimar o nacionalismo etnocêntrico, que “dourou” as narrativas do colonialismo, um discurso que Nelson Mandela, em *Long Walk To Freedom*, põe em causa, sem ódio racial. Por essa razão, Torres lhe dedica o poema «62 - Madiba», um oportuno tributo à vida de Madiba, que o próprio metaforizou com o ditado xhosa: «*Ndiwelilambo enamagama*’ (‘I have crossed

famous rivers’).»²⁷ Se Mandela recuperou o ditado xhosa da irreversibilidade do tempo, fixando o que vive na sua memória, bem como na nossa, seus leitores, Torres, no seu poema, também recupera Madiba para a intemporalidade, conferindo uma dimensão infinita à matéria finita do homem. À luz do ditado xhosa, Mandela reordenou a sua existência, à medida que organizou a escrita memorial da sua vida, liderada pelo conhecido motivo verbal. O tema estruturador em causa é extrapolado dentro do plano de significação conotativo e reinventado, por analogia, com o seu sentido literal, que implica o esforço humano desenvolvido na luta que é a travessia de um rio, ou seja, a força e a coragem de quem ousa opor-se ao movimento transversal do seu caudal, ou, como diz Torres, no poema em menção, a «uma história doentia». A recordação poética de Nelson Mandela é retomada no último livro do poeta, *Reserva de Memória (Livro VII)*. No fecho do poema «20 – Écrits français II: Souvenir», o sujeito poético salienta a grandeza do homem que, precisamente, não temeu opor-se à hipocrisia política, insistindo em exercer o direito à palavra livre.

O livro em menção, Livro VII, configura-se um conjunto extenso de 89 poemas, os quais dão continuidade à poética do tempo que, desta vez, é consubstanciada num *corpus* literário bilingue, em Língua Portuguesa e em Língua Francesa. A parte escrita em

²⁷ O texto em itálico é um ditado xhosa, citado e traduzido na autobiografia de Nelson Mandela. Cf. Nelson Mandela, *Long Walk To Freedom*, vol I, Great Britain, Abacus, 2002, p. 121.

Português estabiliza as linhas temáticas glosadas nos livros anteriores, mantendo o tom de crítica à desorientação e ao mal-estar de um tempo *fin de siècle*, agora global, em cujo prolongamento vivemos. Um tempo de incalculabilidade e de risco, ameaçado pelas ditaduras da ignorância, em que o Conhecimento e os seus agentes não comprometidos são perseguidos e humilhados, porque pensam, e duvidam dos ideólogos que se deixam manipular pelas autocracias ilimitadas do capital. Um tempo de decadência, sem lugar para a renovação de ideias, um tempo desumano, tornado brutal, pelos poderes vitalícios, no seu exercício viciante: sempre os mesmos, a repetir o óbvio, ícones caducos, alimentados pelas máquinas enganadoras do marketing social e político, no grande pântano dos *media* mundiais. Vale dizer que a marginalização a que foram votadas as Humanidades, a indiferença social, cultural e política a que foram relegados os estudiosos destas áreas, o diálogo quase nulo entre as Ciências e as Letras, são muito responsáveis pelo vazio identitário dos povos, impedidos de imaginar as suas narrativas de pertença, fazendo crescer, assim, um sentimento comum de deriva humana e de revolta, nesta viragem tecnocrata, de tendências a-histórica e anti-humanista. É dentro deste contexto, e parafraseando Torres no poema «22. Pobre Humanidade», em que «a memória vai mirrando como um cadáver na praia», é na verbalização poética deste clima de indiferença oficial que, no poema «3. Decadência», o leitor é envolvido na indignação do Eu poético, um gesto interveniente no

mudo estoicismo nacional, ao nos conferir representação no acto ilocutório da pergunta que se transcreve: «Quando travaremos tais insultos?».

No que se refere aos poemas escritos em francês, do livro sobre o qual se reflecte, estes são designados, em cada unidade, por «Écrits français», e são em número de oito. Dão início a esta parte dois poemas de Adèle Lambert, autora de uma entidade poética de vidro, criada com apenas nove anos de idade, mas cuja co-autoria neste volume disse Torres consentir, pelo reconhecimento da qualidade própria da sua escrita. Temos, então, e de forma não sequente: «5. Écrits français I: Poème d'Adèle»; «8. Écrits français II: Des paroles»; «19. Écrits français III: Voyage dans la langue»; «20. Écrits français IV: Souvenir»; «50. Écrits français V: S'il n'y a plus rien»; «53. Écrits français VI: Science»; «54. Écrits français VII: La troisième mort»; «69. Écrits français VIII: Trouble».

Do mencionado aspecto inovador de Torres, no que se refere ao versátil poetar em duas línguas, vale reflectir sobre a evidência dual de um eu poético, ou voz falante, que no poema «19. Écrits français I: Voyage dans la langue» se enuncia «[...] le double de moi-même», um barco à deriva entre dois meridianos, viajante ou velho pássaro migrador, são metáforas do desdobramento psíquico e artístico, susceptíveis de uma fértil problematização da enunciação poética em Torres, que não cabe aqui desenvolver.

A poética do tempo, em Torres, é o caminho do texto e do seu além, interstícios que falam do Homem, e sobre ele dimanam o sentido de fugacidade e fragilidade da sua existência. Tempo, em que, conforme o poema «61-Anos que voam», do Livro VI, «os anos passam como nuvens apressadas», mas também tempo, em que, relembrando Hegel no poema 64, do mesmo livro, «Da morte nasce sempre a raiz de qualquer coisa». Coisa que fica, na cíclica Razão, que vai levando e juntando outras vozes, as quais, desde longe, vão resistindo à opressão, ao longo do mudo caminho para a Liberdade, que é sem atalhos. E, por essa razão, como diz Madiba e bem sabe Torres, persiste difícil e longo, num mundo, diria Marlow, “superiormente civilizado”, mas em que o Homem, como prova Conrad, continua, afinal, “superiormente indefeso”.

Livro I

Uma fresta no tempo seguida de **Ironias**

*“Je prends mes désirs pour la réalité
car je crois en la réalité de mes désirs »*

(Estudantes de Paris, Maio 1968)

I – Uma fresta no tempo

1. Fanatismo I

Chegaram os viajantes do espaço estranho
desfraldando bandeiras ensanguentadas.

A terra estremeceu
num grito degolado,

o céu ficou toldado
de púrpura e violeta,

os ventos ancestrais
trouxeram o odor putrefacto
de túmulos abertos
com fragor, de par em par,
quando os mortos ressuscitaram
com a fúria dos chacais
que avançaram em tropel
para nos matar.

Vem aí de novo o tempo de Armagedão
a cavalgar a fúria das trevas
a mão na espada.

Ergamos a muralha da razão armada
com lanças de fogo
e combatamos a excrescência do nada!

2. Razão

A verdade mora
no esplendor das pedras
a meditar silêncios,

mora
nos murmúrios da aragem
acordada ao sol-erguer
entre arvoredos selvagem
e aves entorpecidas
na alvorada a romper,

mora
nas ruas desertas
de passos que já passaram
de poetas vagabundos
de inquietos pensadores
que se sumiram na noite
por velhas estradas incertas
em busca de novos mundos.

Agora
dissolveu-se na poeira das estrelas
nos escombros das ideias,

habita envergonhada
em buracos de toupeira
em vielas escusas cavadas no betão
da utopia agredida
onde vive a desrazão.

Talvez seja por isso
que a razão anda perdida
do rumo que já não tem
sem saber para onde vai
nem donde o mistério vem.

Pobre razão já traída
por sábios e menos sábios
pregoeiros
batoteiros
vendilhões e mercadores,

não sabendo que não sabem
não fazendo o que nos dizem
nem dizendo o que já fazem

a abandonaram esquecida
numa lixeira da vida...

2. Vento do Sudão

Em lembrança de Darfur (Sudão)

De terras martirizadas mesmo ali ao lado
chegam-nos rugidos de milícias ancestrais
feras enraivecidas e letais
empunhando a morte num estandarte
com a ponta afiada em ódios calcinados.

Gritos de desespero e de pavor
rasgam o bronze africano,
trespassam a crosta do deserto para lá da própria dor
e espalham-se pelo caminho plano
sufocado de vísceras e corpos decepados

enquanto os guerreiros sôfregos bebem
o sangue crepuscular
que, alucinado e perdido,
escorre na planície indiferente
em nome de um deus traído
há muito friamente assassinado
no coração e na mente.

Eis os sons que recusamos ouvir
quando chegam pelo calada às nossas praias;
eis as imagens que não queremos enfrentar
nos espelhos do presente e do devir

porque o reflexo do nosso próprio olhar
nas poças ensanguentadas da loucura
nos obrigaria, envergonhados, a fugir...

4. Lembranças para África

Já não vejo os rastos perdidos que deixei nos confins da juventude
pelas estradas africanas que pisei tão ao de leve
paisagens sem pressa que ficaram para trás
gentes cujo rosto se foi diluindo no cacimbo
quando o sol se esquivava em sombreados
imbondeiros pachorrentos que talvez esperem ainda
o regresso do rapaz que apanhava visgo
para caçar passarada distraída
(como o tonto do beija-flor)
com o Abel Sanda que vinha de Cabinda
e que um dia se foi embora levado pelo pai
marinheiro de rebocador
em Santo António do Zaire
e me deixou só com outros brancos chatos
que não tinham aquela energia maluca da velha África
a trepar pela música acima
não roubavam nos quintais maçãs da Índia ou castanhas de caju
não sabiam verdadeiramente nem rir nem brincar
nem corriam descalços sobre pedras como o Abel Sanda
nem conheciam os segredos das barrocas de Luanda
pintadas de vermelho com mandioqueiras desgrenhadas
que viviam ao Deus-dará de uma gota de água e de pequenos nadas
a espreitar com receio para o mar
quando no porto chegava algum navio
carregado de colonos que sonhavam
com a árvore das patacas
a crescer de certeza num jardim lá do sítio
no meio de leões cor-de-rosa, um Tarzan ariano e bacalhau com batatas
enquanto os homens da terra abanavam a cabeça
e suspiravam sem saber de nada.

5. Migrantes

Sobem velas rio acima
penas brancas desfraldando asas
a rasgar a corrente sem idade
que chega do norte do tempo
com aquele ibérico vagar
que traz consigo a melancolia
a soar no ouvido das ervas
e no fragor dos búzios do mar.

O sol meio apagado
respira agora nos poros
da fronteira sombria
por onde se esgueira
vindo do sul em ritmo ondulado
o pólen resgatado
que tomba no regaço do exílio
onde perece a fogo lento
a inocência dos náufragos...

6. A vida continua

A vida continua
proclamam os sensatos
o povo
e os literatos,
depois da morte chamar
os que já nada dizem
por terem certamente mais em que pensar.

Razão fundamental que de certeza causa
a mudez obstinada das flores
e o silêncio dormente das árvores
que sabem melhor do que nós
que essa continuidade é curta pausa...

7. Tempo finito

Fechei à chave as feras no covil
e reconciliei-me com o mundo
quando descobri que tempo é ilusão
e que o futuro será passado
no mesmo instante que dura
o voo de um insecto
ou um grito do vento
no silêncio abafado
de fugidio Verão.

Sei agora que o tempo acompanha
o instantâneo movimento circular
das flores que desabrocham e fenecem
num breve ciclo lunar
de sonhos que mal sonhados
tão bruscamente perecem...

8. Vivência

Não será nem bem nem mal
ser-se crente ou ser-se ateu.

A vida vivida não é
nem o mundo lá de fora
sem o eu,
nem o eu aqui de dentro
sem o mundo.

Essa é a *razão vital*
no sentido mais profundo
de que falava
um tal Ortega y Gasset...

9. Balanço

Um mar de lápides e sargaços
jaz aos pés do firmamento
na palidez dos mortos
que a transparência do azul estelar
espelha e repercute
na memória passageira das giestas.

Gravadas na pedra tumular
há mensagens repetidas
que o cortejo ritual
do esquecimento traz

rest in peace
descansa em paz,

como se as metafóricas palavras escritas
suspendessem o tempo
quando chega o balanço entre o deve e o haver
de um Criador silencioso
que talvez não tenha tempo para ler...

10. Civilização virtual

Perderam-se os ideais e as ideias
pelos atalhos
da ilusão obstinada e do engano.

Outras utopias irromperam
nos solos gretados pelo vácuo
das feiras da alegria virtual

enquanto as túmidas flores vão morrendo
estranguladas por milhões de decibéis
que escorrem como larvas
no fundo gasto dos aluviões.

É lá que os sons se afogam torturados
em centelhas de silêncio

e os sonhos agonizam no vazio
dos gélidos e solitários corações
que soçobram à deriva
na corrente do caudaloso rio

11. Feridas

Em memória de Laura Veloso Torres

Dizem que o tempo
varre as feridas da alma

mas ignoro o que é o tempo
e o que é a alma

porque nunca os vi.

Só sei que a alma
é duna de areia
à mercê do vento
que sopra do mundo,

que o tempo gira
nos relógios moles
de Salvador Dali

e que há feridas que ficam
a morar na dor
escondidas do tempo
num poço sem fundo.

12. Em cada dia que passa

É na linguagem dos pássaros
que me chega a fala
por entre silêncios
e rumores de folhagem

quando dos ramos escorrem
lágrimas das horas
e os passos se consomem
nos caminhos circulares
onde me perco à escuta...

Em cada dia que passa
sinto que a saudade mata.

13. Deserto

Quero espalhar na terra que engelha e seca
macheias de luz de um suave Outono,
plantar raios de sol e regá-los com chuva
para deter do deserto a progressão
que invade os corações quando pensam
que o espírito é apenas uma dimensão do corpo.

14. Idade sem idade

A idade chegou
mas não dei por isso.

Apenas sei
que já tive o infinito em frente
e que hoje conheço, mais modestamente,
a finitude das coisas e dos seres.

Saber que a minha vida
enfrenta a ordem natural
em que a duração escasseia
e passa com ligeireza
na vertigem de um instante

não é nem bem nem mal,
mas apenas a execução universal
do ciclo da natureza

na trajectória redonda
de insondável leveza
que nasce, vive e se apaga

como a imagem de um deus
cujos traços se diluem
entre a bruma e cada vaga
dum oceano revolto

15. Ser

O agir segue o ser
fonte de actividade
em veredas de conhecimento.

Todo o viver comporta
enquanto tal um saber,
retorno natural
da vida sobre ela própria.

Mas sempre o ser depende doutro ser
como a terra da chuva
a planta do sol
e o vinho da uva.

Só essa semente irmã
permite a vida vivida
na seiva robustecida
que corre nos corpos, nas almas
e nas veias das primeiras folhas
da oculta manhã...

16. Viagem

Dá-me a tua mão e vamos
atravessar os mares do sul,
cortar os ventos
com a quilha do nosso barco alado
feito de celeste azul,
embebedar-nos de sol e maresia
numa praia escondida
em recantos da alma.

Vamos cortar o espaço sideral
nas asas de um pássaro migrador
rumo ao fio horizontal do horizonte
para lá do qual renasces imortal
e se apaga a dor...

17. Dor

Abri o meu peito
para extrair a dor
mas a dor recusou
deixar-se arrancar

somente aceitou
estar lá sem matar
mas disse ficar
a bem ou a mal
cá dentro escondida

e seguir-me os passos
sem eira nem beira
até à hora
do juízo final

quando eu cavalgar
um corcel fogo
de crinas de ouro
e formas aladas

que galopa em estradas
a luz dos cometas
até encontrar
um lago de estrelas
nesse canto do céu
onde vive o azul
sem princípio nem fim .

18. Ideologias

Como disse o filósofo
as ideologias também morrem,
umas vão para o céu
outras para o inferno.

Poucas deixam saudades
e muitas só suscitam a audição do riso
depois das lágrimas...

19. Viver cada dia

É preciso pagar a dívida
ao dia que passou
para que a vida
a montante e a jusante do mundo
não seja apenas cinza inútil
desejo esmorecido
ou macheia de folhas desgrenhadas
que a chuva sem pressa vai diluindo
no silêncio da várzea

como o olhar imóvel do moribundo
num labirinto de névoa
ao fixar no horizonte um ponto sem sentido
que a vista não alcança

20. Apocalipse

Nuvens de pássaros
caíram mortos do céu.

Das ervas tombaram as folhas,
das corolas as pétalas de sangue,
das árvores os frutos
todos os frutos, verdes e maduros.

O firmamento despovoou-se de astros
fugidos para outra galáxia
a cavalo no arco-íris,

os espíritos abandonaram os cemitérios
num clamor espavorido
que deixou para trás
sepulturas de pó vazias de sentido.

Então o homem, ébrio de si,
proclamou que era Deus e disse:
“Faça-se luz!”.

E fez-se luz
quando as chamas envolveram a terra
num imenso clarão,
devoraram as cinzas do orgulho
até à raiz das pedras
e cavaram abismos de silêncio
nas entranhas do chão
como um vulcão que se aquieta
quando acabou de arder.

Na terra inteira
calaram-se as vozes
quedaram-se os gestos
e o mundo deixou de ser...

21. Olhar de frente

Não podemos encarar de frente
nem o sol nem a morte,
janelas viradas para as trevas
de um hálito trémulo e quente
de quem não sabe o que vê
nem vê aquilo que sabe

ao afogarem-se os olhos
na profundidade de um lago
de palavras sem guarida
que escorrem para o mar
quando se escapam à vida
enlouquecendo a certeza.

Não se pode olhar de frente
nem o sol nem a morte...

22. Sobreviver

Sobreviver é viver
em reflexos de sombras
plantadas como punhais
em manchas brancas da luz
por entre as frestas do tempo

23. Se o tempo dorme

Passam as horas e os dias
mas não passa o tempo.

E se o tempo dorme
e dorme o sofrimento,
revivem nas cinzas
chamas da memória,

dançam ao relento
raízes e gestos
de lembranças idas
que as empurra o vento.

Quanto o tempo dorme
dorme o sofrimento
de sono tão leve
que desperta logo
ao sopro ligeiro
da flor que se abre
no silêncio calmo
de um campo de neve.

24. Vertigem

Não preciso ver o futuro nas borras do café
nem nas folhas de chá no fundo de uma taça.

Basta-me olhar para dentro de mim
perscrutar na cegueira
que se esconde por detrás dos olhos

e ver passar sombras da vida inteira
que desfilam como bandos de pássaros em viagem
e se diluem na voragem
dos ciclos que já vivi
dos que relembro e não sei
dos que sei e nunca vi
e dos que vi sem saber
o que ficou ou deles tirei

nesta amálgama de sonidos roucos
em anos-luz que passaram
das saudades que deixaram
das horas que se foram
e das que faltam para o fim,

amargas, morrendo aos poucos
como árvores imóveis no jardim
a desmaiar silêncios...

25. Solidão

O silêncio amordaçado
pela mão da solidão
prisioneiro acorrentado
nas pregas quentes do ar

vagueia sem ter destino
entre plantas de um jardim suspenso
por cordas de violino

no esforço vão de romper
as grades férreas da dor
para voar alto, tão alto
como o voo do condor

ultrapassar as barreiras
tenazes do sofrimento

e desfraldar bandeiras
no cimo duma montanha
aonde não chega o vento.

Quando se morre afinal
pela mão da solidão
morrem os sonhos do ser
nesse mesmo movimento

e verifica-se então
que a morte tão receada
é simplesmente igual
à ilusão de viver
quando na vida não vive
a réstia dum pensamento
e a sombra dum ideal

26. Noite

Aves nos olhos
flores nos dedos
nuvens que passam
a fugir dos medos
que o sopro do vento
provoca nas almas
a rasar os muros
no frio invernoso
da cidade morta
onde se arrastam
em noites sem lua
ruídos cansados
de passos na rua
de quem vai e vem
perdido sem rumo
em busca de alguém...

27. Trajecto

O meu destino segue agora
a torturada linha recta que separa
o lugar onde estou
da meta para onde vou,
fio ténue pronto a romper-se
que um dia será cortado
pelo som das asas de uma borboleta
a esvoaçar entre desfiladeiros da alma
lá onde pasce o vento solar.

28. Dúvida

A grande angústia da vida
é a pergunta da morte,
mas se a morte é só a morte
uma palavra mais nada,
para quê questionar o sentido das coisas?

29. Fantasia

Vesti-me de searas e de vento
em cores revoltas como a luz
e fui-me embora
disfarçado em pensamento
para dentro dum quadro de Chagall.

É lá que vivo agora
ano após ano
soletrando a fantasia
da verdade em cada dia
e do sonho em cada hora
sem temer o desengano.

30. Natureza

O pecado mortal é viver
a agonia da natureza
sem um gesto um movimento
um protesto de revolta
um último desalento
no desespero terrível
quando se perde a voz.

Esquecer essa agonia é olvidar
que tudo o que respira vive e morre
na terra no céu e no mar
se esvai num grito irredutível
porque a natureza somos nós...

31. Imortalidade

Foram-se os espíritos nobres
ao longo da via astral
afastados do nosso olhar.

Mas as suas palavras cintilam
ainda e agora
no céu do pensamento
entrando sorrateiramente em nós
por portas abertas e janelas
com o fulgor de outrora

tal como as estrelas que se escondem
em constelações perdidas e recantos ermos
mas que nos fazem viver com elas
mesmo sem as vermos...

32. Os monstros

Hoje os monstros sobrevivem a tudo
com ar compungido e fugidio,
e até podem encarar as crianças
cujas almas roubaram
vazando-lhes os olhos
cortando-lhes a língua
e tornando irrisórios gestos que apontaram.

No silêncio geral
do pudor das almas delicadas
desponta agora uma justiça de permeio
que escreve, escreve, escreve sem descanso
factos, factos e novos factos
em páginas e mais páginas.

De tanto escrever e rescrever
as letras diluíram-se num oceano de tinta e vomitado
que mais ninguém consegue ler.

Decreta-se, enfim, que não há culpado.
Tudo resultava do cálculo maquiavélico
de diabólicos entes de palmo e meio
declarados mentores do crime organizado.

Graças a Deus que se fez luz!
Agora que as vítimas foram desmascaradas
é preciso processá-las antes que cresçam!

33. Novo ciclo

Foram-se os dias e as noites
na cauda de um cometa de passagem
que segue o rasto da flecha do tempo
e não mais volta.

Só ficou a claridade dos movimentos já cumpridos
no pulsar dos instantes revividos

o som dos risos que regressam às vezes
quando as tardes desfalecem

o eco das palavras de esperança
gravadas em sulcos de emoções

as imagens que assaltam a lembrança
como ondas a falésia quando a calema vem

as recordações que bruscamente acendem
fogueiras nos corações em tocaia

o silêncio que desmaia
quando uma pena roça a face adormecida

o vento que suavemente dança
uma música distante vinda da memória
que se esgueira por entre as frinchas
da porta emudecida.

Vale a pena reviver o que ficou
se soubermos reconhecer o rosto do efêmero
e guardá-lo numa mão semi-cerrada
como se abriga uma ave ferida
até que sare a dor
até que a alma regresse ao ponto de partida
num voo sereno como o do condor
e recomece um outro ciclo ou nova vida...

34. Regresso ao sol

Quando estremeceram os relógios
o brilho do olhar
extinguiu-se como a primavera
em vésperas de estio
e regressou ao sol donde viera
deixando na sua esteira um rasto de luz
no oiro que escorria de cabelos fartos.

Para trás ficou
um gemido em anos prolongado
que o vento imita às vezes
quando uiva baixinho num ermo perdido
e vem desamparado habitar
dentro da solidão e do temor

como se penetrasse espavorido
num lugar abandonado
em busca de refúgio
para fugir à dor...

35. Horizonte do mundo

O horizonte do mundo
fechou-se nas asas do corvo
e abriu caminho de olhos vendados
nos passos que vacilaram
em pés ensanguentados
quando o sol fugiu de roldão
no dorso das aves.
Foi então que as lembranças regressaram em tropel
pelas frestas da muda solidão

36. Criação

As coisas não são como são
mas o que delas se faz
por isso o poema é possível

37. Voz

Não há no espaço mais nada
do que a voz que vem de longe
rente aos astros
e segue as pegadas que ficaram
nos sítios mágicos

voz dos dias e das tardes sem regresso
quando à praia da Parede
ainda chegavam os sargaços
que se afogaram no mar

voz que diz a mágoa de saber
que não mais volta
e traz a lembrança dolorosa
de pensamentos à solta

38. Silêncio

Não há pássaros nem insectos
nem ruídos nem zumbidos
lá onde passam incansavelmente os vivos
que sem saber já estão mortos
em gestos de calcário
nas ideias esmagadas distraidamente
como folhas derrubadas
que desmaiaram nos braços da árvore
atingidas pelo bafo regelado do Inverno...

39. Pesadelo

Os olhos do mar espreitam por entre casas
iluminando a rua para a pintar de azul
com desenhos de peixes voadores
espalmados nas paredes brancas
e corpos de náufragos mortos
debruçados à janela
a despedir-se do sol

enquanto árvores sacodem cabelos verdes
e o vento deposita aos pés da solidão
o sabor almiscarado de frutos tropicais
vindos de longínqua infância
que trouxe consigo o cheiro de plantas silvestres
de africanos matagais
e rubras buganvílias em flor

a incendiar de cores desvairadas
a planície onde vagueiam sombras
à procura de destinos novos
para esquecer a dor.

40. Fanatismo II

Aí vêm de novo ao cair do dia
os algozes loucos do apocalipse
com ódio a escorrer dos sabres
e a tingir as mãos

de órbitas vazias donde o olhar fugiu
bocas gangrenadas
por um deus vociferante
que escravizou a própria morte.

Cerremos os punhos e os dentes
para enfrentar com olhos frios
a noite das facas longas
rasgada pelos uivos dos dementes

e afoguemos devagar a peste
no sangue verde da sua própria raiva...

41. Viver sem dar por isso

Morreu ao entardecer o último sussurro
do coração agitado pela incerta dúvida
do homem que viveu sem dar por isso
até ao suspiro derradeiro na hora da partida.

Mas um dia abriu-se a pedra tumular
para deixar passar a sua alma
que por montes e vales andou perdida
e que voltou para encher a noite húmida
de um cântico atormentado
implorando com desespero o seu regresso
ao que só agora sabia ser a vida...

42. Vontade

Que venha a incerteza abalar os corações
neste tempo plúmbeo de infidelidade
aos ensinamentos já esquecidos.

Que venha a tolerância no rigor
da mente e do gesto
comandar as emoções banais
da morna vivência do quotidiano
e suportar estoicamente a dor
das perdas desesperadas sem regresso.

Que venha a energia da vontade
suster a cegueira do furor
e afastar com o reverso da mão
ou a lâmina da espada
o ódio estranho dos que só almejam
ser o que não são
sem saber o que não sabem

para quem, nas trevas opacas da superstição,
a morte fútil é a palavra de ordem
quando a razão desfalece
numa golfada de sangue.

Não deixaremos que se rompa
o ciclo da natureza
o voo tranquilo das gaivotas
o exacto crescimento das flores
ou a rotação matemática das estações

porque a vontade resistirá ao medo
mesmo que lágrimas de sal
escorram nas paredes
como a lava dos vulcões
no julgamento final...

43. O grande rio

Veio a morte em asas de silêncio
arrebatar a luz, vaziar os olhos
emudecer a boca
coser o riso na garganta
abafar o grito das entranhas
quando a matéria e o espírito
se separaram pela derradeira vez.

Ficaram para trás turbilhões de pensamentos
recordações, alegrias e remorsos
desses tempos que se transformaram

em destroços de eternidade
arrastados à deriva
na corrente do grande rio caudaloso
onde se afoga a vaidade
no desesperado esbracejar de Sísifo

44. Aniversário

Hoje é o dia da eternidade
em que a vida se fundiu na morte

é o aniversário da última verdade
trazida pela mão do desengano

é a mágoa das horas já sofridas
suspensas na espiral do tempo

é a certeza irreparável do efémero
no canto da ave ou no sopro do vento

é mais um passo na longa caminhada
até ao reencontro de destinos

na galáxia do verbo sem palavras
onde chegam silenciosos peregrinos

quando o sofrimento adormece
como a chama de uma vela que se apaga...

45. Quando nascem flores

Nascem flores em mãos abertas
quando os braços se estendem até ao sol
para lhe arrebatam a luz
e combater medos que espreitam
sob as pedras
enterradas no fundo de cavernas cegas
onde a compaixão não entra.

Dessas flores brotam às vezes
chamejantes espadas
que a razão empunha

para decepar palavras e quebrar silêncios
de promessas rasgadas
pelo esquecimento

espadas
que calem vozes desvairadas
de almas já mortas
que moram nas trevas
do ressentimento

para do chão erguer
os que lá tombaram
de punhos cerrados

quando recusaram
erguer o estandarte
de cumprir a vida
só para morrer

porque a morte é irreparável fim
nunca recomeço
se espezinharam flores
no sangue sem remorso.

46. Prece

Venha o sol venha a lua
venham as aves do céu
venham os corações aflitos
de alma simples e nua
venham os astros caídos
venham as saudades do que foi
e mais não volta
venha a revolta
de uma multidão clamorosa
de espíritos livres à solta
que recusam ir-se embora
venham as canções silvestres
o chilrear das crianças
a fazer desenhos coloridos
com a língua de fora
venham as velas brancas
que passam ao largo
dos corações pintados
nas pregas do olhar
venha o braço da firmeza
e o punho da valentia
concertar as injustiças
por toda a parte espalhadas
até aos confins da terra
e à profundidade do mar
venha a vida salpicada
de risos e gargalhadas

que ecoam no universo
mesmo depois de morrer
o último homem

47. O ano do porvir

Desenho no céu um traço
que pisa o corpo do tempo
e rasga o ventre do espaço
abrindo o horizonte a um novo ano
onde o futuro começa sem memória
para apagar tristezas antigas e velhos sofrimentos
como se o mundo nascesse no preciso instante
e tudo tivesse voltado ao seu lugar nesse momento
envolto na força da magia
tão poderosa da infância
quando a verdade era fantasia
e a fantasia a única coisa realmente verdadeira.

Um dia as portas abrir-se-ão uma a uma
empurradas por espíritos benevolentes
ao longo de um corredor sem fim
até à última guarida
onde chegarei guiado pelo apelo mudo
e com alvoroço tocarei o espelho
do outro lado de mim.

48. Morrer pelas ideias

Morrer pelas ideias
não as torna verdadeiras.
É melhor viver por elas.

49. Niilismo

Enterremos a lâmina da memória
no corpo do niilismo
para descobrirmos o que fomos
sabermos o que somos
e podermos então pagar o preço
de merecer a vida...

50. Sonhar

Pensar que se pensa
também é pensar
ainda que o nada não possa ser pensado
e seja pensamento inacabado
de efémera intuição.

Porque não, se afinal
também a fantasia
acalenta os dias?

51. Confusão

Quem disse alguma vez
que amar é interpretar uma mentira
não sabe do que fala
ao confundir instante e duração,
a palavra autêntica e sentida
com a retórica vazia,
o abraço com o gesto vão,
a morte com a vida...

52. Tsunami

Irado o oceano abriu asas de condor
como cordilheira ou Adamastor
que se abate com um rugido sobre a planície
esmagando carne e devorando gritos
que se afundaram num abismo de espanto
de que apenas ficou o rumor longínquo
de um silêncio que se esvai
em moribundo pranto
nas terras martirizadas
que a noite engole quando o dia cai.

53. A morte dos deuses

Os deuses cairão tragicamente mortos
trespassados por um raio de fogo ou de luar
ao desaparecer o último homem
e não restar mais ninguém
na terra gelada para recordar.

Sem os homens, os deuses são inúteis
e deuses só com deuses
não são deuses
mas outra coisa qualquer.

Quando o Eterno der lugar
ao infinitamente temporal
os deuses envelhecerão lentamente
nascerão sulcos e neve no rosto surpreendido
esbracejarão em gestos sem sentido
perderão a memória
do que foi o bem ou o mal
o inferno ou a glória
conhecerão a dor da brevidade
e desfazer-se-ão por sua vez em pó.

Então o planeta será apenas um ponto no espaço
uma minúscula esfera agarrada
ao fio vertical da gravidade

como um pião que gira solitário
na palma de uma mão enrugada
que treme de cansaço.

54. Alegoria das flores

As flores nascem no riso
das frescas manhãs da juventude sem idade

nas gargalhadas das tardes ensolaradas
quando a luz as envolve
no esplendor da maturidade

na quietude suave das noites
que se espreguiçam langorosas
quando da seiva escorre a vida
e da vida a eternidade.

As flores nunca morrem
enquanto forem flores...

55. Juventude

A chama da juventude não se apaga
se, aqui e agora,
espalharmos sobre ela ao longo do caminho
macheias de sonhos
e sementes de recusa

para que as raízes não medrem à sorte
num espaço sem fora
em corpos de medusa
que se movem fechados sobre si
num casulo de chumbo
à espera da segunda morte.

56. Antropocentrismo

Um dia zaratrusta será repellido
para a periferia do universo

e então os animais, as plantas
e tudo o que
desesperadamente até aí sobreviveu,
respirarão de novo

como nas madrugadas frias
do princípio da criação
em que o tempo ainda não era tempo

quando os deuses não tinham chegado
trazendo acorrentado
o homem pela mão

e as catedrais
não eram depósitos de mercadorias.

57. Progresso

Quando a terra deixou de ser sagrada
os homens tomaram-na de assalto
e, com a fúria do vento
e uma ambição gelada,
sangraram-lhe a alma
até cavar um buraco no vazio
onde não cabe a memória
e se afoga moribundo o pensamento...

58. Saber sonhar

Quando soubermos sonhar
(e não há nada mais concreto
do que o sonho assumido)
os mortos que já amámos
no fugaz instante de uma vida
voltam sempre que quisermos
a entrar por essa porta
aberta de par em par

para fazer o balanço
dos sonhos que se esfumaram
e dos que ainda tivermos
quando chegar a hora
da única certeza...

59. A alma nutritiva

Aristóteles para todo o sempre ensinou
que o espírito se alimenta de verdade
quando tem uma *alma nutritiva*
instalada no centro do ser e do não-ser.

É ela a sombra fugitiva
que a natureza criou
para os dias desiguais

como o tumulto de um rio
que chega de rompante das montanhas
nas secas manhãs de estio
e vem perturbar o sossego inquieto dos lagos
que sobraram no coração do homem...

60. A verdade do sentido

O sentido da verdade
e a verdade do sentido
são como as faces de Jano
desenhadas a pincel
num espelho distorcido.

O sentido da verdade
rasga o espaço e traça o rumo,
flecha do tempo atirada
para um ponto cardeal
em qualquer parte escondido.

A verdade do sentido
é um despojo de vida
sem lugar para a vaidade
onde soçobra a mentira
e se busca a substância
da imanência obscura
que projecta a claridade...

61. Cinzas no mar

É com macheias de algas
e flores de lava
que saúdo a passagem das cinzas
onde está escondida a alma

a viajar na corrente
empurradas pelo sopro
da brisa vinda da morte
e para o sul de partida.

As cinzas vogam nas ondas
cinzeladas a escopro
que festejam o retorno
a outra forma de vida
no *universal singular*.

É assim que se entrelaçam
os cabelos que branqueiam
com esmeraldas no olhar
enquanto pairam gaivotas
em espelhos nus que mergulham
nos rendilhados de espuma
do rosto sereno do mar.

O fulgor de nostalgia
desta viagem das cinzas
a singrar nos oceanos
planta nas vagas cavadas
velhas raízes de outrora
e guarda o fogo sagrado
recordando cada hora
cada instante
cada minuto de vida
ancorado na memória
desta falsa eternidade
quando a lembrança ferida,

abandonada, sozinha,
desencontrada de si
pela traição da idade
agonizar lentamente
sem protecção nem guarida
e desaparecer no espaço
onde apenas resta o eco
de palavras que ficaram
e gestos petrificados
duma existência esquecida.

62. Brevidade

Morar num breve sopro
entre dois infinitos
incomensuráveis
é ser o ser que passa
num golpe de asa
a romper a sombra
o vento e a onda
da temporalidade
e voltar às trevas
que o homem esqueceu
nessa claridade
que menos durou
do que a frágil luz
que só cintilou
e logo feneceu
como um fogo fátuo
no mapa do céu.

63. Homens no plural

Humanidade
prece ou palavra singular
substantivo colectivo
tantas vezes
evocado em vão
na monotonia
do bem e do mal
até à exaustão
até à agonia

quando se esquece
que apenas existem
homens no plural
se a vida determina a consciência
e não apenas a consciência a vida.

64. Num quadro de Rouault

Quando a angústia chegou
ao atravessar a vou o grande rio
o homem teve a revelação da morte
num quadro de Rouault
e vislumbrou de relance o artista de tocaia
disfarçado em Cristo
do lado de lá da tela
a mão mutilada na charrua
lavrando a teia de uma aranha
no manto do entardecer
enquanto em pinceladas de fogo
pássaros caíam do céu
como pedaços de granizo a arder.

Foi então que descobriu
olhando o horizonte que ficara para trás
perdido num impreciso traço
que o ténue rasto do caminho percorrido
durante a longa vida até ali vivida
cabia todo inteiro num só passo...

65. Ciclo da brevidade

A espada rasgou o coração da nuvem
e dela fez jorrar o sangue do entardecer
que tingiu num frémito de púrpura
a nudez em brasa do horizonte a arder
quando se cruzaram as últimas aves
a devorar espaços como setas famintas
até à morada das árvores
amordaçadas no verde sufocante da folhagem.

Então a morte passou por ali
majestosa e plural
arrastando o breu profundo
do seu manto imenso
vinda do arquipélago imortal
do desencantamento do mundo
nas coordenadas do universo suspenso
onde as sombras se diluem
em palavras de silêncios por dizer.

Quando regressou indiferente e gélida ao abismo
na lonjura sem retorno ou remissão
levou consigo corpos e farrapos
rompeu o ciclo dos dias renovados
feriu mortalmente o próprio movimento
matou ideias e vontades de viver
deixando para trás o sofrimento
das raízes arrancadas à razão perdida
num sabor amargo de querer e não saber
que sentido dar à brevidade interrompida
ou mesmo em derradeira instância e desrazão
se vale a pena voltar ser vivida...

66. Precariedade

A contingência estrangulou a eternidade
no gesto brusco que traça
um sulco no possível
quando o tempo é sopro que passa
fugidio ao dobrar a esquina
como a sombra que desliza rente
ao muro da suspeição
onde imagens se desvanecem de repente
seres nascem e logo desaparecem
quase sem darem por isso
no limiar da fronteira extensa
da contingente ilusão.

67. Nó górdio

Se a morte é cortina rasgada
num ponto de interrogação do universo
onde os deuses estão ausentes
e o todo se desfaz em pó
na solitária dor da solidão
que sobrou da ausência,

então o voo promissor das aves
no vazio desenhado à mão
é apenas uma linha trémula
segmento de recta desgrenhada
que vacila e se quebra de rompante
na consciência desesperada
que afinal a vida é imanência
da precariedade fútil do instante,
se dos confins do caos não chegar a voz
que redime o nada...

68. De passagem

Quando as lágrimas singraram
em direcção ao largo
deixaram para trás nas margens solitárias
sombras que já foram e se quedaram mudas
a olharem sem olhar vultos que passaram
enquanto o vento mordida a cauda com remorso
por ter dado às feras o coração dos homens.

69. Quando a poesia é crime

No vale das vozes
a poesia é crime
quando passa em silêncio a ignomínia
das verdades em baldios enterradas
com um punhal no coração
e mata indiferente o gesto livre
pela mão dos verdugos da palavra

a poesia é crime
quando maldiz a razão no pensamento
e acolhe da barbárie as velas enfunadas
vindas dos quatro pontos cardeais
donde chega a dor que trás o vento
no furor dos vendavais
e escorre alucinado
o sopro da desrazão...

70. Notícias do sul

(Para Angola)

Os pássaros em formação trouxeram em asas de prata
lampejos decadentes de sol vindo de África
clarões que as guerras já quase apagaram

saudades dos amigos que foram em excursão ao céu
e lá ficaram por desgosto de viver
ou que aí vão chegando aos empurrões
perseguidos por cães enraivecidos a escumar
à voz de sicários e ladrões

sombras de antigas namoradas
que o crepúsculo envelheceu junto às raízes
a pele a definhar nas faces engelhadas

mandioqueiras que talvez descendam
de outras que a terra devorou ano após ano
desde a época recuada das velhas quitandeiras
de charuto virado para dentro como um vulcão que dorme

pescadores axilundas do Mussulo
a rebolarem músculos como deuses gregos
fantasmas a deslizar no lençol da estrada
onde jazem estrelas pensativas que não brilham

porque a poeira ocre é dor ensanguentada
que varreu pegadas que ficaram
marteladas nos caminhos da memória
por multidões de pensamentos nómadas
dilacerados entre o passado e o presente
de uma existência espúria

mortos-vivos que desfilam em cortejo
em busca de um futuro ausente
onde a morte chega sem clamor
na agonia dos sons e na lividez da fúria
sem imaginário, sem vida e sem desejo
de receber ou ofertar amor...

São estas as notícias que do sul vieram
pela boca de mensageiros e poetas
que voaram por cima das muralhas
do tempo suspenso
montados em raios de luar
mas que do lado de cá só encontraram
rios silenciosos e indiferentes que passam
para se afogarem no mar...²⁸

²⁸ Publicado em *Encontro* -Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco
(Brasil), Ano XXII, nº 19, 2005

71. Intuição

Voo do pensamento
asa de linha quebrada
que desata os nós do tempo

relâmpago de luz crua
cuja sombra se projecta
em ferida que não sara
na alma nua

eco que paira
a espreguiçar-se nos vales
em círculos de borboletas

eco que se afogou
no sofrimento de quem
conta minutos em vão
e vê apenas sentido
no sem sentido que tem
o apagar de uma vela.

Só a palavra é lar do ser
(seja onde e quando for)
da vida que aí mora

enquanto de sentinela
a morte espera lá fora...²⁹

²⁹ Publicado em **Encontro**, Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco (Brasil), Ano XXII, nº 19, 2005.

72. Renovar destinos

Vindo da terra e atravessando o mar
num voo sem direcção marcada
sem sítio onde pousar
sem saber que rumo ter
à boca da encruzilhada

o homem segue a monotonia dos dias
rio acima rio abaixo
ao sabor do querer dos deuses
que habitam a corrente
impelido sempre em frente
sem saber para que lado
nem se corre ou se enraíza
se recua ou vai a passo
porque a bússola em desvario
perdeu de vista as estrelas
e o trilho que vem delas
sem conseguir ver no espaço
vestido de azul profundo
o lugar que a morte guarda
onde, à vez, pernoita o mundo
talvez ao virar da vida
no tempo da relatividade
que a ilusão faz durar,
entre planetas, montanhas ou pinhais
no romper das primaveras
que mãos delicadas moldaram
com o barro recolhido
nas pálidas auroras boreais.

Mas chega o dia em que a vida
quebra o silêncio da morte
como um relógio que se acerta

dando-lhe de novo corda
para dialogar com o tempo,
pulsar de coração mecânico
que pouco a pouco desperta

enquanto a chuva lá fora
num cair cerrado e lento
esculpe serenidade nas pedras
e faz desenhos no vento.

Então da terra encharcada
renascerá o perfume doce das amoras
dos lírios e dos sargaços
quando o sol incandescente rasgar o ventre da noite
iluminando os passos
e o voo deslumbrado das horas
na planície a arder

para que a cegueira não tolha o andar
a escuridão não apague da promessa o vulto
nem o silêncio amordace palavras necessárias
que como fénix mitológicos
devem subir aos céus e pairar
no espaço indizível do ser.

É preciso, murmura a natureza em volta,
que os riachos desabrochem no seu curso
invadam as encostas em tumulto
e varram as coisas fúteis
num gesto caudaloso de revolta
do tamanho do universo.³⁰

³⁰ Em *Encontro*, Revista do Gab. Português de Leitura de Pernambuco (Brasil) , Ano 22, nº 19, 2006

73. Sobrevivência

O corpo entardece quando o sol definha
no fim do percurso no prumo da linha
ao mesmo tempo que a alma bebe
na fonte da juventude eterna
a luz desmaiada da aurora inicial
emalada no dorso da seara.

1)

É ela que mantém afastado de si
à distância de um sopro ou talvez mais
o bafo ofegante da esquiva sombra
que tece artes e manhas
mas não ousa passar o umbral
enquanto a claridade que do espírito emana
tiver uma língua de fogo nas entranhas
para incendiar a inutilidade do mal.

74. Espera

Galopam os dias na vertigem do instante
espezinhando o tempo nos cascos do vento.
Os anos envelhecem e as estátuas voam
silenciosas como o pensamento
em estradas gastas por recordações
espreguiçando-se campos fora
na mansidão vagarosa da espera
a viver os minutos de cada hora
até que se apague definitivamente o sol
porque entretanto morreu a primavera...

75. Partida

O homem recolheu a chuva nas mãos rotas
e deixou que os sonhos escoassem
na areia movediça das palavras
entre arrepios e sussurros de folhagens.

Então despediu-se devagar da vida
voltando as costas ao último rumor
quando chegou o tempo da partida
para as remotas paragens
onde o silêncio mata a dor.

Agora veste-se de pedra
e na pedra retoma um novo eu
por ter valido a pena ter passado
pela pena já perdida que viveu...

76. Tempo parado

Só a placidez insolúvel do rochedo
laminado pela mão do vento
amaina o furor dos deuses
quando o horizonte balouça
como um navio na crista
ou um coração que trémulo hesita
entre morrer e não morrer.

Se chega a calmaria, vem o nada,
no silêncio cercado pela ausência
quebra-se a espuma das imagens
e desmaiam sons que pairam longe
tão longe que o ouvido não alcança
e o próprio olhar a olhar se cansa.

No tempo que já não passa
há memórias sem guarida
que gota a gota escorrem
por entre dedos inertes
que ainda simulam vida...

77. Sonhos de grandeza

Vão os cavaleiros pelas nuvens acima
nos olhos da criança
enquanto os velhos se lembram com dor
do tempo em que as caravelas
agrilhoavam sonhos de grandeza
e estrangulavam cada dia a inocência
no regaço das velas enfunadas
inchadas de furor
a perseguir o nada...

78. Almas mortas

O espaço aberto não atrai espíritos pequenos,
dessa pequenez que a banalidade almeja,
plantados como estacas sem raiz
que não projectam sombra
onde a paisagem nunca se renova
e a natureza só tem uma estação.

Espíritos que apodrecem sem memória
á beira de ruínas de um castelo
povoado de almas mortas.

São eles que saúdam as toupeiras
vindas de abismos escondidos
no coração dos homens
quando o pensamento estiola
a ambição desiste de cavalgar o vento
e o olhar na escuridão se imola...

79. Passagem

A sombra deslizou pela fresta do tempo
abafando os ruídos dessa tarde quente
ao passar a barreira para lá da qual
plantas e almas crescem num sussurro

onde vozes só chegam em pensamento
nas asas que passam rente à incerteza
para levar a transitória mensagem
dos riachos que viajam sem destino certo
a subir e descer montanhas mágicas
até se perderem na voragem
insaciável do deserto...

A sombra foi-se embora de mansinho
para outra dimensão do ser profundo
mas deixou um rasto de perfume
do tamanho do mundo...

80. O regresso do consentimento

Foram os tambores que em tempos rasgaram
a ordem gélida da resignação
e num alvoraço de chamas desfolhadas
fizeram o silêncio arder em labaredas
nas ruelas por onde rastejava o medo.

Hoje o seu rufar quedou-se mudo
os corações deixaram de bater
quando vermes devoraram a memória
e se abriram alçapões onde tombaram
uma a uma frustradas ambições...

Foi então que regressaram sem remorso nem pecado
os deuses inúteis das tragédias gregas
vindos de algum Olimpo almofadado
para dominar o espírito do ser
em nome de princípios cujos fins
são o próprio fim desses princípios
num movimento em círculo fechado
que se repetirá até apodrecer...

81. Sobrevivência

Enganar a solidão
é viver uma segunda vida
numa passada dormente

à sombra da sombra escondida
do lado de lá da lua

a tentar matar a morte
sem perecer no caminho
de uma noite indiferente

como um cão agonizante
a uivar sozinho...

82. Indefinição

A chuva escorre pelas mãos rotas
e vai terra adentro
até à raiz dos corpos descarnados
onde não chegam os rumores do vento
nem da injustiça a dor antiga

dor que paira em risos destroçados
como o eco num vale profundo
desde o tempo em que o tempo abriu as asas
e das horas se evadiu num voo largo
em direcção ao espaço indefinido
para cá do nada e para lá do mundo.

À semelhança da chuva
também a vida se escoia
sem rumo certo ou lugar

como a canção que mal nasce
morrendo logo a seguir,

como a onda que se ergue
e desfalece no mar,

como o tempo que não tem
a duração do porvir...

83. Independência

Caíram máscaras quando a meia-noite veio.
Pelos mastros subiram cânticos desfraldados
em bandeiras ensanguentadas de ilusão
no céu transitório da verdade.

Símbolos antigos agonizaram devagar
enquanto novos empurravam o vazio
com a imortal inocência da vontade
em passos sob os quais desliza o chão...

84. Fénix

Eis que chega de mansinho o sol do Oriente
semeando na crista dos montes e no leito dos rios
um fogo de lantejoulas que iluminam fantasmas
vindos no navio de luz de outra galáxia
para fundear nos lagos de Macau.

A sombra hesitante e esquiva dos antepassados
que se perdera no labirinto mortal da grande marcha
para lá das sentinelas mortas das Portas do Cerco

emerge com a lentidão sem pressas de um grande peixe
regressado das profundezas para vir à superfície
e abrir um sulco no fulgor solar.

Desde então renascem vozes e ressuscitam gestos
no sem sentido aparente de razões milenárias
alheias à vontade dos homens
que no barro moldam a incerta razão...

[Macau, Fevereiro 2006]

85. Os lobos

A fúria dos lobos e a raiva dos chacais
tomou as colinas de assalto
se desertou o pensamento
dos deuses confundidos que já não sabem
desembainhar uma ideia
nem sustentar na face
o sopro glacial da dúvida.

Em fraque, cangalheiros das sóbrias verdades,
daquelas que desabrocham entre mil perigos
no horizonte rubro da incerteza,
enterram a vontade nos escombros
salgam a energia matricial da terra
fazem dela a massa estéril
da técnica sem rumo, do rumo sem consciência
que devora a razão da liberdade
e a liberdade que nasce da razão,
em nome da neutra ambiguidade
que tacteia em túneis de toupeiras
sem órbitas para vislumbrar o não!

Por isso são capazes de chorar a morte de algozes
ou de carnicheiros dos Balkans
que florescem semeados pelo chão...

No entanto os uivos das feras desvairadas
e o seu rosnar sedento
que fazem gelar o sangue das manhãs
e tolhem a cidade quando o Inverno vem
deveriam despertar em nós o sentimento,
sem nunca deixá-lo cair no esquecimento,
que os lobos também se abatem...

86. Destinos

Na turbulência da estrada
quando a poeira se agita
se homens rastejam nela
e perecem a abraçá-la

passam estátuas vergadas
em busca de um caminho
para chegar a Godot

nos percursos tortuosos
que transportam agonias
sem levar a lado algum

rodando em torno dos dias
dobrando esquinas do tempo
perdendo a vida a ganhá-la

ao morder pedras que jazem
numa memória vazia
onde os sonhos já só trazem
lembranças que não viveram,
farrapos de fantasia...

87. Limites do tempo

Em direcção ao espaço indefinido
para lá do mundo e para cá do mal
voam desejos nas asas da sombra

singram à deriva navios fantasmas
rumo ao promontório virtual
onde se afoga a loucura

até que na alma dos homens
renasça um dia o sentido
da escassez austera dos limites

até que Deus se arrependa
de ter desistido

até que venha a notícia
que regressou o tempo natural
em que as aves cruzavam simplesmente os céus
sem filosofia inútil

até que chegue o sinal
que a cegueira não alcança
as mãos já não tocam
e o andar não acompanha
por o julgarem perdido

e que afinal mora ao lado
nas três dimensões do ser

tão perto que só se vê
quando a morte arromba a porta
a golpes de machado

e apaga num clarão
o artifício do ter
para reduzir o desvario à dimensão
de evanescente passado...

88. Rasto efémero

Como a mão que o rosto afaga
desliza o tempo
até ao seio da terra

onde pairam recordações
e mora a espera
a viver da contingência das palavras.

É lá que empalidece a fugidia luz
no bafo frio do inverno
e desfalece lentamente o sopro
que alimentava o sémen das estrelas
na jovem alvorada.

Então o relógio do destino esgotou
o sabor imaginário do eterno
deixando na areia um sulco leve
que o vento apagará de madrugada...

89. Remorso

À porta blindada de silêncio
jaz o pó onde as pedras murcham
no torpor do gesto
que perdeu do despertar dos dias
deslumbramento e sentido.

É então que o moribundo descobre
o remorso de ser por não ter sido...

90. Memória

Quando a morte vem de surpresa,
chuva repentina
que engana o fulgor do verão,

o tempo desfalece
na memória dos que ficam

como gota que tomba na corrente
e num frémito se desvanece
atrás do rasto ausente

91. Decadência

Ao grito responderá
o clamor num eco
vindo do vale onde a solidão constrói
a guarida do homem.

Por isso o mundo talvez não sobreviva
ao exílio de Deus

a menos que a razão de Espinosa
seja a palavra certa

o voo das aves
trace rastos de fogo
em mensagens no céu

ou o estremecer da dúvida
levante o pó nas veredas escondidas
da natureza em revolta

quando a linguagem das cascatas
chegar aos ouvidos dos astros

das galáxias mais longínquas
no horizonte perdidas.

92. viver à revelia

Ficou para trás o que não foi vivido
em pedaços de tempo amarrotados
que jazem pela berma dos caminhos
no recomeço de cada nova estrada.

O que sobrou escoou-se em mil ribeiros
que se perderam nos vales de silêncio
para lá do delta das miragens

onde a recordação esbraceja fugidia
a chocar em moinhos com cabeças de medusa
que matam lentamente as ambições
da revolta que vive à revelia...

93. Rebeldia

A única verdade que ainda sobrevive
lá onde as ideias agonizam

refugiou-se no espaço efêmero
quando as certezas mataram
sabedorias trágicas

num exílio que durará até que passe
o reinado da arrogância e morra o rei
que comanda o despotismo da palavra,

porque nada sobrevive à morte
que se reflecte em espelhos cegos
com bandeiras a coser os olhos
quando a compaixão fraqueja

ou quando a noite chega num silêncio negro
e a claridade consente em perecer
morrendo o que a vontade almeja.

É então que o mensageiro dos deuses anuncia
que não há vida que mereça ser vivida
se se deixa estrangular a rebeldia...

94. Fim de cacimbo

Para Angola

Chegou o estio a arrastar
o bafo quente da ira
em desespero de fogo

quando os espíritos do mal
passam rente ao sofrimento
num cosmos desordenado
que enlouquece a verdade
na confusão do sentido,

matando o perfume antigo
do musgo nos muros velhos
e a música que as ervas cantam
ao renascer de manhã
na planície da ausência
onde agoniza a saudade,

estrangulando em silêncio
o que ficou por dizer
por detrás da aparência
que esconde dissimulada
o ardil da violência,

e a palavra não dita
que se usou sem ser usada
deixando pelo caminho
o amargo sabor do nada...

95. Interrogação

Se a matéria permanece
e a morte divide

quando o espírito rasga
a fugaz placenta
do encantamento
e se desvanece,

donde vem a música
que suavemente desce
a rampa das pálpebras?

para onde vão os passos incertos
em caminhos cegos
destinos errantes
no limiar do adeus

onde os sons se calam
o gesto se queda
e a voz emudece?

96. Substância

A ganância mora ao lado
tão longe que só se vê
nas entranhas do olhar
quando insondáveis se perdem
raios de treva engolidos
pelo vazio da espera
num poço que se fechou

e albergou a cegueira
regada pelo rancor
em que o nada finge que é tudo
e o fruto de tudo é nada

a apodrecer nas raízes
do coração e da mente
da floresta sombria
sem os cheiros de alvorada
nem cantos de ave esguia

porque a luz não vem jamais
sasar velhas cicatrizes
da substância dormente
no chamamento do dia...

97. Vozes

Dos velhos alfarrábios saem vozes antigas
que sussurram pensamentos a moldar a vida
e percorrem estradas verticais até ao tecto
entoando músicas ausentes
que vibram em surdina como se não estivessem lá
de sentinela a guardar fronteiras incorpóreas
em castelos erguidos sobre nuvens com raízes
que mergulham no coração dos homens.

De longe chega a vozearia da multidão virtual
que mói discursos e imagens em moinhos de palavras
a escorrerem na galáxia onde se dissolve o querer
trucidado pelo magma audiovisual,

palavras feitas de aparência e de ruído
que rolam por encostas e se espalham por caminhos
sem saída nem sentido
nem paz nem temperança
não sabendo o que é viver se alguma vez viveram
uma réstia de esperança
no mastigar do ser

enquanto lá em cima o tempo continua
como um fio de água que passa por entre a pedra nua
e cava com frieza rugas na mudança

98. Presente

Aprisionemos o instante do presente
em pássaro cativo nas grades do horizonte

numa eternidade imanente
sem utopia futura

nem nostalgia volvida
já perdida na lonjura

para que a palavra seja a ponte
entre margens altas da vida

não para construir a inocência do devir
no barro inconsistente da ilusão

mas repensar o pensamento
nos ciclos desiguais de contingência

como ondas que se desfazem na tormenta
e logo renascem em fortalezas de espuma

99. Tecnos

Quando os desvendadores de mistérios
brandirem o ceptro majestático da certeza
e fizerem pairar sobre a dúvida
a lâmina ou a mordaza do algoz

então chegou a hora da exigência
o momento de soltar o grito
que espanta os pássaros em revoadas de medo
e petrifica o tropel dos rios

tudo apagando sem clemência
no coração e na mente
por não querer mais o tempo dos relógios submissos
onde se enraíza a substância ausente.

Deixemos para trás as cosmologias
que os ídolos crepusculares nos anunciam

abandonemos o desespero que habita em vão
o estatuto provisório de mortais

e celebremos a lógica da terra
na recusa da era da ilusão

construída no vazio universal
do ter por ter sem outra ideia mais

100. Tempo dos “ismos”

Chegou a nave dos loucos
que fundeou na baía
ondulando mil bandeiras
uma nova em cada dia

não tem mastro nem velame
tripulada por fantasmas
em tempo de assombração

almas mortas que mataram
a razão da rebeldia
e a vontade da razão

101. Utopia e finitude

O gesto passa ligeiro
mas o valor permanece
tenuemente ao de leve
inscrito na duração
da vida que tem o ser

e depois se desvanece
até perder o sentido
do sentido que já teve
e talvez não volte a ter.

Suspensa recordação
duma infinita leveza
abandonada ao relento
porque vida já não tinha

como o grito duma árvore
açoitada pelo vento
que lentamente definha
e desistiu de viver.

Assim se vão os valores
de uma ética ferida
por finitude do ser

e se acaso algum dia
a utopia renascer
noutros corpos noutra vida

vale a pena defendê-la
seja fé ou desespero
sem descanso até morrer...

102. Epicentro do quotidiano

O muro da indiferença
vai trepar até ao céu
acima do esquecimento
ao encontro do desprezo

quando tudo enregelar
e matar o pensamento
dos que não querem ter querer
p'ra não ousarem pensar

nem viver sequer p' ra ser
outra coisa do que são:
pedras tombadas no chão
morcegos cegos alados
no centro do firmamento
lentamente a apodrecer

pedintes sem alegria
de mente resignada
nas esquinas dum destino
ou em ravinas sem fundo
à espera de lotaria
com pobres sonhos de nada
onde sobra o desatino

a viver de mão estendida
em becos e vãos de escada
do reino do Eu e Mim
que para eles faz as vezes
de epicentro do mundo
a marchar aos recuões

entes que não são nem já foram
sem altivez nem vontade
para enfrentar ilusões
quando a verdade é mentira
e a mentira é verdade
que se torna universal.

Assim se vive e se morre
tantas vezes sem saber
que indiferença é desprezo
e que desprezo é mortal
quando o homem finge ser...

103. Brevidade

Chegaram devagar já gastos os sentidos
que lentamente vieram à deriva
por maresias impelidos
nos círculos redondos das correntes frias

quando o tempo de fadiga se esgotou
e o verbo a pouco e pouco se perdeu
em projectos que ficaram por cumprir

para lá do fio ardente
que trémulo vacila
na escuridão dormente
onde o amanhecer entardece

em passos longos perdidos
e os dias se apressam a agarrar a noite
porque a esperança fenece
na curta brevidade dos sentidos

104. Razão

Ver é pensar, enquanto que
o sentir é sempre transitivo
da interioridade pensada.

Basta que a palavra
se converta em gesto
e o gesto em mundo

basta que a gnose obedeça
à busca duma verdade
entre a sensibilidade que pensa
e o pensamento que sente

para que a razão sobreviva
quando o sentido não mente

105. Limites

A linguagem matemática
que desvenda o universo
é a razão fascinada
pelo encontro das coisas

mas não passa de ilusão
quando reduz o infinito
ao círculo redondo e baço
da palavra agrilhoadada

ou à finitude que trava
o movimento do tempo
na monotonia do espaço

onde seres sem substância
ficam no vácuo suspensos
sobre os abismos do nada

tal como a vida que tem
a consistência do vento
a vaguear sem destino
por entre ruelas estreitas
duma aldeia abandonada

106. Instante

Os minutos, os dias e os anos
são bucólicos cometas de passagem
que riscam o firmamento num traço breve

como o lampejo dos olhos
que o relâmpago acende
e logo desvanece

deixando no céu perfis indefinidos
de guardadores de rebanhos
talhados no clarão fugaz
do cosmos transitivo.

Então as trevas famintas devorarão
as origens da memória que partiu
no rasto do tempo relativo
abandonando o corpo à matéria inerte

quando o esquecimento abalar rumo ao Norte
para cumprir com humildade a lei do universo
nessa forma última de modéstia
que é a morte...

107. Tempo de ser

A duração é o seu verdadeiro espaço
contido na dimensão do tempo transitivo
rasgando tantas vezes cortinas nas janelas
para que órbitas vazias possam ver

e desvendar a ligação secreta
inscrita na anomia do possível
entre pensamento e Ser.

Mas a duração só existe
enquanto dura
a narração dúctil da palavra
volátil como a aragem

que se apagará um dia, ou numa noite escura,
quando secarem uma a uma
as árvores em granito da paisagem...

108. Passagem

Não é o ser que fica
mas a passagem.

Só assim a eternidade existe
no rasto invisível
do voo que passa

se nos contentarmos
com a ilusão da espera...

109. Razão ausente

Como nasce no campo a erva
assim desabrocha o símbolo imortal

sequioso da ancestral linguagem
que fecunda a palavra em revolta
contra o cosmos e a dor

e recusa a encantatória imagem
da razão exangue
plantada no silêncio ou no exílio

imolada por bárbaros sentidos
em becos escusos onde não escorre o vento

e as ideias são apunhaladas
para vender ao desbarato mitos

nascidos no universo contingente
das causas primeiras desventradas

pelas facas longas
da cosmogonia ardente.

Porém a revolta está viva como uma noiva que espera
na soleira da porta por onde a luz entrou

e mesmo se a traição se esgueira em passos de sombra
nenhuma barreira poderá jamais parar

a flecha solar que atravessa a dúvida
para no gelo da renúncia se cravar.

110. Certeza

Chegará um dia a última certeza
que ao abrir as asas toldará o céu
no rasto plúmbeo do adeus
e a cor pálida do receio.

Não haverá limite nem fronteira
para a flecha do tempo que viaja
no espaço estilhaçado da memória

e inscreve em cada lápide a cegueira
do orgulho sibilino
que no efémero se alquebra.

Nesse dia a luz é estrangulada
pela mão esquálida do olvido,

como a ave incauta de surpresa sufocada
no nó escorregadio do sentido.

111. Atrevimento

É sempre sob a forma de um saber
que a ignorância vocifera

112. Sentido

Não tem sentido saber
o sentido que a morte tem
na dimensão derradeira
donde nunca vem ninguém.

Seja o que for que lá está
multitude ou solidão
silêncio eterno ou clamor
recompensa ou punição

não modifica o presente
nem o destino a haver
até chegar esse instante
da duração perecer

e sabermos no devir:
que estive em nosso poder
o simples acto de abrir
uma corrente na aragem

e ter a força de olhar
o que vale a pena ver
no outro lado da margem
da aparência do ser...

113. Caminho no mundo

(Relembrando Hegel)

Esse contraste profundo
entre a vida balizada
e o pensar intangível
dum absoluto no mundo

transforma a linha quebrada
da barreira intransponível

na serpentina meada
onde as aves fazem ninho

e os homens magoados param
antes de abrirem caminho
à era de perdoar

quando o juízo do mundo
em gestos amplos rasgados

traz a razão lá do fundo
de abismos que estão cravados
na agonia do mar

porque a história só é história
se for juízo do mundo

114. Desrazão e senso

O pensamento sumiu-se,
asas de mel que tomaram
a forma sem a matéria,

princípios ora intangíveis
que perto do sol voaram
na distância da miséria

tomados pela ambição
dos profetas da abundância
que sabem, ciência certa,
ser o Sim igual ao Não
e a alma sem importância

mesmo que a dor já escorra
pelas encostas em fogo
tingindo de sangue o chão

quando se vive de nada
amordaçando o protesto
nas vozes estranguladas
duma perdida razão

115. No fim do silêncio

No fim do silêncio
está a resposta
disse o velho sábio

porque a palavra é a causa
da sua própria causa

quando lavra regos
onde não há caminhos

e chega à claridade
rasgando cortinas

para dar sentido
à voz que esmorece

e romper a teia
que o silêncio tece...

116. Falsidades

Só o que é durável
cria duração e se renova.

Tudo o resto é sons
em desarmonia

tudo o resto é vão
palavra que voa
no sopro do dia

que deixa a demência
matar a razão

que avança no escuro
órbitas vazias

em fidelidade
a uma servidão

que diz liberdade
em aleivosias

arrasta-se na areia
fingindo pegadas
de tigre ou leão

que morre à sede
sem ver a nascente

e afirma a verdade
sabendo que mente.

117. Sono da razão

Os mercadores de nuvens fugidias
aguadeiros de ilusões

percorrem rastos sem trilhos
onde o desengano medra

quando o olhar é gerador
do seu próprio ver

a compaixão só existe
na consistência da pedra

e a transcendência definha
no instante de nascer

transformando então em nada
o quase nada de vida

porque já no fim da estrada
descobrirão com surpresa

que o sono da razão
só gera monstros...

118. Tumulto

Se a boca murmurasse
o que pensa o coração
na densidade do ser

o caos varreria com furor
a face do universo

tal como o voo subtil da borboleta
fecunda no âmago do tempo
o rugir devastador do furacão

119. Tempos novos

O mundo finito já despontou
no ocaso da verdade
onde tudo é relativo.

Vem aí o tempo de fuzilar
palavras e pensamentos
gemidos de liberdade

no mais funda das valetas
espalhadas pela cidade

matando saberes antigos
varridos sem piedade

para só deixar bater
o coração das pedras

120. Africa

Pela savana em silêncio
desliza sorrateiro o esquecimento
no universo das sombras
que abalroaram memórias.

Só a dor vive e persiste
por entre tambores de vento
que trazem vozes do longe
rasgando constelações
cerrando punhos na espera
de quando a compaixão chegar
ao coração da fera

Só a dor vive e persiste
em tempos de maldição
quando o caminho se esquece
e se aguarda que regresse
o sentido da razão

121. Idade o tempo

O tempo corre fugidio,
pássaro que desliza
entre dois pensamentos.

O que ficou suspenso
nos caminhos cegos
do passado ausente
é braço amputado
que não sabe se sente.

Mas já não basta sentir
nem alcançar o sentido
quando o tempo se confunde
conjugando o verbo ser

e a morte já está presente
no álbum amarelecido
dos turvos sonhos do mundo
em pesadelos que agitam
vagas atormentadas
que no mar varrem o fundo

2ª parte

Ironias



IRONIAS

122. Ideias

Há ideias que matam homens
e homens que matam ideias.
O mistério derradeiro
é saber
quem neste confronto
morre primeiro.

No meio dessa tragédia
perderam-se as coisas belas:
são muitos a matar ideias
mas já faleceram todos
que estão ao serviço delas...

123. Ilusão prosaica

Se cada um de nós soubesse
o dia do funeral
previamente marcado
pelo destino fatal
ou outra qualquer má sorte,
cem mil vezes seria
à tortura submetido
e outras mil morreria
depois de condenado à morte.

A ignorância é, neste caso,
autêntica felicidade
sobretudo quando dura
a ilusão prosaica e tonta
de vã imortalidade.

mas os sábios não desistem
com muito afincio e destreza
de mandar mais do que Deus,
como se não lhes bastasse já
enganar a natureza!

Alguns proclamam mesmo
com óbvio descaramento
que a ciência é certa
que a verdade já tem dono
e que o resto é fingimento.

Lá no fundo, bem no fundo
desse juízo atrevido,
todos eles apenas esperam
que Deus esteja distraído...

124. Postal souvenir

Para o Alfredo Margarido

Era nos anos sessenta
quando Paris vivia por interposto Maio
num Carnaval de fantasia e retórica
que a imaginação em delírio
chamava com orgulho: “*etapa histórica*”.

“*Etapa*” foi certamente
“*histórica*” não sei dizer,
mas entre a austera sisudez
dos donos do saber
e a ligeireza romântica da ilusão,
se alguma coisa ficou para reter
muita mais se perdeu sem remissão.

Lembro-me do António José Saraiva
certa tarde hirsuto e façanhudo
no café do Luxemburgo
sobre Nietzsche a dissertar
empunhando o verbo alto e colorido
para desancar
não sei que ideologia insana,
enquanto o Alfredo Margarido
irado com os deuses
e com os exilados portugueses
matava, implacável, um a um
os piolhos da estupidez humana.

À volta, cabisbaixos e em silêncio
quase em oração
os arautos da revolução esperada,
indómitos pensadores
da filosofia da pedra lascada,
cogitavam em séria aflição
para encontrar átomos de coerência
ao menos profilática
entre os voos aprumados da teoria
e o mísero rastejar da prática...

125. Progresso

Viva o futebol, diz o primeiro
viva o futebol, diz o segundo
viva o futebol , diz o terceiro
viva o meu clube, arremata o mundo

Assim falam com inexcedível brio
subida imaginação
e pensamento profundo
os tais
oitenta e tal por cento da nação,
ou mais,
a qual se diz por aí ter dado
novos mundos ao mundo
em tempos que já lá vão.

Num tom angelical
tais adeptos proclamam piamente
brandos costumes
nobres sentimentos democratas
et caetera e tal,
porém com uma excepção
mais do que justa:
o dever de esmagar como baratas
quem se atreva a pôr em causa
(é claro sem sombra de razão)
excelsos atributos
do bem amado clube
filho dilecto de beatas
em estado de menopausa
que, oh milagre!, dão frutos...

Eu mato pai e mãe se for preciso
estoiro seja quem for,
dizem com ardor
e carradas de razão
aqueles devotos
à mesa do café,
acrescentando até
com legítima emoção:
se alguém não concordar
esborracho-o com o pé.

Sou democrata mais que tolerante
afirmam todos com imaculada fé
e místico fervor,
mas se algum estupor
mais reles que animal
insultar o meu clube
e duvidar
que ele incarna
a luta pura e dura
do bem contra o mal,
chamo-lhe cavalgada
aberração
aborto natural
insulto-lhe a mãezinha
dou-lhe um tiro
na carapinha,
abato-o como um cão
espeto-o tal e qual S. Jorge
fez ao dragão!

Chegado ao fim deste fiel relato,
salvo erro e omissão
o resultado é chato.

De facto, na aparência
diz-se, pelo menos às mesas dos cafés,
que Portugal vai prosseguindo
destino de excelência
cavalgando de glória em glória
na senda do progresso.

Mas vistas as coisas
um pouco mais de perto,
deste processo
talvez seja mais certo
tirar também uma ilação cruel:

dos restos daquela História
que nos sobrou do passado
só ficaram escória
detritos e vomitado...

126. Ingratidão

Não sei de que se queixam
os queixinhas lusitanos
que só sabem refilar
constantemente
caluniando os ministros
que não servindo, se servem,
afirmam eles cruelmente.

Insultam os burocratas
que se matam ao trabalho
com virtude e devoção
à luz cansada das velas
para arranjar mais papéis
selos e carimbadelas
só para bem da nação.

Malandros de pouco siso
protestam que ganham mal
com salários de miséria
que por essa Europa fora
só suscitam pena e riso.

Mas esquecem, os ingratos,
que no seu descanso eterno
entrarão no Paraíso
enquanto os ricos vão
direitinhos p'ro inferno.

Tal vantagem não convence
nestes tempos infieis
as mentes endurecidas
dos pelintras lusitanos
malvados e piquinhas

cheiinhos de ingratidão
por desvelados governos
abnegados ministros
políticos que se matam
por uma côdea de pão
de tão mal pagos são...

Em vez de santificar
justiça e burocracia
que ao mundo estarecido
mostram coragem sem par,

acusam-nas de proteger
sem vergonha nem pudor
a velha pedofilia
o que é um grande horror
uma tremenda injustiça,
inútil será dizer.

Por isso o país anda
à deriva sem destino
quando os ingratos não querem,
só para dar um exemplo
desse grande desatino,
abrir os cordões à bolsa
para mais um submarino,
que destemido iria
afirmar nos sete mares
a nossa soberania

revelando desse modo
um espírito mui mesquinho
uma mente tão atroz
que mais vale pedir à Espanha
pra tomar conta de nós...

(2004)

127. Uivemos, disse o cão surrealista

Uivemos, disse o cão
bem lusitano
e alçou a pata
em ângulo impecavelmente recto
como nunca antes tinha sido visto
tal era o rigor cartesiano
dessa coisa transcendente.

Perante exemplo tão original
que espantou a gente
saíram os vizinhos para a rua
de norte a sul do continente
para uivar à lua
em todo o Portugal....

Um imenso clamor subiu até ao céu
nos campos, nas aldeias, nas cidades
e o país inteiro ergueu-se como um só homem
para uivar em louvor do cão.

O animal foi então condecorado
por ter dado um impulso grandioso
à estética de alçar a perna
com a precisão científica e o talento
de uma bandeira ao vento,
tudo isso acompanhado
do uivo mais famoso
que jamais fora escutado
em terras lusitanas,
o que deixou o bicho
(que era mui modesto)
de tal modo admirado
por coisas tão insanas
que agradecido abanou a cauda com ardor

mil duzentas e cinquenta vezes
enquanto percorria Portugal
de lés a lés em farta exibição
na viagem triunfal
da sua consagração.

E tão comovido
ficou o pobre cão
que na cerimónia da medalha
morreu de comoção
antes de poder alçar de novo a perna
num rigoroso ângulo recto
do mais puro rigor cartesiano
provando que se não era de Descartes neto
era, melhor ainda, lusitano...

Por isso o nobre animal
mereceu as honras
de um grandioso
enterro nacional...

Ficou assim provado
senão pela ciência
ao menos por instinto vago
que somos todos irmãos
do cão do Saramago...

128. Aleluia!

O famoso político ganhou as eleições

Aleluia!

Beijou abnegadamente com afã
duas mil e quinhentas
criancinhas com ranho
có-có nas fraldas e vomitado
todos os dias de manhã
até à noite, estoicamente
sem nunca tomar banho.

Passou a pente fino
bichas inteiras
de peixeiras com bigode
vendedoras de hortaliça
floristas brejeiras
que extremosas prazenteiras
o apertaram
nos seus braços de ferro forjado
e o lambuzaram por todo o lado,

apalpou discretamente
com sacrifício
por dever de ofício
gays do Bairro Alto
e costureirinhas da Sé,
abraçando com visível emoção
e fraterna solidariedade
todos os chulos do Cais do Sodré.

Gritou, gesticulou, babou-se a eito
em longos discursos bem sentidos
embora sempre repetidos
de que as TV proclamaram
a fantástica originalidade
digna de Orfeu,

até que chegou finalmente ao Parlamento,
ninguém se lembra já
se nacional se europeu,
o que de qualquer modo
dá sempre imenso jeito
para fazer discursos mais e mais
resolvendo enfim o dilema transcendente
a verdade crua e nua
cuja dúvida martiriza o povo:
saber quem nasceu primeiro
se a galinha se o ovo,

ao mesmo tempo que põe
nos píncaros da lua
excelsas maravilhas ultraliberais
do cada um por si e o resto ao molhe

dessa espantosa novidade
que é o Homem Novo.

Moral da história:
vale a pena sacrificar-se
pelo povo.

Aleluia!

(2004)

129. Direito à preguiça

Em tempos que já lá vão
quando os animais falavam
trabalhava-se para organizar o mundo,
mas hoje a paranóia consiste
em organizar o mundo para trabalhar.

Traiu-se uma lei honesta e necessária
à harmonia entre o homem e a terra.

Agora cheira tudo a carcaça
no espeto de um velho talho:
matou-se o direito à preguiça
e empunhou-se o estandarte masoquista
do direito ao trabalho...

130. Carreira

O novo ministro caracoleia
à janela da televisão
que é onde se faz carreira
e não a esfolar sem critério
enterrado no ministério,
o que dá um trabalhão,
hábito antiquado e
falsamente sério
que já não está na moda
nem sequer é patriota
porque não há quem queira
praticar tal despautério.

Diz o jovem político coisas sábias
e outras tantas pias
para agradar em Cascais às tias
em discursos *comme il faut*
sobre justiça, igualdade,
fraterna solidariedade
e, sem quartel, com certeza
a luta contra a pobreza,

tudo isto apimentado
com sentimento na voz
braços abertos clamando
pelos nossos egrégios avós

e o hino da Portuguesa
como música de fundo
em sinal muito profundo
de autêntica singeleza.

Vai daí é logo eleito
pelo povo embevecido
que gosta imenso de o ver
a bater forte no peito.

O povo constata depois
quando já não tem remédio
que não houve nenhum jeito
ter feito asneira em pôr
o carro à frente dos bois

elegendo aquele talento
sem se lembrar primeiro
que a pose não vale nada
e palavras leva-as o vento...

(2004)

131. Prosperidade geral

*Em memória
do Armando Antunes de Castro
pelas “ironias”
que tantos anos partilhámos juntos*

Uma alcateia de ministros empertigados
invadiu a aldeia de promessas.

O entusiasmo foi tanto
que os dentes cresceram
aos velhos desdentados

a égua foi coberta pelo bode
os bebés tiveram logo barba
as ceifeiras perderam o bigode

a vaca mugiu uma canção de Madona
e para a ouvir encantados
os peixes vieram à tona

enquanto os pássaros entravam pela janela
directamente para a panela
num voluntário e digno sacrifício
à prosperidade geral.

É assim a vida
no país das maravilhas
do reino de Portugal...

(2004)

132. Poluidores

Era uma vez um ministro
que tinha um cão.

Era uma vez um cão
que tinha um ministro.

Ambos criavam detritos
e outras chatices mais.
O cão fazia-os no chão,
o ministro só nas leis
circulares e papeladas
com selos ministeriais.

Mas tudo vai dar ao mesmo
com resultados cruéis
para o pobre cidadão:
tem a caca nos sapatos
e a caca dos papéis...

133. Opereta

Eram pai e mãe
e uns quantos filhos gulosos
cheios de brilho e fulgor
cada um com seu partido
cada qual com sua cor,
que a vida custa a ganhar,
é preciso estar atento
porque é bom sempre saber
para que lado sopra o vento.

O paizinho foi pra esquerda
a mãezinha pra direita
entre os filhos há de tudo
desde o esperto sempre à espreita
ao sonso que faz de mudo,
desde o feroz Torquemada
ao molengas mais astuto
que finge não fazer nada.

Quando algum vai pro poleiro
duma benesse qualquer
neste Estado benfeitor,
tudo come minha gente
com apetite e ardor

porque todos estão unidos
na mais sagrada irmandade
seja qual for a missão,
seita chalada ou partido
da ordem ou da desordem
(para o efeito tanto faz)

o que importa é estar na frente
ser feroz e bem voraz
seja em nome do que for,
tachos, poder ou tostões,
ninguém passa a perna à malta
e perder, nem a feijões...

Vem o pai, fala de tudo.
Vem a mãe, fala de nada.
Sem medo de repetir
os filhos tecem discursos
que lhe passam pela bolha
sobre a pátria bem amada:
da extrema esquerda à direita
da monarquia estafada
à República zarolha
da pureza racial
ao faducho nacional
tudo é bom pra estes jovens
de têmpera aventureira
servirem a nossa pátria
e, é claro, a carreira
que tantos proventos dá
num país de brincadeira
pois não há pátria sem homens
como os que andam por cá.

Nação que corre num rio
com enxurrada de leis
qual delas com mais dureza
que só apertam os calos
do Zéquinha plebeu
um desgraçado escolhido
pela fatal natureza
que o destino lhe ofereceu.

Felizmente as leis malvadas
que provocam tanta dor
não se aplicam aos casos
de tão ilustres famílias
citadas nesta opereta
que submeto ao leitor.

Aqui as leis são benignas
ou vão gelar pra gaveta
até vir a amnistia
poupando contas sem conta
com o rigor fiscal da treta.
Nesse santíssimo dia
os fiscais endurecidos
adoecem com azia
ou viram amigos porreiros
dos falsos contribuintes
e todos juntos entoam
a música das Valquírias
com letra do Quim Barreiros.

Manda a verdade dizer
quanto às leis para este mundo
de gente tão bem fadada
a quem o fisco não toca,
que a história está mal contada.

A verdade, verdadinha,
deve enfim ser revelada
com a mais pura franqueza.
A origem da riqueza
não tem mistério nenhum:
cai direitinha do céu
se se rezar com fervor
uma sentida novena
e um Padre Nosso ao Senhor

Como pode outra justiça
simples mortal e terrena
de tributação viperina
contrariar esta última
que é e só pode ser
de autêntica origem divina?

Não o podendo fazer
como é mais do que evidente,
limita-se a cobrir tudo
com música celestial
ornando pudico véu
e assumindo a pose casta
de se pôr de rabo ao léu,,,

Vindo a riqueza nos genes
tal e qual o sangue azul
manda dizer a decência
que ninguém pode alterar
a obra da Providência.

O paizinho e a mãezinha
mais os filhos já referidos
da tão louvada família
fazem parte daquele mundo
(atenção é importante!)
que não é um “*mundo cão*”

porque empregar tal expressão
era ofender sem motivo
aquele nobre animal
que merece, estejam certos,
muito mais consideração...

(2004)

134. Cantiga

Diz o adágio do povo
erradamente, acho eu,
que mais depressa se apanha
um mentiroso do que um coxo.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Tal ditado é das tais tretas
que no sentido moderno
não servem para ninguém

A olho nu todos vêem
que há ministros pernetas
mas ninguém percebe logo
que navegam em jangadas
e não em naus Catrinetas.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Neste país de muletas
bem mais valeria ter
um bom par de lunetas
para ver o que se passa
a dois palmos do nariz...

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Disto retiro a lição
que querer caçar mentirosos

tem a mesma utilidade
do que prender proxenetas
só p´ra lhes dar um sermão
sobretudo num país
desenhado em linha recta
em que os ministros não mentem
e dizem sempre a verdade
tal e qual o Borda d´Água
ou uma santa irmandade.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Tentar apanhar mentiras
à fidalguia de luxo
é impossível tarefa
e inglória ilusão
por não existir tal coisa
entre seres tão devotos
pela causa da nação.

E quando são despedidos
ou, diz o vulgo, corridos,
nunca por incompetência,
(já se vê, é evidência)
aceitam, com dor, ir parar
ao horrível purgatório
da fofa Administração
onde vivem de joelhos
e santa resignação

em empresas que antigamente
foram por si tuteladas
no tempo em que eram gente.
Agora vivem das rendas
de cujo merecimento

só os maus duvidarão,
com fatos de caxemira
e pantufas de algodão.
Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

E lá vamos cantando e rindo
levados, levados sim,
que o progresso é para amanhã
e a pátria é um jardim
feito de engenho e afã..

O que é preciso é que esteja
cada macaco no seu galho.
Que se lixe o revirinho
Que só sabe protestar
e mais outros pobretanas
que não querem trabalhar!

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

(2004)

135. Brandos costumes

Marido que mata mulher
e a corta aos bocadinhos
é cena mais que banal
mostrando os brandos costumes
deste nosso Portugal
cuja raiz vigorosa
é toda feita de “inhos”.

O pior está pr’a vir
quando as mulheres chateadas
gritarem todas “às armas!”
aprenderem karaté
e lhes derem tais porradas
com cacetadas de paus
que os põem a mijar
chá de tília e água-pé

ou os pescoços torcerem
a cento e oitenta graus
de tais valentes de feira
de modo a darem-lhes cabo
desse aspecto prazenteiro
quando olham pr’a barriga,
e vêm só o trazeiro.

Nesse dia, aqui d’El Rei
grita o povo emocionado,
foram-se os brandos costumes
voltou-se ao estado selvagem
do mundo incivilizado.

Quando tal dia chegar
já não há moralidade,
a tradição está perdida

só restando essa saudade
do tempo da boa vida
puro, sereno e mais que são
em que o macho lusitano
brandos costumes brandia
no uso dos seus direitos
pr' o prestígio da nação...

136. O regresso de Drácula no *barco do aborto*

Em certo país perdido
num canto do mapa-mundo
há um ministro do mar
moralista e furibundo
que manda em todos os peixes
do tubarão à sardinha
e dizem que mais ordena
num barco ou dois da marinha.

Mas esta triste história
sem grandeza nem glória
não acaba neste ponto
já de si de meter dó.
Lá diz o velho ditado
que um azar nunca vem só:
vai daí que cá chegou
de sangue todo pintado
cheio de pecado e mácula
um barco de feiticeiras
comandado pelo Drácula
que tentou de mil maneiras
atacar a alma pátria.

Logo o ministro mandou
fazer frente ao invasor
com esforço e mui fervor
apontando os seu canhões
ao tal barco do aborto
se o caso desse p' ro torto.

Hélas! a heróica marinha
ao cumprir ordens, levou
tal saraivada de fetos
que logo ali naufragou.

Nesta história bem pungente
onde a grandeza não falta,
falta o ministro valente
qu' ainda não teve alta
do hospício onde reside
com estatuto permanente...

(2004)

137. As moscas

Quando o ditador das moscas
só tinha aficionados e admiradores
o reino era um oásis bucólico
de pasmaceira e flores.

Nesse tempo
as vacas pastavam em sossego
devolvendo à natureza o que sobrava
e as moscas comiam tudo o que ficava
com molho de tripas e legumes
em largas pratadas
de brandos costumes,

nos cemitérios os defuntos escutavam enlevados
por mais não terem que fazer
o chilrear da passarada
e o balir dos borregos
pensando neles em guisado
com batatinhas no forno
e um tinto de Alentejo pra beber
ao som do fado esganiçado,

enquanto se apinhavam em torno
os pobrezinhos respeitosos,
daqueles que sabiam pôr-se no seu lugar
no tempo em que o respeito era bonito,

dado quase não haver
contestatários ingratos
pra cuspir dentro da sopa
e, oh horror!, a festa interromper
por felizmente estarem todos mortos
ou por nascer.

Depois o ditador, que para surpresa geral
afinal era mortal,
hélas!, morreu,
desenlace que decorreu do facto prosaico de estar vivo,
não tendo deixado descendência
por nunca, diz-se, ter usado
o aparelho recreativo.

O aprendiz de feiticeiro
que a seguir lhe sucedeu
foi também por desgraça destronado
e desgostoso fez-se ao mar
num carro blindado.

As moscas fugiram espavoridas
ou foram substituídas
por outros insectos que tais
por répteis
por chacaís
e por muita lesma.

É por isso que hoje, louvado seja deus,
a caca continua a mesma...

(2004)

138. *Direito e avesso*

Já não sei onde estou
nem mesmo quem fui ou sou
perdidas as ambições
que outrora, há muitos séculos, almejava,
em cavalgadas juvenis
onde havia amarras a soltar
castelos que era obrigatório libertar
princesas sequestradas
que, sabe-se lá porquê,
mereciam ser resgatadas,
monstros que não me fizeram mal nenhum
mas que queria por força derrotar
nem que fosse à dentada
e outros feitos heróicos
nesse campo de batalha
do quarto em que dormia
onde aventuras vivi
a esgrimir com a sombra
mergulhando espelho adentro
onde estava a cavalaria
do Emílio Salgari
que entrava à vez
com os quatro mosqueteiros
que afinal não eram três
como logo vi
(mas o Dumas pai
não sabia fazer contas pelos dedos)
e davam a volta ao mundo
se bem me lembro em oitenta dias,
ou em meses?

Por causa da idade
já não estou muito seguro
cá no fundo...
O tempo foi passando sorrateiramente
enquanto estava distraído
e hoje só vejo surpreendido
castelos em demolição
vendidos ao desbarato
a gentlemen de cartola,
monstros reciclados
na política e na bola,
princesas que já não dançam valsas
como antigamente
trazem jóias falsas
passeiam nas mundanas passarelas
em pose semi-nua
com a graça de cavalos de tracção
à frente da charrua.

É um mundo ao avesso
onde o coelho de Alice
saca homens do chapéu

onde as crianças são velhas
e os velhos não morrem nunca
salvo no terceiro mundo
que é para aprenderem
a não fazer escarcéu
(quem os manda nascer lá
em vez do lado de cá?)

Rica vida abençoada
pela ordem natural
(os ricos enriquecem
e os pobres empobrecem)
cientificamente provada

pela lei de Darwin
e pela justiça divina,
pois isso só acontece
porque uns trabalham muito
e os outros não fazem nada
como toda a gente sabe...
Hoje em dia não há sonhos
nem castelos encantados
e os velhos ideólogos
tanto os ateus como os crentes
estão todos embalsamados.

Os benfeitores da humanidade
são agora os financeiros
impolutos cavaleiros
e outros génios iguais
de pés assentes na terra
e coração instalado
nos paraísos fiscais.

A moral a tirar disto
é singela e elevada:
o dinheiro vale tudo
e tudo não vale nada...

139. Vocação

Seu burro! nunca mais
passarás da cepa torta!
ou vais cavar para a horta
ou domesticar animais!

Não senhor, senhor doutor,
vou seguir pra professor...

140. A mulher

(cantiga popular)

A mulher é o futuro do homem
disse Aragon inspirado.
Porém pecou por defeito
quando esqueceu o passado
e o presente também,
pois sem mulher não iria
nem longe nem mais além
do que o estado primitivo
da pura selvajaria
bem pior do que a que tem...

141. Enganos

(cantiga popular)

Repensar é coisa fina
que dá trabalho de mais
em tempo de eleição.
É preferível ler a sina
ou nos astros os sinais
do que ouvir novas promessas
com a mão no coração
e o voto a pedinchar.

Entre as mentiras da gentinha
e as traições da gentalha
não há muito que enganar:
uma é a face mesquinha
a outra a face canalha

que se juntaram à esquina
a tocar a concertina
e a dançar o sol-e-dó
mas a canção desafina
o país perde a cabeça
e a polícia desatina:
vai tudo pró xelindró.

Isto passou-se, tá visto,
nos tempos já bem distantes
em que os animais falavam
e liam livros que tratavam
de coisas mais importantes.

142. Receita infalível para a solução da crise

Os matemáticos enfeitam a pobreza com equações sábias
os economistas fingem que acreditam nelas
os políticos fazem com enlevo bonecos de papel
para nos bairros populares do reino das palavras
os oferecer aos pobrezinhos a granel
os banqueiros interrogam-se
com a legítima curiosidade de conhecer um pobre
as organizações internacionais gesticulam
com alarido e locuções estranhas
em torres de babel
os padres acreditam que a fé move montanhas
e oram para que passe a crise enfim
até que, aproveitando a distração dos governos,
um belo dia Nosso Senhor disser que sim.

Mas esses remédios sem dúvida infalíveis
levam o seu tempo a ter algum efeito
quando a via está, há muito, descoberta
por um tal Swift que resolveu tudo
tanto a miséria ao léu como encoberta
numa teoria que se fosse aplicada
acabaria num ápice com fome e crise social
para estabelecer até ao fim dos tempos
justiça sã e prosperidade geral.

A solução é simples e das mais primárias.
Bastaria para isso matar os pobres todos
e comê-los em seguida com artes culinárias
pois se há quinhentas e tal maneiras
de cozinhar neste país o bacalhau
haverá outras tantas ou ainda mais

para confeccionar maminhas de peixeiras
com salsa e colorau
costeletas de pobre e coxas de porteira
lombo de sopeira à moda de Cascais
rabo de varina assado à maneira
rosbife de caixeiro viajante
funcionário cozido às postas com molho do Gerês
sal quanto baste e gosto memorável
(mas não *steak* de ministro
que é sempre intragável)
e um sem número de outras iguarias
próprias de um digno chefe português
que teriam a vantagem imensa
de equilibrar a oferta e a procura
e cortar despesas perdulárias na Segurança Social
com vadios que não querem trabalhar
só porque têm oitenta anos e tal
como se isso fosse uma razão!

Poupava-se assim em hospitais
remédios caros para quem não paga
gastos com doentes que fingem que lhes dói
a esticar o pernil e sempre aos ais
desempregados que só sabem dizer não
às dezasseis horas por dia
como a higiene aconselha e o dever comanda
a tanta ingratidão!

Quanto aos parasitas que exigem pensões chorudas
ao nível escandaloso do salário mínimo
e põem um ar trágico
aos impostos sempre alérgico
apenas por terem perdido um braço, uma perna
ou ficar um bocadinho paraplégico
num mais do que natural acidente de trabalho,
todos sabemos que mentem com quantos dentes têm

(os desdentados ainda são piores)
já que uns nasceram degenerados
e outros, mais velhacos, desatarraxaram o dito membro
e têm-no lá de casa escondido e bem guardado
para viverem à custa, sem pudor,
do orçamento de Estado.

Acrescentam ainda os nossos sensatos liberais
que se formos desse modo parcos no gastar
poupa-se na importações e tudo o mais
na balança comercial, nas finanças,
obriga-se os pobres a viver à luz das velas
o que chega e sobra
recompondo o orçamento duma vez
segundo as ordens de Bruxelas
e da Comissão Europeia, comandada
por um antigo chinês
primo afastado dum soba do Camboja
um tipo formidável
com grande pedalada
que usava tanga, cortava cabeças
mas que felizmente se mostrou reciclável
em política séria e moderada...

Ao salgar, cozer, metendo a congelar
pelintras, tesos e outros salafrários
sem contar a malandragem da Quercus e da Greenpeace,
a solução genial que modestamente proponho
é a única que permite conciliar
o equilíbrio da economia e a baixa dos salários
o que só dá saúde ao mercado e que respeita
o milagre das rosas descoberto
pela concorrência perfeita.

Esta verdade irrefutável
está provada por axiomas de primeira água
demonstrados, é certo com alguma confusão
mas com fervor, por eruditos ilustres
que moram pendurados qual morcegos
à janela da televisão.

Instruídos por tão insignes mestres
sem ameaças nem tabefes
os pobres, sempre confiantes, não hesitarão
em ser eles próprios voluntários
e entregar-se às mãos dos magarefes
por amor da expansão económica portuguesa
e ter a patriótica felicidade
de salvar essa sobrenatural lei da natureza
que é o pacto de estabilidade.

E assim se chegaria ao fim da crise
alcançando o bem aventurado equilíbrio financeiro
em mares nunca dantes navegados
perante o espantado mundo inteiro
sem escusadas receitas extraordinárias
e outras fintas de qualidade insana
mas apenas utilizando o engenho pessoano
em criativas receitas culinárias
saídas direitinho da alma lusitana.

143. Discurso ao pós-modernismo

Disseram-me certa vez
num dos momentos propícios
a fanáticos verbosos
que têm a doce mania
de cuspir sobre o que mexe
(para mal dos pecados
da pobre Filosofia
de anão que nunca cresce)
que para ser pós-moderno
é necessário empatia
praticada com afinco
a toda a hora do dia
redondo como uma bola:
põe-te no lugar do outro
indivíduo malfadado
egoísta de uma figa
positivista sem tola
umbiguista impenitente
eurocentrista chalado
incapaz de alteridade
diziam os pensadores
com digna solenidade,
daqueles que comem alpista
num tom agreste e crispado
lá do alto empoleirados
no altar relativista
donde escrevem nos jornais
soltando risos de gozo
e uivos em vinagrete
de raposas e chacais.

E eu pus-me a viver num mundo
cheio dos outros sem nós
em que o eu desapareceu
e o nós é coisa morta
para dar lugar ao outro
o qual por sua vez
está também dentro de outro
e o outro de mais outro
e sempre assim de seguida
até chegar ao infinito
como *matrioscas* que encaixam
num movimento esquisito
em que eu já não sou eu
como era outrora a norma
mas qualquer coisa de mole
gelatinosa na forma
sem princípio nem fim
onde por caminhos tortos
vamos um atrás do outro
o eu em busca de mim
e o mim à procura dele
num jogo de cabra cega
a fugir do eu e nós
sem saber que se carrega
na barriga um albatroz
que lhe devora as entranhas
sem proveito pra ninguém
salvo a vaidade mesquinha
e as poses da saloiada
bem falante e comezinha
que é toda perfumada
arrastando a crina austera
e o instinto libertino
nos cafés de esplanada.

Pós-modernismo é assim:
nave de loucos à solta
na tempestade da moda
sem nada a que se agarrar
cor de burro quando foge
flatulência sem par...

144. Probabilidades de sobrevivência

Depois de um inquérito estatístico à nação
altamente informatizado
e com rigor científico de ponta
por sumidades que pululam
por aí sem conta
descobriu-se a espantosa novidade
comprovada matematicamente
que Deus existe com toda a probabilidade
a quarenta por cento de certeza
mais vírgula e tal.

Retumbante vitória da ciência
e do engenho lusitano sem igual
por ter deste modo encontrado
o instrumento adequado
que explica a sobrevivência nacional
dispensando metafísicas de vez
e a teologia em geral
ao calcular o dobro do quadrado
do déficit orçamental do Estado
e dividindo cuidadosamente o total
pela raiz cúbica do milagre
que faz com que o país ande por cá
embora se admita, tristemente,
com sessenta por cento de invalidez.

Se se descobrir um dia, por azar,
devido à imparável tecnologia,
ter este cálculo pecado por excesso
e que afinal não há a tal muleta
da divina providência
nem sequer da astrologia,
que, juntas, regem a marcha
do nosso pequeno mundo,
então estamos tramados
e sem apelo nem agravo
o país vai mesmo ao fundo...

145. Metamorfose num conto de fadas

Um dia o cata-vento da aldeia
que vivia pendurado lá no alto
por cima do campanário
na forma de um galo de metal
já com ferrugem
fartou-se de girar e mais girar
ao sabor da intempéries e do vento
ora para leste, ora para oeste,
sem que ninguém tivesse um pensamento
um gesto simples de mera gratidão
pela forma como, dia após dia,
em anos sucessivos,
provara o seu talento
cumpridor e mais do que esforçado
de sinaleiro do tempo.

Diz a lenda que perante tais agravos
o bicho fartou-se um belo dia
e num assomo de rebeldia
decidiu mudar de vida:
escorregou pelo mastro da bandeira
foi até à sacristia
e num gesto ímpio à maneira
de um galo desesperado
abriu a porta do sacrário
pegou numa hóstia já benzida
que o padre, míope e distraído,
deixara ali esquecida
fechada no armário
e preparou-se para a engolir
sem confissão nem nada.

Mas a hóstia que estava alerta e acordada
logo ali o informou benevolente
num tom de catequese
de rendilhada forma
que ele tinha o ensejo
por decreto e celestial norma
de pedir um prémio
por tantos e bons leais serviços
antes de atingir a reforma,
ou seja, dispunha do direito a um último desejo
para, como nos contos de fadas,
se transformar naquilo que quisesse.

O galo, que exercera desde sempre
a nobre função de cata-vento
e portanto era, por assim dizer, humano que sofresse
de acentuada deformação profissional,
não hesitou um só momento
e disse: *quero ser homem de verdade
e ir pro parlamento português
e já agora, se escolho o nacional,
é porque gosto de línguas estrangeiras
e quero aprender o parlamentarês.*

A hóstia fez-lhe a vontade
na justa recompensa do alento
demonstrado durante tantos anos
ao ter seguido com honra e desassombro
a direcção patriótica do vento.

E foi assim com mais esta recruta
que o país fez novos passos
na senda imparável do progresso
do nosso inolvidável desenvolvimento...

146. Contentamento dos realistas

Há pensadores que pensam com exaltação
(se não pensassem não seriam pensadores)
que o cepticismo consiste em não acreditar em nada
e que sonhar é, da primeira à última instância,
uma teologia surrealista e louca
que vive de cabeça para baixo
como um morcego pendurado
no céu da boca.

O realismo é para eles em cada circunstância
do morno quotidiano terra-a-terra
um pacto com deus ou o diabo
(mesmo que a fé seja nula ou pouca)
que deita abaixo os devaneios
de artistas, poetas e outros malfeitores
parentes de carraças e de pulgas amestradas
que não sabem sequer o que é a verdadeira vida
feita de suor, facturas, recibos, negócios
artes políticas e outras transacções
entre muitas e sempre dignas trapalhadas
que fazem a alma da nação,
quanto mais dar sentenças ou ter opiniões
que prejudicam os legítimos censores
oráculos da governação.

Tais acacianos do contentamento
de gestos comedidos ou espalhafatosos
dedo em riste e espinhaço erecto
para esconder a moleza do intelecto
navegam sem se afogar em torrentes de palavras
que a calúnia reles insinua ser
de patrioteirismo barato

por desaguiarem quase sempre em sítios mal cheirosos
coisa, aliás, sem importância porque já não há olfacto.

Dispõem ademais de uma arma infalível
que é um imbatível argumento
na dialéctica ao mais alto nível
a que não se opõe praticamente nada:

nunca por nunca se calar,
e entrar se for preciso à bordoada
para não ouvir os outros dizer *não*,
e a plenos pulmões sem descanso berrar
as ideias que compraram à socapa
em saldo na feira da ladra
ou aos ciganos no Verão...

147. Consciência nacional

Era uma vez um país atrofiado
em espaço e pensamento
que proclamava do mundo uma visão
à escala do seu tamanho
como uma pulga amestrada
empoleirada num cão
convencida que decidia lá do alto
o destino dos homens e o rumo do universo
em cada salto.

Com uma elite de pulgas e piolhos
que cultivava o porreirismo amigo
a nação inteira só tem olhos
mansos para o seu umbigo.
Mas à força de querer tudo sem ser nada
o olhar foi ficando mais tacanho,
e por teimosia viciada
em glórias inimitáveis do antanho
deixou crescer no pátrio seio
um enxame de ideias pequeninas
que deram cabo das grandes
em nome da igualdade
que proíbe aos cidadãos
ultrapassar metro e meio

bitola justamente adequada
à cultura de TV com roupa suja
muita baba e ranho
e escarros de memória sem igual
que uma fada encarquilhada
com mais de oitocentos anos
farta de tanto aturar
por castigo transformou em epicentro
da consciência nacional...

148. Impertinência

É um cão impertinente
vicioso cheira-cus
a fazer o que não deve
que me lembra certa gente
toda junta em alcateia
cuja prosápia só vem
do pouco senso que tem
quando tenta farejar
o rasto da vida alheia...

Mesmo assim o pobre cão
tem bem mais dignidade
pois só cheira um por um
de boa fé sem maldade
ou qualquer maledicência
apreciando o que vê
como bom conhecedor
e espírito assaz cortês
sem outra consequência
do que a nobre arte de ter
um cheirinho de prazer
somente de quando em vez...

149. Egotismo

Eu! Eu! Eu! Eu!
vocifera a boca palradora em desatino
com um não sei quê
sem olhos sem rosto
nem existência corpórea
porque só a boca se ouve
e só a boca se vê.

Minha mulher, minha casa, meu fato
minha carreira, meu cão, meu gato
minha vida, meu destino
meu, meu, meu, meu!

Lá fora não há dor nem alegria
e nada que se pareça com memória
ou amigos que se possam lembrar

porque o mundo inteiro não revive
nem certamente alguma vez viveu
ou teve opinião ou sequer estória

quando a boca se abre para falar
em tom diverso
e cobre o céu e a terra acabrunhados
com o seu insuperável Eu
maior que o universo...

150. Tourada e carne fresca

*Foi aberta, para grande alegria dos aficionados,
a nobre temporada taurina na reabilitada Praça
de Touros do Campo Grande
(dos jornais, Maio 2006)*

O cavaleiro caracoleava
e na praça a orquestra trovejava
Ta-tchim! Pum! Ta-tchim! Pum!

No seu fato farfalhudo e ondulante
saltitavam pirilampos
pratas, lantejoulas e flores cor de pastel
enquanto a montada sacudia com soberba as crinas
de caracóis entrelaçados
e muitas serpentinas
bamboleando-se toda
ao som dum tango das pampas argentinas
trazido pelo Carlos Gardel.

Nas bancadas a multidão de pé
exigia a presença imediata
do touro
olé!olé!olé!
mata! mata! mata!
espumava a malta.
em tom corajosamente viperino...

Por fim entrou o bicho com ar contrariado
nesta história.

Deu três passos, parou a assobiar
certamente esperançado
que ninguém desse por ele
e fez-se pequenino,
tarefa assaz difícil e inglória

porque em fúria já o povoleu bramia
e o homem vestido à mosqueteiro
também vociferava
insultando-lhe com ardor a mãe
lá do seu poleiro

sem que o bicho, muito admirado,
atinasse um só instante c' o motivo
de tudo aquilo...

“Isto é uma chatice”
pensou o touro num bocejo.
“O tipo vem do asilo
e o cavalo é paneleiro” ...

E ficou na mesma pose recatada
até que, de modo traiçoeiro,
o outro dele se abeirou
e com fintas e requebros dançarinos lhe espetou
uma coisa dolorosa na lombada.

“Jesus! Maria!”
gaguejou o touro
vendo com a dor tantas estrelas
em pleno dia
que até lhes sentiu o cheiro.

*“Este gajo é maluco ou quê?!
Vou é pastar para outra freguesia...”*

Mas logo a seguir, recebeu
nova estocada e outras mais ainda,
e a páginas tantas
parecia um paliteiro

enquanto na tribuna o locutor dizia com maldade
que *“a besta não colaborava”*
e que quando às vezes investia
era sempre de maneira *“pouco franca”*.

*“Vai chamar besta à tua tia
e lamber sabão, oh meu!”*
rosnou o touro em surdina,
*“ainda por cima devo
colaborar e ser franco?!”*

*“Porquê tanto escarcéu?
Acaso fui eu que pedi
para vir até aqui,
meu grande parvalhão,
apanhar porrada daqueles dois
que não conheço nem de Eva nem de Adão,
o maricas do cavalo e o maluco do toureiro?”*

E pensou com nostalgia
em lezírias de cetim, verdes pastagens
saudosas vaquinhas ainda por cobrir
até que já sem forças desistiu
e se deixou cair...

Finalmente a jorrar sangue
amparado por várias enfermeiras
com guizos e chocalhos a tinir
o touro saiu em braços
a caminho do hospital, pensava ele.

Como estamos num país civilizado
de brandíssimos costumes
clima temperado
e sol de ouro,

não se mata na arena
nem uma mosca quanto mais um touro.

Mas quando se fecha a porta do curral
corta-se se for preciso ainda vivo
o desgraçado às postas
fiel à tradição castiça
deste nobre Portugal....

É por isso que por cá a carne é quase sempre fresca
como as meninas casadouras, a fruta e a hortalíça
para honra da gastronomia
e orgulho nacional...

151. Ilusões perigosas

O fanatismo exaltado
é o último refúgio dos velhacos

que esperam que o Santo Graal
ou mil virgens sem sal

lhes venham cair nos braços
a tremerem como vimes

nessa homenagem que o vício
julga prestar à virtude,

esquecendo-se que só não muda
a vontade de mudar

que a imortalidade morreu
de uma morte natural

que os defuntos estão fartos
de serem sublimes
em fábulas de embalar

e que os cemitérios estão cheios
de eternidades sem par...

152. Proclamação

Aos fumadores crucificados

Não há clemência
p'ra monstros que fumam!
diz o grande mestre
do seu palanquim.

Não terão perdão
nem multa que chegue
ou sequer prisão

para os castigar
de ter cometido
pecado mortal
em comprar tabaco
e pôr-se a mascar.

Em nome da vida
que mora no céu
pois outra não há
sagrada no mundo
da nossa oração

matemo-los já
duma vez por todas
a tiro, à facada,
a murro, à dentada
sem extrema unção

até que se extinga
a espécie nociva
em alma que viva
de noite ou de dia

para ter enfim
a democracia
nas ruas, nas casas
e em cada jardim
ou espaço privado.

Proclama-se aqui
no tom mais sagrado
do poder legal
do nosso djihad

que os fumadores
são seres renegados
piores que animais

e que um cidadão
modelo moral
armado por lei
com balas de aço
e lanças mortais

tem o dever pátrio
de abater à vista
qualquer cão tihoso
ou vulto sombrio
parado a fumar
sentado ou de pé
na rua ou no átrio

que cheire a tabaco
cigarro, charuto,
cachimbo ou rapé.

Em nome de Deus
todo poderoso
da gente e da grei
proclamo e assino
esta nova lei
cujo grande intento
não salva a saúde
mas dá vitaminas
ao nosso orçamento.

*(Pela Europa Unida
contra os ímpios)*

153. A morte do último fumador

Hoje, 1 de Janeiro de 2020,
a Comissão Europeia está em festa
e as televisões entusiastas rejubilam:

fuzilou-se na praça pública
em transmissão global
o último fumador apanhado
no meio da avenida
cigarro na mão inveterado
e ares de desafio no olhar
provando que a alma foi perdida.

Tanto faz ter ficado ou não provado
que o engenho mortal
estava aceso ou apagado.
Os bons costumes estão salvos
e a Europa mais unida.

Livro II

Histórias do tempo volátil

1. Seres inamovíveis

*[Aos ditadores que cumpriram,
em gestas de sangue,
tragédias de fingidores
no teatro da desrazão]*

A barca sem remorso dos seres inamovíveis
da autenticidade africana
que afugentou sábios e matou deuses,

navega por savanas sem destino
em séquito majestoso
num oceano de apetites
de ambição faustiana

abalroando multidões
a vaguear enlouquecidas
nas planícies do esquecimento
onde o silêncio afoga a dor
e queima o respirar
por entre ervas daninhas
que se contorcem mordidas
pela memória do sol
no seu abraço armilar.

Milagre! Milagre! exclamam
com ciência pastoral
boas almas reunidas
na assembleia geral
dos exilados do tempo

ao verem passar a barca
dos fantasmas triunfantes,
doentes da infinitude
activistas do desprezo
realeza deslumbrada
e chefes imperecíveis
do reinado cosmológico
do grande leviatã

a cavalgar como Aníbal
nas asas dos elefantes
semeando sofrimento
ao enfeitarem a vida
com serpentinas de vento...

2 . Passagem

As personagens perecem
na interioridade do ser
quando a luz se desvanece
atropelando os passos.

Depois a estrada vacila
a voz esmorece
e a rota perde a verdade
dos pontos cardiais
entre o ser e o não-ser

calando-se então o verbo
para não mais regressar
de uma vã eternidade...

3 . Magia

Com tantos amigos mortos
que se evaporaram no ar
como bolas de sabão

ou que foram engolidos
por ratoeira que abriu
a boca dum alçapão
escancarado sem luz

que ficaram para trás
mas ainda estão presentes
na memória que resiste
como Leonardo da Vinci
durante séculos escondido
sob o mural de um pintor

enquanto a vida desmaia
nas alvoradas dormentes
e eu vou seguindo a rota
que não sei onde conduz

com tão grande esvoaçar
ao longo da caminhada
nas folhas do calendário
que giram como quem gira
nos braços dum vendaval

começo mesmo a pensar
que devo ser imortal,
o que é uma maçada...

4 . A crise

O grande manitu falou
apertado pela urgência
e artes de feiticeiro
que a crise ia chegar
vinda do mundo lá fora.

Toda a gente vê agora
que a sentença apregoada
com prosápia e ligeireza
a fingir que é ciência
como outra já não há

dá ideia da magreza
com que se pensa por cá
neste vício nacional
quando se está no poleiro
de julgar original
o que todos sabiam já...

5 . Glória

Ele ganhou
tanto tanto tanto

ele poupou
tanto tanto tanto

ele espezinhou
tanto tanto tanto

que conseguiu finalmente
entre todos ser famoso
a construir um império,

um reino de Ali Bá bá
resplandecente e etéreo
como outro já não há,

e é hoje sem contesto
para suprema glória,
o mais rico e poderoso
defunto do cemitério...

6 . Novos valores

Nos espaços onde o fulgor
do ouro queima o olhar

quando os homens se ajoelham
para Midas adorar,

nas trevas onde punhais
abrem trilhos na ambição

nas estradas noite cerrada
que empalidece as estrelas

a revestir a calçada
por onde passa o ladrão,

vai morrendo lentamente
o sentido da verdade

como um rio que definha
na canícula do verão

agonizando aos poucos
o pouco que ainda resta

do resto da liberdade
que se herdou da razão...

7 . Destino ilusório

A terra é astro errante
que há muito não tem céu
vagabundo em campo aberto
entre planetas mortos
no espaço sem fronteiras
das grandes narrativas.

Quem presente o indizível
sabe que nada ou ninguém
sai vivo desse lugar
de destinos ilusórios
e leitura plural

porque não há seres mortais,
como julgavam antigos
iludidos na aparência,

somente seres provisórios
entre real e irreal
a cruzar rotas de enganos

em ruptura e convergência
na mentira e na verdade
dum deserto sem caminhos,

prenúncio relativista
duma paisagem já morta
em que tudo é por igual.
e o todo já pouco importa...

8 . Imaginário

A magia está em cada objecto
à espera que o olhar lhe dê vida.

O imaginário é o possível
que desejo cumprir
quando se rasgam janelas

no espaço onde volteja
o desencanto do mundo

ou na dimensão que almeja
ir mais longe indo mais fundo.

Por isso à velha ilusão
do uso que teve um dia
o esfalfado ver para crer,

sobrepõe-se outra ousadia
um novo crer para ver,

já que também a ciência
fareja no seu caminho
o rasto de alguma essência...

9 . O ser e o tempo

O ser
vive e morre
dentro da jaula do tempo.

A duração perseguida
no horizonte do ser

é a essência transitória
do fogo fátuo da vida...

10 . Academia

A razão já não será suficiente
para governar os homens

quando os sábios forem todos,
no pátio da Academia,

varridos por arquivistas
que germinam com fervor
no milagre de Bolonha

11 . Cinismo

Dai às massas pão e circo
e governareis em paz
disse o traste
que atraíçoou
o amor do risco

acrescentando que é preciso
com discrição e leveza
dar ao povo o sentimento
da sua própria impotência

para que ele não tenha ideia
de nos dar, como surpresa,
o sentimento da nossa...

12 . Morte da cultura

Nos sótãos da cultura
jaz um silêncio profundo
lá onde a morte espantou
a rebeldia do mundo

13 . Liberdade

Entre o manto opaco da ordem cósmica
e os farrapos da desordem sem destino
só um mortal que se sabe mortal
pode ter filosofia

para esculpir na cosmogonia dúctil
das províncias do sentido
a ponte que liga o Ser ao dever ser
numa intensa meditação da luz

e moldar então no barro humano
do universo trágico ou fútil
o pensamento finalmente livre

que recusa a tirania dos sistemas
e a voracidade amarga das ideias
onde mitos renascem como Fénix
no labirinto tortuoso dos dilemas...

14 . Razão instrumental

É a hora do falcão pairar
sobre ravinas escarpadas
à sombra das quais se calam aves transidas
enquanto o sol se afoga
no taciturno Inverno secular
das substâncias que perecem, esquecidas

pela razão instrumental
do pensamento feito técnica
que há muito deixou o cosmos sideral
pela instrumentalização dos homens

ao invadir os corredores da alma
na via inconfessável da metáfora que escapa ao conceito
quando as ideias escritas já não singram para lá da morte
por entre galáxias em espaços dormentes

nem subsistem nos império ecuménicos
da ordem existencial
desde que os seres se tornaram estrangeiros de si próprios
e o eco perdeu da voz o leal reflexo
no universo dos abismos indiferentes...

15 . Tempos actuais

O homem perdeu a natureza
mas a história permanece,

essa nostalgia cósmica do impossível
num tempo em que o tempo falta

que a voz salva do silêncio
quando faz estremecer velhas palavras

em teorias que são intuições inscritas
no universo vulnerável

da genealogia do discurso povoado
por ideias trémulas

que buscam o cimento agregativo
nas areias movediças da certeza improvável...

16 . Tomás

(Em memória do Tomás Clemente Venâncio)

Nos cimos dos montes pensativos
que amparam no seu regaço a Covilhã
brinca a alma doce e breve
do Tomás menino grande

leve como a sombra de uma pena
porque a inocência não tem peso
no despertar da luz da madrugada
que abre a porta ao destino.

Foi por isso que ele entrou no céu
como a coisa mais natural do mundo
quando os portões foram aberto por um hino
de boas vindas à inocência sem pecado

cantado pelo próprio Deus em pessoa
que queria ver o Tomás chegar,
ser que já estava perdoado
por nada haver a perdoar

17. Instante

Vivemos sem saber o tempo do agora
que num segundo nasce e logo morre
como fogo que jorra e no mesmo instante se apaga
enquanto os relógios prosseguem
a rotina vagarosa num ciclo dormente
que inscreve o tempo sem duração
no universo vulnerável

onde o ser é o limite
e a morte não é senão
o que está escondido na vida,
nas consciências fragmentadas
que expiam com remorso a juventude...

18 . Pensamento que nos pensa

A poesia é o pensamento
que nos pensa
talvez porque a escrita
transcende a palavra dita
e subsiste para lá da morte

19 . Vertigem

A ideia é superior à alma
porque a alma nasce da ideia
num tempo em que o tempo
é apenas imagem fugidia
da cosmologia insondável
de uma eternidade vazia.

A menos que a ideia não seja ideia
mas apenas vertigem

20. Desilusão

A lanterna de Diógenes
não encontrou nenhum homem
na quietude estelar

mas apenas a linguagem do não-dizer
no reino da incomunicabilidade
vergado ao anonimato do murmúrio

nesse vale solitário onde o eco morre
quando naufraga o ânimo do querer
e a esperança é sentimento espúrio...

21. Limites

Não há discurso no mundo
que não seja reduzido
ao mundo desse discurso

nem ambição que ignore
limites vindos da morte

nem amor que sempre dure
se perece a duração.

A finitude é a lei
imutável do universo

que dá sentido ao destino
cavado no tempo imerso

cumprindo assim a harmonia
da união no diverso...

22 . Narcisismo

Os bardos de antanho gemiam
em poemas de paixão sobre amor
num circulo que balanceava
entre saudades que ardiam
na literatura da dor

e a morbidez dos sentidos
presa ao ego antropofágico
do morrer só por morrer
do amor só pelo amor,

etérea vacuidade
que faz os homens viver
no vazio emoldurado
que a golpes de narcisismo
sacrifica à pobre imagem
a última réstia do ser...

23. Espuma do tempo

Imortalidade é traição
à harmonia das coisas

inútil arrogância
em recusar a morte inscrita
na ordem universal

que veladamente comanda
a trajectória do ser

no circuito letal
dos deslizes semânticos
que atropelam o diverso

em verdades que mentiram
desde a clareira dos tempos

quando os homens inventaram
nomes de deuses fortuitos

cujas promessas são espuma
a navegar sem velame
no oceano perverso

24. Mar

Na boca aberta da onda
estão os medos ancestrais
porque a vida que se agita
cinzela a morte com ela

quando o escopro da incerteza
talha aí barcos à vela
que se vão a naufragar

na face negra pintada
em colorido de espuma
que é o sangue do mar.

25. Epitáfio

Aqui jaz alguém
que preferia não ter ido
o que prova aos mais teimosos
que só a vontade não chega

26. Conformismo

No império do ruído
o silêncio é uma ofensa

se arrancar das entranhas
das palavras sem sentido

o som inútil de quem
não sabe já ter morrido

27. Claridade

Só há estrada de luz
na incerteza que ilumina
as trevas do caminho

como uma estrela pensativa
que norteia o voo rectilíneo
duma ave para o ninho...

28. Tempo de desespero

O ente que cioso guardava
o rebanho perplexo das almas

(velhos que nunca foram novos
e jovens que já eram velhos
quando esbanjaram aos punhados
sementes de tempestades)

esse ser impalpável e ausente
desceu a encosta do sentido
e desapareceu nas brumas do rumor
onde há muito os deuses se perderam

entre a crença a razão e a dor
no desencontro que traça sem glória
o rumo desgovernado do universo
onde o abismo é uma versão do infinito

e a finitude apenas o começo
no reino do simulacro
de uma nova história

29. Santidade

O doutor Tatibitate
de família mui famosa
visconde de tal e tal
e astro de bem pensar
nas contas de boticário

foi ministro com arrojo
na arte de calcular
finanças e numerário

em montanhas assombrosas
de palavras virtuosas
que caem bem no ouvido

com o fervor da verdade
dum ladrão arrependido
que confessa com ar sério

ou de herói de capa e espada
vingador de santidade
num mundo de despautério.

Hoje vive no descanso
com boa mesa e ripanço
fruto de umas tutelas

de tempos que já lá vão
quando estava no ofício
com denodo e sacrifício
ao serviço da Nação.
Amen!

30. Liberdade

Para a África martirizada
pelos tiranos da autenticidade
e outros especialistas da indiferença

A palavra essencial
libertou-se do ruído
quando a poesia respirou
ao triunfar do instante imóvel

e deixou um rasto luminoso
no céu onde pairavam asas do sentido
a cavalgar nuvens de sangue
por entre astros à deriva

cuja sombra projectava figuras torturadas
com pregões de liberdade à solta
arrastando nas mãos descarnadas
uma justiça acabrunhada de remorsos

obrigada pela força a estar de volta
para levar o medo de vencida
quando a vontade renascer das cinzas
e se erguer na savana em labaredas

com o fulgor mágico das rubras queimadas
a iluminar planuras entorpecidas
donde voa espavorido o pássaro de Minerva
acossado pelo som e pela fúria
que na dor jorram das feridas
dos que jazem moribundos nas estradas

31. Regresso à inocência

Talvez a infância
seja o único país
que vale a pena revisitar
por florestas de enganos
e planaltos trigueiros
que águias cor de laranja
sobrevoam devagar
rente à copa dos sobreiros

quando no céu passam aves
a desenhar geometrias
no reino de Sherazade
e ceifeiras que entoam
no seu cantar harmonias
que rimam com a saudade

na filigrana das sombras
que vão no rasto do sol
cujos raios desgrenhados
são serpentinas de ouro

misturando a cor dos risos
e a sombra dos corações
ao colorido celeste
por onde trepam balões
que vão subindo empurrados
por olhares desesperados
dos que ficam para trás

nos recantos deserdados
de hospícios e prisões
onde gemem torturados
em qualquer beco perdido
da África ou do Tibete
a cumprir a longa pena
de injustiça e sofrimento
que mesmo aos olhos de Deus
já deixou de ter sentido.

Por isso os balões vão cheios
dum naco de fantasia
com um sopro de loucura
e outro de utopia
para atingirem com estrondo
e o fragor dum tsunami

o céu onde dormem há muito
num sono longo profundo
indiferentes santidades
que já esqueceram os homens
e o que se passa no mundo...

32. Como outro não há...

O ex-ministro veio à janelinha
do pequeno ecrã
proclamar com emoção ao povo
que não, que não, que não,
não era culpado
de nenhum pecado
não imaculado
no negócio escuso
por onde passou
veloz como um rio
ou sopro de aragem
em ano de estio.

Foi a malandragem
que atraíçoou
com velhacaria
a sua boa fé
e sempre, sempre, sempre
ética postura
erecta como um poste
de correio postal,
que nada tinha a ver
com nenhum, mas nenhum!,
paraíso fiscal.

Palavra de ministro
clara e aprumada
depois de engolir
a hóstia sagrada
já abençoada,
para garantir
que outra não há

no reino dos céus
donde vem direitinho
após tomar chá
(rigoroso teste)
na boa companhia
do anjo Gabriel
e outros funcionários
da burocracia
do espaço celeste

estando tudo em regra
na ordem legal
palavra de ministro
com sabor a mel
onde a pátria vibra
da emoção mais viva
e chama universal

na paz e concórdia
ultraliberal
que nunca foi nem é
aquela mixórdia
que desmascara
o espírito mesquinho
da triste ralé

que anda por aí
roída de inveja
e de maldizer
sempre com a mania,
como São Tomé,
de ver para crer

hábito insensato
veneno de um povo
mal agradecido
por tantas benesses
que dos seus ministros
ao longo dos séculos
ele tem recebido...

33. Justiça do tempo

Implacáveis inimigos
as suas vidas foram
batalhas sucessivas
de todos contra todos

polêmicas mortais
disputas pessoais
rancores calcinados
angústias ressentidas
e sádico prazer
na dominação
de fazer sofrer

ódios empalhados
pela ambição
de sempre mais ter
fria vendetta
sofrimento e dor
escárnio e maldizer

em anos que não passavam nunca
nesse Olimpo de opereta
ou se decorriam era tão lentamente
que nem se dava por isso...

Mas eis que de repente
para surpresa geral
depois de anos e anos de vaidade
e pomposa imortalidade
todos envelheceram por igual
com rugas cavadas
neve nos cabelos ralos

panças inchadas
doenças ou maleitas
em quartos sombrios
com camas estreitas

enquanto a vida se sumia
sem dizer que estava de partida
devagar, aos poucos, sem glória,
quando o vazio putrefacto se instalou
nos anais da história
que foi ficando cada vez mais baça
anunciando que afinal
o tempo existe e sempre passa.

Agora a natureza regressou
com o seu longo braço de justiça
e olhos vendados

cobrindo com o manto negro
a face esquálida e mortiça
do último poderoso deste mundo.

Então o silêncio abateu-se de rompante
no coração das trevas
reduzindo o clamor de tais vitórias
à dimensão pequena
dum riacho moribundo,

e já ninguém se lembra
se valeu a pena...

34. O Grão-Vizir

Espalham almas por aí
com mal contida alegria
que já é frequentável
o Grão-Vizir Khadafi,
Aleluia! Aleluia!

Mas esquecem infelizmente
no seu querer religioso
duma fé monumental
que a palavra “frequentável”
pode às vezes ser letal

se o terreno é pedregoso
onde o sangue faz crescer
folhas do Livro Verde
nascidas das almas mortas
a penar na pradaria

onde secou o remorso
da tortura e da miséria
e a consciência se dissolve
como chuva em areal
no interior da matéria...

35. Velhice

Quando a aurora desperta estremunhada
e as luzes descem do mastro
pelos cordames do céu,

abeira-se de nós a linha do horizonte
que já não recua infinitamente
como nos anos de juventude
que não tinham tempo marcado

mas chega com a intimidade
de um conhecimento antigo
a caminhar ao nosso encontro
com a morte de braço dado.

É então que os velhos da solidão anónima
pressentem o cheiro matricial do universo
e esperam tementes o fogo devorador
que imolará a cinza do diverso

no insondável silêncio e muda dor
das coisas passageiras sem memória
atiradas num gesto borda fora

dissolvendo a eternidade em mero pó
que tem a espessura ilusória
de uma corrente de ar

tal como folhas vacilantes
a tombar à sorte
quando a seiva as abandona

desatando o nó que une
o pensamento e a morte.

36. Riqueza

O brilho do ouro apodrece a vida,
como a doença que mina
gota a gota a alma
até ficar exposta a ferida
ao verme que surgiu do nada
e sôfrego devora os dias

37. Sabedoria

Não é quando sabemos
que podemos
mas sim quando podemos
que sabemos...

38. Liberdade

O texto faz a lei
mas é o contexto
que ilumina a liberdade.

39. Nostalgia

Ficou na clareira do sentido
o desejo que pairou imóvel
tolhido por palavras escoradas
em paredes de silêncio

enquanto o tempo passou sem regressar
como nuvem impelida pelo sopro
sobre a qual desmaia a luz
no entardecer da vontade.

Ficou a nostalgia que acompanha
o voo das aves migradoras
que fogem do bulício da cidade
e se escondem nos recantos da paisagem.

Ficou o desejo não cumprido
a dúvida amarga, perturbada,

empurrada sem rumo pela aragem
não sabendo o que devia ter sabido

durante o caminho percorrido
pela flecha do tempo à solta

que viaja sem parar em linha recta
e nunca volta...

40. Economismo

O fantasma do homo æconomicus
que povoa os contos de fadas
no país dos unicórnios
e do cæteris paribus
que alguns habitam,

extrai a verdade das coisas
nas evasões do como
a vaguear no Olimpo da perfeição

onde o contentamento dos sábios
fia equações no céu
com teares de nuvens
velhos astrolábios
e bolas de sabão...

41. Certezas

Para os peritos e outros
tecnocratas nascidos
nas pias baptismais
com a bênção concedida
pelo sopro divino da certeza

a dúvida será sempre
uma conspiração de punhais...

42. Essência

A imaginação reordena
a ordem dispersa do mundo
quando a poesia é recusa
dessa furtiva miragem
onde as coisas são só coisas

pois o verbo tem a essência
no âmago da linguagem
que se esconde no discurso
em labirintos do como
na lonjura da aparência

e encontra na caminhada
a identidade do caos
essa incorrigível, rebelde,
pluralidade dos seres
numa mão cheia de nada...

43. Paz perpétua

Moro há milénios sem glória
no olho do ciclone
por onde passam ventos
de angústias lunares
e se volatilizam destinos
nas rugas dos sentidos.

Os homens inquietos são
incapazes de expulsar a violência
essa irmã gémea da dor

talvez porque a paz perpétua
morreu nos lábios de Kant
e seja agora um vazio
sem exterior...

44. Compaixão

Os governos têm sempre
assolapadas paixões
por ricos e poderosos
condes, duques e barões
e outros distintos nobres

mas em vésperas de eleição
por acaso ou talvez não
às vezes também descobrem
na esquina de algum remorso
a compaixão pelos pobres...

45 . Geometria variável

A recta é o caminho mais curto
entre dois pontos.
Salvo em política...

46. África

Corações ao alto!
rufam os tambores que rolam
pelo capim das savanas
onde vagueiam vinganças
e gritos soterrados de crianças
imoladas nas guerras do sertão.

Mas só o silêncio responde.
Os corações já não sabem
soltar “palabres” ao vento
nem dançar com a ilusão.

47. Fim de tarde

No horizonte as jovens nuvens dançavam
a dança da cabra-cega
em torno da grande fogueira
cujo ardor enchia o céu
pintado de azul profundo
iluminando os olhos das crianças
que brincavam descuidadas
com a aparência do mundo.

48. Carnaval

Desfila nas ruas ao entardecer
a efêmera beleza
das moças que passam
no caminho calcetado de ilusões

com máscaras de Carnaval
que transportam sem dizer
o avesso dos sonhos já sonhados
e os sinais de cicatrizes
ainda por nascer

49. O macaco de Darwin

*Ao Alfredo Margarido
pelos seus combates
anti-dogmáticos durante
uma vida*

O bispo Richard Williamson
nega que tenha havido
o holocausto dos judeus
(dos jornais, Fevereiro 2009)

O Bispo Williamson proclamou
que a shoah nunca existiu
e que os judeus, esses maldosos
pestilentos sulfurosos,
imaginaram tudo, as maldades
nazis, a exterminação
e outros pecadilhos
de pura e torpe invenção..

Zurrido por todo o lado
corrido como os leprosos,
o Bispo arrependido
explicou com fervor
as insânias que asneou
por não ser historiador
mostrando ainda intentos
de ter a absolvição
e cumprir os Mandamentos.

De facto, que culpa pode ele ter
por não saber essas coisas?
É preciso ser-se um ás
ou incarnar nesta vida
um grande sábio ou doutor
para distinguir um forno a gás
dum modesto grelhador
ou conhecer a distância
entre um campo de concentração
e um mero jardim de infância

Impõe-se excelsa finura
e anos de leitura insana
de livros de ciência
e de arquitectura
para não confundir instalações nazis
com salões de música baiana
ou casas de alta costura...

Não sendo o Bispo doutor
na ciência da História
é, pois, bem natural
estar enganado
se não perdeu a memória.

Nesse caso a cristandade
tem a estrita obrigação,
pelo menos cá pra mim,
de lhe dar a comunhão
e de o mandar direitinho
para o seu antepassado,
o macaco do Darwin.

Porque se o homem é um asno,
tá visto que não tem culpa
porque já nasceu assim...

50. Passagem

O tempo é volátil
como a morte,

essa incorpórea noção
do nada
que a luz atravessa e passa

fugidia sombra esquiva
que o sol persegue em vão

e se perde tal Ulisses
no mar dos significados

que o choque do tempo envolve
num instantâneo clarão.

51. Praça da Batalha (Porto)

Na carcomida Praça da Batalha
há vultos que deambulam
levados pela corrente

há estátuas petrificadas
coladas a cada esquina
com olhares mortos que fixam

um horizonte de espera
onde velas à bolina
sulcam o mar ausente

enquanto o tempo escorre
silencioso e dormente
em direcção ao rio

donde vêm gaivotas cegas
e pássaros vadios
que roubam comida aos mendigos
no silêncio da tarde

52. O sentido das coisas

O sentido não vai do eu às coisas
pois só o mundo é o lugar
donde vem o sentido.
Quanto a morte chega
o homem deixa de ser
e não é mais inteligível
nem pensável
porque o meio corrompe a forma
quando a matéria perece.

Mas para onde viaja o espírito
que dava à norma perdida
o seu lastro indivisível?
Como separar no pensamento
a morte da vida esvaída
se pensar não é pensar no vazio
mas pensar apenas o que é...

53. Rotas desencontradas

Quantas vidas fundearam
nas águas frias do Tejo
no instante em que arribaram
das Índias e de África
os galeões de bojo inchado
com tesouros enganosos
e fantasmas acorrentados?

Quanto sangue então entrou
nas veias desta cidade?
Que cânticos profundos
ancoraram na baía
e nestes portos quedaram
a sonhar com liberdade

e quantos deles já partiram
como aves migradoras
nas rotas de sofrimento
que atravessam os mundos
sem margem para alvedrio?

Quantos homens, quantas raças
se fundiram com o tempo
em caudais tumultuosos
que seguem cursos do rio?

Fez-se a nação mas perdeu-se
a memória do antanho.
Já não há , sabemos hoje,
raças de um mundo estranho
porque as cores do arco íris
sempre estiveram lá
e a “raça” é pobre engano
quando a matéria é somente
tecido do mesmo pano.

Só restam fortes e fracos
soberbos e humilhados
que a vida desencontrou
e a morte, tal como um fio
do mais intenso metal,
a carne morta coseu
a todos por igual
quando a vida se acabou
para aqueles que construíram
o espaço fora do tempo
no sonho que aqui viveu...

54. Ilusão cósmica

A supernova desabrochou no céu
como flor em campo azul
que entre pedras rompeu.

Traz a lonjura montada
no cavalo louco do tempo
e crinas de luz ao vento

a galopar pelo cosmos
há tantos milhões de anos,

que a distância envelheceu
o imaginário perdido

o passado que passou
e o presente que morreu
sem ter nascido...

55 - Inspiração

Só os deuses são filósofos
enquanto os homens esgravatam
nas eiras da incerteza

porque existir não é ser
e as essências universais
não são factos nem caminhos

mas tão somente sinais,
lampejo breve e furtivo
que num instante se apaga.

No final ergue-se a morte,
horizonte do pensamento.
Para lá dessa fronteira
nada mais é pensável.

56. Crise nas vinhas onde cresce a ira

Deuses de coração irado
desceram em tropel montanha abaixo

empunhando mil estandartes
da libertação da palavra

que ao proclamar a racionalidade da dúvida
no ser-no-mundo desesperado que diz não

sacode a letargia das searas
onde o pânico semeia ventos desgrenhados

e desenterra mentiras na raiz
como uma lâmina de fundo

arrastando os alicerces das certezas
em discursos escoraçados

pelo ribombar do trovão
que planta vinhas onde cresce a ira...

57- Também há crise no céu...

O homem aterrou num paraíso fiscal
depois de ter atropelado, é claro sem querer,
imensa gente
e ali viveu feliz a bronzear
até que, tristemente,
faleceu de morte natural
e surpreendido achou-se no inferno,
aquele com chamas a valer.

Esta é pelo menos a versão moral
do padre da minha freguesia
que naturalmente não sabe nada
nem do inferno nem do paraíso
por nunca lá ter ido ver
e fala por falar
por ouvir dizer
que os ricos que comem caviar
e vivem no pecado
só têm permissão de entrar no paraíso
se passarem pelo buraco duma agulha.

O que o bom vigário nunca percebeu
é que eles fazem à mesma essa viagem
alargando com destreza o tal buraco
transformando a fronteira de passagem,
que um santo imaginoso concebeu
entre este mundo e o outro,
numa auto-estrada com portagem
em direcção ao céu

visto que os automóveis já não são camelos
e agradam mais à santidade.

Ademais os ricos são uma irmandade
a merecer respeito e muito amor
humilde e piedoso
por terem criado o salário mínimo
as prestações, a propriedade,
as facturas da electricidade
o prémio milagroso
do sagrado totobola
que dá sentido ao ser,

o trabalho infantil
para ensinar o dever
(pois é de pequenino
que se torce o pepino),

os dogmas românticos da publicidade
o sexo sem lei nem pecado
onde ninguém se entende
na teologia de mercado

e privilégios sem conta
com música celestial
para o malandro do trabalhador
e sua ingrata pandilha sindical...

58. Maturidade

Quando a brisa das horas acaricia
a face lisa do lago
cava ondas em rendilhado
rugas num tempo que parecia
ter rosto imóvel e vago

depois de perdida a frescura
da juventude de outrora
imortal na aparência
mas afinal transitória.

Ganhou porém consistência
a imagem da memória
que ficou desse passado
na caminhada futura
dum tempo enfim contado

na gramática universal
da finitude do ser
que a idade descobriu,
humanismo impregnado
no olhar que hoje envolve
o que nunca antes viu...

59. Sismo

(Áquila, Itália 2009)

Explodiu o coração da terra
e levantou-se o espectro da morte
envolto na mortalha
com que franqueia a viagem
que amordaça o tempo
na curvatura da luz

enquanto a espera apodrece
num orvalho de lágrimas,
rio que se faz cheia
quando a vida desfalece
e o desespero se afoga
num mar de sargaços.

Dos telhados desaba então
a dor feita em pedaços.
Sobem em espiral de vento
das entranhas do pesadelo
os gritos esmagados
pela voz de Deus

ecos apavorados
que se estilhaçam na abóbada
martelada em jade
redoma do firmamento

e fazem cair estrelas
sobre os sonhos espantados
dos vivos que descobriram
as penas do sofrimento...

60. Crise 2009

No ano de mal-aventurança
os accionistas do Borda d'Água
com tanto brio cotado em bolsa

choraram até molhar os pés
quando chegou o furacão
que arruinou a Primavera

porque afinal a Finança
(oh! espanto!)
não é a ciência exacta
das Tábuas de Moisés

e nesta crise voraz
mesmo a religião
deixou de ser o que era.

Vê-se em caras descaídas
onde aparece o bolor
das ideias carcomidas
quando o tempo se acelera

velhas crenças já perdidas
que abrem caminho à dor
deixando a revolta à solta
enquanto na selva cresce
o surdo rugir da fera...

61. Bom senso

O sábio contenta-se
com verdades imperfeitas
e sabe que uma função matemática
não se toca ao piano...

62. Alteridade

Só a consciência da alteridade
de todos os passados
abre caminho a novas tradições
e a narrativas ainda por dizer
escondidas na aparência sensível da ideia
que desenha caminhos do risco
antes nunca repensado
porque o movimento não é um estado
mas uma mudança de estado...

63. Migrantes da morte

“A travessia desesperada do Mediterrâneo
e da costa africana para as Canárias
em precárias embarcações superlotadas
de refugiados vindos da pobreza africana,
já fez milhares de mortos”
(dos jornais)

É preciso pensar
nas raízes do mal
porque já não há caravelas
a irromper da bruma
na rota do sol claro
de romantismos passados.

Só há jangadas de pedra
e barcas apinhadas
de gritos dilacerados
impelidos à bolina
pelo sopro do mistral
perdidos e solitários
na maré que se esvazia
para um destino sem mar

na tormentosa viagem
do rumo perplexo
que, estonteado, navega
às cegas entre baixios
semeados de granito
donde já não há regresso.

É lá que jazem os corpos
dos Cristos crucificados
Sísifos desamparados
e arco-íris de cores
vindos de costas longínquas
de desertos, de fronteiras
onde foram despojados
por polícias e ladrões
ao serviço de governos
vampiros e malfeitores
que lhes cortaram a carne
e lhes sugaram a alma,

despejados com furor
em botes superlotados
de seres e sonhos famintos
vomitados pelo mar
(que com náusea recusa
guardar assim tantos mortos
e albergar tanta dor)

nafragaram nesse mito
de longínquos eldorados
de que a mentira é obra
frente ao muro da indiferença
da responsabilidade anónima
onde a compaixão soçobra
num silêncio que treme envergonhado...

64. Dualismos

O ser-no-mundo
é o dado primordial
na cósmica ordenação
para superar velhos dualismos
entre natureza e liberdade
entre ser e dever-ser
porque o facto da liberdade
é o facto da razão
que faz do homem um homem...

65. Recordações

O tempo escreveu longas páginas
em pergaminhos rasgados
que vão ao sabor do vento
em asas trémulas que passam.

Corri atrás dos pedaços
à procura de lembranças
que fugiram esvoaçando.
Vi fotos descoloridas
e papéis amarfanhados
imagens ténues perdidas
no desfile de fantasmas
que num passe de magia
o sonho ressuscitou
em velhas caixas escondidas
nos alçapões da memória
que o remorso soterrou...

Vi tudo e não encontrei
nem passado nem presente.
O passado se esbateu
e o presente é ilusão:
só tarde de mais vê sentido
naquilo que já perdeu...

66. Destino

Depois de caminhar montes e vales
vejo enfim a clareira avizinhar-se
ao entardecer do dia
quando o ruído do silêncio
desperta da letargia
onde morava o eu
e corta o fio que unia
as ambições da razão
à ilusão que perdeu...

Livro III

Cantos do crepúsculo

2010

1. Partida

Para Angola

Quando morrer não quero carpideiras
frases compungidas, suspiros congelados,
nem conversa fiada sobre a minha serventia
se é que servi para alguma coisa
assunto de que tenho, aliás, dúvidas severas.
Basta-me o fogo que me devorará
e renascer depois em frias cinzas
sem carne, ossadas ou incómodos vermes,
lápides pensativas ou jazigos doentios.

Quero tudo concentrado numa macheia de pó
deitada borda-fora sem emoção inútil
embalada pelas ondas ao sabor da maresia
em dia solarengo como o antigamente
quando Luanda se mirava nas águas da baía
enquanto a criançada mergulhava dos barcos do pescado
atracados no cais da zona sul,
com um punhado de música a trepidar
ao ritmo tropical desenfreado.

Revejo agora a passagem oblíqua
entre o princípio e o fim que chega a passo
devagar ou talvez acelerado
no meio de recordações fugazes
que reviverei no último segundo
num lampejo breve que contém o mundo.

Relembrarei talvez, nem mesmo sei porquê,
paixões que tive e não cumpri
nos monótonos anos da adolescência,
os tempos mais estúpidos que vivi.

Quero passar do ser ao mistério do não-ser
como a força que abre no patíbulo o alçapão
com a naturalidade de uma luz que empalidece
ou de um astro que se esconde
por detrás do horizonte envergonhado
onde está, dissimulando-se agachado,
o ciclo sem remorso da repetição
cujos sonhos perseguem o vazio
do poder vacilante da ilusão.

Quando partir seguirei gaivotas
a voltejar entre terra e mar
à espera que venha o anoitecer
e com ele o silêncio ignóbil das vozes
que se calam com medo de dizer.

Dessa passagem pela vida, o que ficou
foi a sombra abandonada no caminho
da ave que passou com o sol às costas
direita ao rumo incerto do longínquo ninho...

2.Tempos maduros

Quando somos jovens aprendemos.
Mas as palavras são supérfluas
como folhas que o vento arrasta.
Só tarde de mais compreendemos
que o tempo não se conta
em frases escorregadias, em metros ou em dias

mas quando a substância se transforma
sob golpes surpreendidos do acaso
e pisamos o vazio sem saber
o quanto a existência dura
ou se a duração tem sentido

no desfiladeiro da alma
a vaguear sem rumo
nesse gotejar trémulo do tempo
que deambula perdido
entre silêncios povoados de ruído...

3. Manoel de Oliveira, cineasta

O tempo não se move: é trespassado
pela aragem ligeira
que desliza na plumagem da natureza,
diz o jovem centenário
Manoel de Oliveira
com o seu olho azul
talhado sem malícia
pela mão de Chagall.

E depois disto dizer
o poeta levanta-se e sobrevoa
a arvore da Babilónia
salpicada de frutos com estrelas no centro
há milénios a derramar seiva de ouro
nas margens do Douro
para os exilados de dentro.

4. Conformismo

Ai do caminho que ninguém percorre
onde nenhuma ave cruza o céu
para fazer ouvir o canto da madrugada

onde não há ecos
porque os sons morreram
sem claridade
na noite cerrada

quando a luz partiu
para outras paragens
e por lá ficou.

Só restou a morte
que se esvaziou
de um pensamento
que não existiu
ou jamais voltou.

Ai do caminho que ninguém percorre
e onde não há cantos desfolhados
nem brota das fontes aromáticas
a seiva que renova as alvoradas...

5. Inércia

O paraíso do terror islamita
e de “ismos” semelhantes
apagou a dimensão humana
contida no movimento
erguendo uma muralha de inércia
que congelou os passos
onde a vontade perdida
finge que é pensamento
para matar os últimos deuses
postos lá por Espinosa
que ainda sobrevivem
escondidos num firmamento
de perfeição inútil
onde dançam fantasmas
de mil virgens idosas...

6. Mistério

Foi na rigidez da morte
que vi o fim do mistério
onde não há senão
a travessia do discurso
até ao horizonte do trágico
para lá da linha do perdão
ou do remorso...

7 . Urbanismo

Abro os braços à luz
que atravessa a noite
e traz com ela os cantos da manhã
que as aves triunfantes dos últimos quintais
estrangulados pela altitude urbana
anunciam com o vigor da natureza
que se despede do mundo.

Persigo inutilmente a claridade
mas os sons já se foram
e a luz de pouco serve
entre a pedra e o cimento
porque nenhum deles tem sentido
sem as vozes e o resto.

8 . Justiça

Quando a justiça falha
o reino é sempre tomado
por bandos de salteadores
engravatados...

9 . Hipertrofia

A hipertrofia do Eu
não se transmite aos animais
que, ao menos,
têm o instinto dos limites...

10 . Visão

Arte, filosofia, ciência
dão forma ao equilíbrio do universo
onde a palavra é a própria criação

e a música nasce
do rumor da folhagem
rasgando cortinas
pela mão que rompe
a escuridão noturna
quando pegadas na estrada
vão a caminho do outro.

É então que olhos se abrem
para os cegos verem...

11 . Sentido

O mundo humano é
o mundo intermediário
do sentido imanente.

12 . Computopia

O virtual esconde o determinismo
que explora o caos
no universo da computopia
onde a nova ordem
chega devagar em procissão
para o grande genocídio
dos últimos ateus recalcitrantes...

13 . Caos

O caos não traduz desordem
mas apenas o vazio da indeterminação

14 . Agonia

O grande banco mundial da cólera
da razão esquecida
despertará um dia
no dilúvio universal de lava
e do furor.

Então o mundo
conhecerá a fragilidade das coisas
e o seu precário sentido
entre o menos e o mais
quando a rosa dos ventos
girar rumo perdido
na agonia dos pontos cardiais...

15 . Fim do mundo

Já começou o tempo
do cosmos finito
quando os animais da floresta
caem do céu sem razão aparente
e se diluem misteriosamente
como água no areal
sem deixar rasto nem sombra

inaugurando a solidão do homem
que se esvai sem dar por isso
nos espaços deserdados
que a cólera de deus esvaziou
no silêncio da tarde...

16 . Memórias

Como uma pena
a brisa soergue o ser
na leveza
que as almas por vezes têm
e se gravam na lembrança

como na rocha esculpida
por um escopro de luz
nas mãos duma criança

ou essência que perpassa
nos campos floridos
quando vagueia o perfume
desgrenhado das raízes

num voo de asa ferida
corrente fria de ar
que é sopro da tristeza
a desfolhar memórias
porque o tempo passa
e ingrato
não tem regresso...

17 . Descobertas

Foi o ressentimento e o medo
que construíram becos e vielas
a emprenhar a cidade
de um lodaçal mourisco
que voltava costas à luz.

Foi o desespero que empurrou
homens que aos mares rumaram
para enfrentarem monstros,
ou para deles fugirem,
e romperem o espaço
na metamorfose das velas
que ressuscitaram asas...

18 . O “Quinto Império”

O Quinto Império ardeu num fogo de ilusão
que o orgulho arrancou pela raiz
e que levou o vento.

Das labaredas e cinzas só restaram
interesses sem paixão
e paixões sem interesse
que festejam o aviltamento
nos regozijos submissos

instalados no calendário da repetição,
obsoleto, vazio e sempre igual,
dos dias que se apagam
derrubados pelo sopro astucioso
da indigência do mal...

19 . Dúvida

Em pensamento talmúdico alguns dizem
que Deus fez vinte e seis tentativas
para criar o mundo
e todas elas falharam.

Só à vigésima sétima conseguiu enfim
o seu divino intuito,
mas sem muita convicção exclamou:
“espero que isto funcione”.

Esta dúvida fez de Deus
o primeiro cientista
da humanidade
para grande desespero do teólogos...

20 . Necessidade das coisas simples

Não há bem que sempre dure
nem mal que não se acabe
diz o povo que não leu
tratados de filosofia,
nem disso precisaria,
porque o bom senso não está
nos calhamaços de lei
ou livros da sabedoria
cheios de letras p´ra ler
escritos por luminárias
sem mais nada que fazer...

Está no mais simples da vida
nos olhos que querem ver,
por detrás do nosso olhar,
o nascimento da ferida

tal como brota da rocha
uma nascente perdida
que sempre busca o caminho
que tem por destino o mar.

21 . Substância

Espinosa pretendeu
que não há dois atributos
da substância infinita
mas uma única substância
no Deus-Natureza
onde nada pode morrer
porque tudo é natureza eterna.

Talvez, se Deus se amar a si próprio
num circuito fechado...

22 . Rumos incertos

O corpo da espécie ardente
é a terra e não o céu
mas a natureza não é nada
sem a redenção da asa
que sobrevoa castelos

onde se abrigam fantasmas
para quem ganhar a vida
é a razão em perdê-la
ao enterrar gente viva
nos escombros da incerteza,
porque a certeza perdeu

por excesso de certezas
o rasto do seu passado
na história da mente humana,
e não sabendo se mente
ignora esse devir
que tem o sabor a nada

ao viver sem conhecer
o curvilíneo presente
onde não há linhas rectas
como era antigamente
quando os homens resistiam
entre a palavra e a espada...

23 . Imaginação

Tantas mãos para mudar o mundo
e tão poucos olhares para o transformar
suspirou taciturno o eremita
Saint-Florent o Velho

no espanto primordial dos vultos
que se entrelaçavam no céu
com castelos suspensos
e gigantes a pairar

olimpus cheio de deuses
animais do outro mundo
velhos com barbas brancas
feitas de algodão-doce
e figuras de espantar

que só as crianças viam
e que corações solitários
em dias vagarosos de promessas
se punham a imaginar...

24 . Exílio

É o exílio da renúncia
que assassina a vontade
de quem não vislumbra sulcos
que a roda do tempo cava

e já esqueceu a consciência
quando o orgulho se esvai
na timidez em cruzar
fronteiras da rebeldia

aceitando servidões
que ferem sem deixar rasto
como quando a morte chega
sem antes ter avisado.

O exílio é ter perdido
inocência no devir,
pensamento agrilhado
às marés que vão e vêm
como um barco moribundo
que balança na corrente

no mesmo sítio ancorado
já sem forças nem alento
até a alma partir
sem protesto nem queixume
arrastada para o fundo
de inconfessáveis abismos
escondidos no pensamento...

25 . Definição do universo

Segundo o velho Epicuro
quando existimos
a morte parece
e quando a morte existe
deixamos de ser.

Esta é a simples
e talvez verdadeira
definição do universo
sem dogmas nem sanha.

Tudo o resto é literatura
onde a lei é menos dura
do que a teia duma aranha...

26 . Sem bandeira

Para Philippe Béraud

Pensar sem bandeira
leva mais longe a ideia
pelos canais que circulam
no corpo mole da vida
em avenidas abertas
cheias de homens sem raças
que são homens, nada mais,
rasgadas no azul celeste
onde a razão, como o sol,
nunca conhece o ocaso

e intrepidamente marcha
tal um hino desfraldado
pelo grito universal
desabando dos penhascos
para o assalto final
às muralhas cancerosas

desses castelos que prendem
em velhas masmorras pálidas
palavras amordaçadas
que despedaçam grilhetas
e abrem caminho ao espanto
quando são pronunciadas.

Pensar sem bandeira é
levar mais longe as ideias ...

27 . Rituais parlamentares

No parlamento dos murmúrios
o comércio das palavras
é a moeda dos loucos
que se troca contra nada

do nada que os sonhos têm
quando vivem de ilusões
as hostes legitimadas
que entoam no seu querer
sentidos que podem ter
velhos cânticos tribais

canções guerreiras que ecoam
em vãs batalhas campais
onde a Nação é esquecida
no meio de litanias
com letras de missa antiga

que enaltecem vestais
que foram seres de virtude,
embora não fosse muita,
mas que agora, ao que se diz
oh! horror, já não são mais...

28 . Ilhas do Sul

Para Cabo Verde

O tempo é o fantasma do movimento
bruma a pairar sobre as ilhas
ancoradas sentinelas
à varanda sobre o mar
enquanto o sol se vai içando
empoleirado nas ondas
feitas de mornas que dançam
e deuses que entoam, roucos,
os cânticos da alvorada
depois do pó do Sahel
trazido pelo Sirocco
lhes ter secado a garganta

29 . Palavras imóveis

As palavras não são pólen
que vento arrasta e dilui
em noite de tempestade.
São sementes que germinam
no campo agreste da ira

ou que atravessam paredes
onde amantes de mãos dadas
recriados por Chagall
se fazem juras de amor

celebrando madrugadas
nas palavras que consagram
encantamento da vida
nesse eterno recomeço
de Primavera em flor.

Palavras têm raízes
no mais fundo pensamento
das profundezas da terra
em lonjuras abissais
e mesmo esquecidas, ficam
até a morte surgir
trazendo um saber de vida
que se enganou de destino
e chegou tarde de mais...

30 . Grão de pó

*Em memória
do meu grande amigo
Alfredo Margarido*

O que deixo para trás
é passado que passou
mais veloz do que a luz

é desespero de não
ter conseguido viver
mais vidas que a vida tem.

Valeu a pena? Talvez
se do passado ficar
um grão de pó que perdura

em suspensão a pairar
sobre a morada do ser
até o tempo partir

com a serenidade de quem
tendo aprendido a morrer
desaprendeu de servir...

31 . Nova servidão

Pela mão congelada da certeza
de quem já sabe tudo e nada aprende
vai chegando sorrateira a servidão
das gerações vindouras

32 . Decadência (REVER)

A decadência regressará no dia
em que as aves de rapina vindas das alturas
cairão tomadas de vertigem
no chão do desespero
entre urzes que perderam o sabor dos cimos
onde o vento semeava rebeldia.

Então não mais se falará
do orgulho taciturno dos falcões
a imitar Zeus
em asas de melancolia
que rasavam a abóbada celeste
para falar com Deus.

33 . Ventos do Oriente

Antevejo no horizonte
que chegou
a luz abrasadora da intolerância
trazendo consigo o esgar
que a loucura esboçou

no repentino clarão
onde não cabe o saber
nem se renova o sentido
dum gesto de compaixão

porque a mentira roubou
a luz clara da vida
que atenua o excesso
que dá ao sofrimento a dor.

Então os homens ultrapassam
os limites do que podem conhecer
e penetram no reino movediço
donde não há regresso

34 . Solidão

Quando a terra acaba e o céu começa
ao amadurecer do verão
no sangue do crepúsculo tropical,

as palavras deslizam no dorso do sentido
como bagos de chuva em convulsão
enquanto o espectro da morte dança entre mundos
na ponte suspensa sobre o abismo virtual

donde a vontade cai vertiginosamente
como um relâmpago atordoado
que desfalece com o sopro mortal
do vento solar que empalidece a luz
e deixa para trás a lembrança efémera

do filamento que passou no céu
ao ribombar do trovão
e foi engolido em silêncio
por uma eternidade indiferente
no meio de gelada solidão

35 - Caminhada

Da soleira da porta velha
carcomida sem umbrais
vêm-se sombras a passar
nos seus invólucros mortais
com máscaras de ilusões
que se agitam na rua
julgando esconder da vista
sob vestes a alma nua
em passos na direcção
para onde aponta a flecha
irreversível do tempo.

Humanos, demasiado humanos
a dançar passos-de-dois
achando que o infinito
está ao alcance da mão
ao balançar descuidados
entre o agora e o depois
no eco doutras passadas
cujo som também se escoia,

na vida que não se vive
ou que se finge viver,
nas planícies vazias
dominadas pela ausência,
sem devir nem alvorada
no termo da caminhada
que não conhece a mudança.

.

Mas à chegada ninguém passa
para lá do guardião do templo,
sentinela congelada
na constelação dos perigos
onde nem os mortos estão em segurança,

talhada numa só peça
a defender essa fronteira
onde, no coração do instante,
tudo acaba e nada recomeça...

36 . Velhice

É um exagero julgar
que já morri
dada a circunstância fortuita
de não ter dado por isso

embora reconheça humildemente
que o espírito está em parte incerta
e que o corpo não tem qualquer certeza
do certo que a vida tem

já perdida a juventude, diluída
na lonjura ausente
em terrenos vagos de memória
que mudam de natureza

até ao dia em que estar vivo ou morto
são iguais na anomalia
de uma dissolvida história
que já não sabe o sentido
do que valeu a pena em algum dia...

37 . Modernidade

O grande Pessoa disse um dia
que tudo nesta vida vale a pena
quando a alma não é pequena
e torna a gesta imortal.

Mas como se mede a grandeza
nas asas tristes que passam
quando a alma se avalia
pela cor do vil metal?

Como ouvir o som do mundo
se as palavras se perderam
e o eco não tem regresso
numa ravina sem fundo?

Como crer, como viver
na dimensão virtual
onde o que era já não é
e o que é não é real?

38 . Introspecção

O vento vocifera
quando chega a noite
para se anichar
nos braços das árvores
caladas que escutam
o rugir da fera
a deambular
nas veredas escusas
das almas perdidas
onde o silêncio grita
os inconfessáveis
segredos da morte
que mudos escorregam
pelo indizível
das coisas que dizem
sem nunca dizer
que só o que é finito
se torna possível
e merece viver...

39 . Holocausto

Nada mais restará das civilizações
quando vier o dilúvio de fogo
e os espíritos do mal dançarem
em redor de fogueiras rubras
cujas labaredas chamuscarão o céu

apagando num sopro a luz solar
depois dos homens, dos animais
e de tudo o que foi vivo
se consumirem em cinzas
no pueril sacrifício lunar
dos loucos rituais.

Então será inútil salvar a diversidade
de que falam textos sagrados
onde agoniza devagar a crueldade
dos deuses do castigo e da vingança
ou a palavra esquecida do amor.

Apenas podemos no instante último
preservar a sua mágica lembrança
no desespero sem regresso do remorso
que a barbárie da impunidade trouxe
a um mundo que começou com o homem
para acabar sem ele...

40 . Evolução

A razão cósmica
tem, mais do que a visão mística,
a densa inteligibilidade
dos séculos que se falam
em linguagens reconciliadas.
Mas os mitos estão sempre lá...

41 . O espírito e a matéria

O espírito cria a matéria
como afirmava Kandinsky,
ou a matéria o espírito
como dizem velhos cépticos?

Tal dilema não existe
em nenhuma circunstância
porque a resposta depende
da força da tolerância

de que nós formos capazes
quando aceitamos diferenças
que existem na discordância
entre nós outros e outrem.

42 . Loucura poética

Os loucos fazem cosmogonia
e desenham astros bizarros
nas encruzilhadas do pensamento nómada

para lá das fronteiras invisíveis
do país da negação
onde a memória não é passado
mas ontologia do presente.

43 . Traders

O dinheiro que se ganha a dormir
faz lembrar aqueles sonhos
onde monstros convivem
com vendedores de tempo
e no final do show
ascendem todos ao céu
porque o inferno já fechou...

44 . Magia

Não há na longa estrada nada mais
do que o vazio indefinido e trémulo
que tropeça em silêncios sucessivos
do morrer anunciado.

Ninguém sabe se o caminho se termina
na goela do abismo sem regresso
ou se, depois do susto, se depara
com um prado plantado de sinais

onde desabrocham músicas em pautas
e crescem preguiçosas flores mágicas
que trocam mensagens nas flautas
transportadas nos bicos dos pardais.

45 . Serenidade

Há muito que deixei para trás
o canto enfeitado das sereias
calcinado na poeira das picadas
da africana paisagem,
mas a ilusão da sageza
não me fez mais sábio

e a serenidade amolecida
tem o mistério da aragem
que sopra por onde calha
como uma alma perdida

entre os escolhos que tolhem
os rumos do fim do mundo
quando as mãos encarquilhadas
se estrangulam mutuamente
dentro de um poço sem fundo.

46 . Existência

O homem é o grito
que dá sentido
ao silêncio do universo
quando a eternidade se cala
e os deuses trocam palavras
que enchem o céu de vazio
ao ocultar o furor
do que ficou por dizer.

47 - Vista dos montes da Covilhã

Para José Carlos Venâncio

Do alto dos montes sobranceiros
desfraldam-se vales pensativos
com lágrimas de neblina
que se estendem em teia
até os olhos cansarem

e os ouvidos encherem
de cânticos crepusculares
que sobem como luz
cavalgando a maré cheia
em asas de caravelas

até arrabaldes do céu
num hino de louvor à inocência
que atinge o coração dos homens
com a flecha errática e certa
disparada pelo arco do artista

na tristeza derradeira
mergulhada no olvido
de quem já não regressa
donde a morte alcança a vida
na praia-mar do sentido

e foi perdendo de vista
o renascer da alvorada
em lembranças que ficaram
desses instantes efémeros
que se revelam ser nada.

48 . Rodopio

Sou um pássaro sem asas
que estranhamente voa
entre o certo e o incerto

no reino do sem sentido
onde dúvidas percorrem
os caminhos transversais

em circuitos de acaso
nessas verdades que morrem
e nascem uma vez mais

como fénix caída
dos verdes jardins suspensos
em contos orientais.

49 . A raiz da palavra

O sopro vertiginoso da palavra
é o pilar invisível
da fatal entropia
entre o Ser e o Dizer
que cimenta os alicerces
do pensamento volátil.

Mas só a comunidade
esculpida no dia a dia
entre a paz e o bulício,
é a raiz da palavra
que cai numa ideia
como num precipício

50 . Rwanda

Com lâminas afiadas
nos dentes do dragão
Átila rasgou nuvens carregadas
e fez jorrar com fúria
sobre os homens programados

esse dilúvio de sangue
que tingiu de rubro vivo
as lágrimas do remorso
em lembranças ultrajadas
de rostos que nos fitaram
de bocas que se calaram
de olhos que não olharam

já na morte embaciados
e não puderam saber
nem souberam perguntar
o simples porquê das coisas
nos medos antepassados
do espanto moribundo.

A filosofia chega sempre
demasiado tarde
no corpo a corpo que tem
com as vozes flácidas do mundo.

51 . Sonho de uma noite de verão africano

Para Manuel Ennes Ferreira

Há pássaros a deslizar
nas águas do lago morto,
tartarugas que atravessam
a quarta dimensão
do espaço absorto
quando o sol descansa
na palma da mão,

elefantes cor de rosa
com asas de libélula
que rodopiam no céu
em passo largo de dança

fitas coloridas que esvoaçam
ao sabor do sopro
do vento suão
leões decapitados
que montam a guarda
a medos que moram
em palácios fechados

estrelas que cintilam
nos olhos das feras
escondidas na selva
depois do trovão.

Ao despertar só restam
na húmida relva
farrapos dispersos
dizeres desconexos
deixados para trás
numa noite de verão.
Porém o sonho não é
inútil desrazão
rumo que anda perdido,

mas a essência da vida
como da flor o perfume
que não se vê nem se apalpa.
Porém é ela que dá
valor pleno ao sentido...

52 . Recordação

Chegam lá de longe em temporais
sussurros sibilantes da savana.
O trovão majestoso da cascata
faz tremer as raízes ancestrais
da planura africana
onde a saudade e o remorso se misturam.

Construo então a miragem
num silêncio de anacoreta
que atravessa o labirinto de si mesmo
com a leveza duma pena
transformada em borboleta
que volteja a pintalgar os campos
semeando pirilampos coloridos
que piscam no céu estelar.

Moro nessa paisagem
indelével e transitória
que segue o curso do rio
a cavalgar a memória
da persistência rebelde
dentro do ciclo da vida
que se termina na morte
como uma cheia do estio
que se vai perder no mar.

Nessa morada pequena
abro a janela escutando
a natureza a arfar
e sinto que valeu a pena
atravessar o tempo
numa nuvem descuidada e frágil
empurrada pelo ar...

53 . Totalidade

Não tem sentido olhar
quando o olhar já não vê
que a vida contempla a morte
postada de sentinela
do outro lado da rua.

A eternidade é uma ideia louca
que vive num asilo sem paredes
onde o não-ser se pensa, ao pensar
que tudo é mero gesto transitório
e só a morte é imortal.

No entanto esse crer é um engano
uma mentira tenaz e ancestral
que por traição vicia o pensamento
se soubermos que a Morte é um átomo frágil
que o tempo apaga quando passa,
cometa que o infinito engole
no vazio azul do esquecimento.

54 . Safari

Chegaram à terra vermelha
onde cresce a mandioca
os mercadores de exotismo
com máquinas a tiracolo

para copiar aparências
e transportar dentro delas
imagens petrificadas
sons que ouvidos não ouvem

movimentos que estancaram
parados além da vida
entre sombras ancestrais
em gestos cinzelados

nas pedras tumulares e frias
esculpidas em álbuns de granito
que jazem no silêncio quieto
de armários fechados.

55 . História

Os vencidos não têm história
que o presente lhes roubou
ao penetrar no futuro,
chuva que tomba na areia
sem deixar cheiro nem rasto
apodrecendo a memória.

Com a morte da lembrança
morre o passado também
e tudo perde o sentido
durante o tempo assimétrico
sem saber donde se vem

quando o musgo envolve o passo
e o silêncio entoa o cântico
do arrependimento tardio
depois do fim das batalhas
a pairar no frio espaço.

56 . Superstição

A tentativa de se libertar
da perseguição dos mortos
faz da civilização
um archote incendiário...

57 . Diferença

Pensar diferente
é pensar o outro
mas apelar ao outro, trás
a contradição do nós

58 . Saber ser

Saber ser
é saber estar
na arte difícil
de viver
sem renegar...

59 . Incerteza

Há quantos caminhos para os deuses?
perguntou o descrente.
Tantos quantos forem os homens
respondeu o filósofo.

E se não houver caminho algum?
Deambularemos perdidos entre as estrelas
até encontrar uma que aponte o norte
por entre veredas torturadas
ou até que chegue a morte.

E se nunca a acharmos, que faremos?
Nada, se a solidão já nos matou,
tudo, se soubermos dar
outro nome às coisas...

60 . O presente do futuro

Há presente sem futuro,
não futuro sem presente.
Mas o futuro é plural, feito
de incógnitas incertas
que vagueiam ao acaso
em bússolas sem norte
reconstruindo o agora
nas raízes enterradas.

É na construção que está o cerne
e não no tempo da era cronológica
dos relógios virtuais.
O futuro é o presente
que se refaz cada dia
quando o horóscopo mente.

Que futuro para o futuro?
A pergunta é vazia
como um tiro no escuro,
pois o que é vivo e se move
vai de presente em presente

até que a vida se acabe
e do futuro só fique
um risco no horizonte
tão leve que se apagou
quando a borracha passou
nessa miragem ausente.

61 . Valbom

Em memória do portuense Severo Mendes da Silva
o melhor amigo de toda a vida

Desci a calçada de Fonte Pedrinha
de Valbom a Gondomar
em direcção ao porvir
numa tábua a cavalgar
feita da mão do Severo
na arte de marceneiro
com rodas de patinagem
perfil de fogareiro
e um cordel no guiador
rumo aos precipícios infernais
das aventuras fabulosas,
passageiro em viagem
onde não há pena nem dor.

São os sonhos de criança
sempre em frente, sempre em frente
à bolina a navegar
por trilhos dos céus do norte
enquanto a infância morar
na casa do infinito
onde o presente é eterno
e não se envelhece nunca...

62 . Viagem

Em memória de Ilda Vilanova Silva

Ao longo do caminho que se move
em sulcos de fulgor
passam por mim vertiginosamente
árvores desgrenhadas à deriva,

abrem alas mãos estendidas
que parecem dizer-me au revoir
em rostos lavrados pelo tempo
que reconheço ou não conheço
e aqueles que jamais esqueci
saudando em muda agitação
essa passagem sem destino transcendente.

Não sei porquê ou a razão
porque estão ali àquela hora
enquanto sigo sem parar em frente
quando de súbito realizo então
que o tempo ficou suspenso
que as mãos que me acenam
e os rostos que me saúdam

vieram arrancados do passado
cavalgando a lembrança perecível
que revê num segundo a vida inteira
no limiar dessa fronteira
para lá da qual só sobrevivem
os zumbidos distantes dos insectos.

Sei agora que essas mãos acenando
e os rostos para os quais sorrio,
macilentos e parados
na berma do caminho,
me dão aos invés as boas vindas
na maquinal saudação dos mortos
a viver no reino hospitaleiro do vazio...

63 . Relativismo

Quando agoniza a ética
e o sentido da vontade se dissolve
nos labirintos da hesitação,
não haverá escolhas senão as relativas.

Em cada dia que passa, cresce
a humilhação do homem pela técnica
quebram-se as regras do querer e do pensar
e esgota-se a vida em pequenos nada
porque nada vale a pena ao ser
se tudo tiver valor igual.

É então que o ente deixa de viver
perecendo sem se aperceber
no desconhecimento da própria ignorância
que nem se sabe vivo nem mortal.

64 . Metafísica ou não

O mito mostra a morada dos deuses
e o infinito é uma forma de negar
as evidências que se escondem
nas dobras complexas da ilusão
levadas pelas asas de uma Fénix infatigável
que voa envolta em fogo
até num clarão se consumir.

O sujeito da metafísica
é a ausência de sujeito
que desconhece se o saber
conduz o pensamento à vida
ou a vida ao pensamento.

Talvez a ressurreição possível
seja a consciência de si
quando o poder diurno do conhecer
renova a força do agir...

65 . Em busca de definição

O irracionalismo é sempre totalitário
mas o racionalismo
ninguém já sabe o que é
porque, fugaz, vive a esmo
perdido no relativo
enquanto a contemplação nada resolve
por ser um fim em si mesmo.

66 . Paragem

Intolerância, racismo, fomes,
guerras de civilizações,terrorismo...
[dos jornais]

Parem o planeta,
eu quero descer aqui!

67 . O dia da morte de José Saramago

José Saramago deixou hoje de ser
quando o sol do meio dia
imitava a sua verticalidade,
mas não tomou o caminho do céu
porque não acreditava nele,

antes cinzelou nome e obra
em asas de luz
com o seu escopro manual
sobre o tapete mágico de estrelas
inscrito no azul do cosmos irreal
que ficará indefinidamente a pairar
por cima das nossas cabeças minúsculas
até a eternidade se acabar
na finitude do tempo
quando vier a hora do desassossego
em que os fortes queiram ser justos
e os justos talvez mais fortes.

Então perderá a severa aparência
da alma humilde escondida
em homens generosos que sabem
o que os outros ignoram
das coisas simples da vida
e prosseguem a rota solitária
em caminhos tortuosos do universo

à procura dum planeta
onde o ser livre é diverso
e os tabus vão morrendo devagar
levando consigo a inveja
a pequenez e os dejectos
das formigas que esbracejam
entre o trono e o altar

viradas para si próprias
em espelhos que só bocejam
numa rotina sem fim
como é típico dos insectos
que não sabem que são insectos...

(18-06-2010)

68 . Palavra indizível

Na planura sem fim
da extensão do indizível
a palavra move-se inquieta
na busca hesitante de sentido
para aceder um dia à serenidade.

Mas a palavra não tem
o poder de desvendar
nem os segredos da vida
nem a radicalidade da morte

e não consegue escapar
a pensamentos rebeldes
embrenhados em atalhos
de uma falsa aparência

onde a proximidade mergulha
na sombra dos desencontros
de corações feridos,

esse derradeiro sinal
de destinos não cumpridos

69 . Mektube islamita (1)

A verdade não é um resíduo
do saber esquecido
mas a substância vaga
do saber que não virá
pelos caminhos trêmulos
dos deuses domadores de sombras,

essas fantásticas quimeras
que configuram o nada
como se fora qualquer coisa
e anunciam em vão o mektube
ao agitar numa nuvem de poeira
o véu que tolda a claridade

enlouquecendo os homens
na desmesura alucinada da ambição
de serem iguais a Deus,
suprema contradição da finitude
que ignora os passos cautelosos da razão.

(1) Mektube: destino, em árabe

70 . Princípio da razão (in)suficiente

Procuramos o sentido oculto do viver
para encontrar estrelas vacilantes
que o bafo do tempo apagará
quando a fagulha divina esmorecer
e a memória se dissolver na cinza
espalhada pelos ventos nas encostas
que no mar indiferente vão morrer.

O tempo é o deus onipotente e único
que voa no cosmos transparente.
Julga sem julgar todas as coisas
no universo da finitude indefinível
onde se vive e morre sem razão aparente
por não saber a causa duma causa
que perturba o sono da razão suficiente.

71 – Espírito do mundo

Para Jacinto, Catarina e Elizabeth

O todo é a unidade plural
da meteórica condição humana
se o homem integra o universal
e aceita o outro que vem
do espaço de fora sem dentro
porque o espírito do mundo
é a substância do mundo

e a espacialidade do ser
presente de Norte a Sul
que revive na metafísica
o tempo de não morrer,
só totalizará em toda a parte
a humanidade calma

quando o espírito do mundo
se puser um dia em marcha
e a razão de novo impregnar
a força da universalidade
nas latitudes da alma.

72 . Ciclo

Para José Filipe Pinto

O sentido do que somos
deriva que quem já somos
porque o ser tem uma causa
naquilo que um dia fomos

quando vontade ou destino
moldaram no barro a vida
que guiou a caminhada
no rumo que ela tem

desde a origem do cosmos
que monótono se repete
entre nascer e morrer
enquanto alguém existir

com ânimo para saber
que a verdade do ser
nunca traduz um estado
mas tão somente um devir.

73 . Rotina

Dêem uma bengala
ao bebé que cambaleia
na relva tenrinha
da infantilidade
e outra bengala igual
ao velho que baloiçar
entre cá e lá da vinha
à beira do precipício
cavado pela idade
por tanto já ter vivido.

Um começa e outro acaba
na mesma roda que roda
sem especial sentido
que não seja percorrer
caminhos que se entrecruzam
desencontrados no tempo
do ciclo inaugural desse morrer...

74 . Revoluções

Os loucos que empurram
as nuvens com as mãos
sobrepondo ao poder a utopia
esculpem sentenças nos astros
e retóricas em céus de fantasia.

Mas cedo ou tarde sopra sempre
o vento modelado em chamas
nos braseiros saturnais
só ficando para trás o gosto
amargo da tirania.
E nada mais...

75 . Liberdade

A liberdade está na incerteza
que abala o dogma imperturbável
como um golpe desferido
pela mão dum deus implacável
do Olimpo do conhecer
que sabe que tudo é passageiro
e que o centro de gravidade do pensar
é a dúvida universal do ser.

76 . Tempos vindouros

Para A. Jacinto Rodrigues

A pátria dos revoltados
é a insurreição.

Quando a letargia acordar
do insuportável
o mundo procederá
à colheita da cólera

e só depois construirá
o pensar a descoberto,
que é outra maneira
de viver perigosamente

a incompatibilidade radical
entre a cólera e a medida
na velha luta contra os deuses
da impaciência histórica.

Resta saber se a letargia
é o sono ou a morte.

77 . Perversão

~

Quando a inveja se adorna
com o manto da justiça
é então que são lançadas
sementes da aniquilação

derramadas às mãos cheias
por infâmia ideológica
manipulada em regras
estratégicas da linguagem

onde só é inocente
aquele que pode provar
que houve alguém certamente
mais criminoso que ele.

78 . Descobertas

O mar regurgitará os mortos
de séculos de naufrágios
inundando as praias
de vozes que despertam
num clamor imenso
de gáveas mortas
vindo das profundezas
dos abismos nocturnos
onde hiberna a memória.

Talvez a ressurreição sacuda
a letargia dos vivos
para quem a tradição
é das origens olvido
daquilo que foi história.

Talvez se for arrancado
das entranhas do oceano
o orgulho já esquecido
de um gesto que foi negado
por preconceitos que sabem
sem nunca nada saber.

Talvez então desta vez
se descubram no presente
as lições desse passado.

79 . Suavidade

[Relembrando Sophia Andresen]

A suave poesia
feita de sussurros
em renda de espuma
e fios de mar

das mãos de Sophia
trás o sol com ela
e mais o perfume
que desce do céu

com a maresia
nas tardes de verão
que a noite bebe
como uma oração

que descrentes cantam
espontaneamente
sem saber porquê
nem por que razão...

80 . Saber

O saber é um estado insaciável
de privação permanente
tão leve como o ar
disse o sábio
ao deixar-se guiar
nos rumos do diverso
entre escolhos que enchem
a ciência do universo
sempre em convulsão
sempre em recomeço
quando quer tocar
a linha do horizonte
para a segurar
no limiar da luz
com sua mão.

81 . Ressentimento

O ressentimento, antes do bom senso,
é a coisa mais partilhada do mundo
e gera nas antigas pregas da dor
os exegetas coléricos
do princípio da realidade
como uma recaída de mau gosto
num dialecto extinto.

82 . Polémicas mundanas

A querela dos Modernos
em guerra contra os Antigos
renasce de novo
sob os nossos pés
esgrimindo ideias
ou, melhor dizendo,
ideologias gastas
pr'a uso do povo

com grande berreiro
que constrói discursos
e os desconstrói
tal e qual um cão
que persegue o rabo
em torno e às voltas
de um candeeiro...

83 . Tudo é transitório

O tempo faz perecer verdades
que se apregoavam eternas.
Mas por vezes sacraliza o erro
e as folhas caem fora da estação.

Os homens esquecem então
que pensar é ordenar pensamentos
e confrontar pensamentos à ordem
na lógica inexorável do universo
quando tomam por perene o transitório
que resulta da desconstrução dos ventos
na pena delirante de filósofos

e por uno o que é diverso
ao ignorar que tudo se transforma
se constrói e se desfaz sem transparência
à superfície leve e no fundo turvo
porque o que está e o que vem é apenas aparência
paragem no provisório, exortação
da próxima idade dos mundos dentro do mundo.

84 . Pensamento que voa

Pensamento é asa sem corpo
que passa na escuridão
num rasto de luz que se apaga
passagem que se abriu
como uma vala na terra
ou escavada no céu
quando irrompe o furacão.

É o silêncio sereno
a pausa que a vida tem
ascensão no infinito
enquanto morte não vem.

85 . Desobediência

*(Às vítimas dos iluminados
dos tempos modernos)*

Nos campos desabrochou
uma flor estranha
por entre urzes, espinhos
e plantas desesperadas.

Leviatã espezinhou-a com furor
mas ela persistente renasceu
para outra vez ser esmagada
e de novo voltar a irromper
no meio de perigos mil
na aurora de cada amanhecer
entre farrapos do dia.

Então o povo a essa flor
chamou desobediência civil
por semear aos ventos a labareda
agreste da rebeldia
que nas cidades se espalhou
talhando em ruas de granito
o fogo duma vontade rubra.

Aos poucos o Leviatã enfraquecido
nessa guerra implacável da usura
foi desistindo por falta de utilidade
ou incerteza pura
cedendo à precária harmonia
filtrada pelo trémulo crivo
de refundação da desobediência.

Mas depois da acalmia breve,
os insolventes devedores da clemência
descobriram repentinamente
que a chama da razão vacila
sufocada no poço cego e sem fundo
da nebulosa ontologia,

essa contingência insegura
do terrível despotismo da teocracia
espojada no seu trono a repetir
com a certeza impalpável da mentira
que a loucura é a matriz da sabedoria
empunhando outra vez com euforia
a bandeira ensanguentada
do desassossego do mundo.

II - Ironias

86 . Confissão

Não rio às gargalhadas
do ridículo profundo.
O sorriso e a ironia
estão mais perto da vida
e sangram menos.

Não choro de tristeza
nem clamo nada ao mundo,
e do contentamento só vejo
apenas uma réstia
porque o desespero
que às vezes cruzo num olhar
que atropelo na rua
é maior e bem mais sério.

Se não falo de mim
não é por excesso de modéstia
mas porque não sei quem sou
nem o que sou.

E se soubesse
talvez não o dissesse:
gosto do mistério...

87 . Linguagem de pássaros

O famoso político passou
voando sobre os telhados
com asas douradas abertas
como um astro esplendoroso
a cobrir céus estrelados
e a tapar vestes da lua
tão alto que não ouvia
os protestos revoltados
nem via punhos cerrados
agitados com furor
lá em baixo, lá no fundo
como formigas na rua.

Nas alturas onde pairava
não lhe chegavam os ecos
e mesmo que os sons se ouvissem
ele nunca os entenderia
porque há muito que deixara
de compreender palavras
para só monologar
na linguagem dos pássaros...

88 . Bom senso precisa-se...

Quando o louco aponta a lua
o sábio mostra o seu dedo,
diz o ditado do povo.

Mas a loucura é precisa
na vida para mudar
aquilo que está parado,
porque mudar é crescer
e a ordem universal
não tem caminho marcado
nem vive num só lugar.

Interrogar o destino
é humana condição
que recusa o imutável
a sombria falsidade
do vazio do não-ser
de quem não sabe senão

esconder-se atrás da sombra
que o acaso lhe deu
recusando-se a que esta
ouse ter uma existência
no pálido curso da vida
que nem sabe se viveu.

A verdade é que, porém,
os loucos sérios merecem
uma atenção redobrada
quando perseguem visões
e questionam o mundo

porquê? como? e quais?
que no sentido profundo
abalam sempre ilusões
da certeza proclamada
em fantasias mortais.
Os que o são e não parecem,
retóricos e bem falantes
em falas endomingadas
entre todos mais manhosos,
sempre cheios de virtude
e de certezas compradas
em mercados e leilões
talvez na feira da ladra,

são no fundo mais perigosos
porque fingem ter a alma
desses santos milagrosos
ou figuras imortais
quando não passam de seres
cujos meios são os fins
que escondem as ambições
p'ra vender a quem der mais...

89 . Ideais

Caros concidadãos
da minha pátria amada
disse o político com unção
e muitos floreados
bla-bla-bla
bla-bla-bla

Indiferente a terra
não parou de girar.

Soldados, berrou o General
durante a parada:
sentidoooooooooooooo!
e fez um discurso
e tal e tal
mui patriotoso
daqueles bem compridos
cheio de moral
bla-bla-bla
bla-bla-bla

e a terra continuou
a girar, a girar.

Meninos, disse o professor
no meio do bulício,
num tom virtuoso:
estudar é um dever
e é o vosso ofício!
Por isso vamos todos
trabalhar, trabalhar!

bla-bla-bla
bla-bla-bla.

E logo ali caiu pró lado
depois de ter levado
em cheio na cara
com um livro pesado!

Com o estrondo da queda
a terra acordou
e nesse mesmo instante
pôs-se a chorar.

E a pouco e pouco
deixou de girar...

90 . La sagesse du “jamais” em lusolês

“Jamê”! “Jamê”!
disse no mais puro francês
o ministro a estrebuchar
em cima dos seus patins
no meio da confusão
onde uns dizem que sim
outros dizem que não
e muitas coisas afins
à construção dum fantasma
no céu azul estrelado
onde o futuro aparece
esculpido em cimento armado...

Esse “jamê” bem gaulês
resolverá o dilema,
a sublime questão,
com o rigor dialéctico
da mais alta tradição
do linguajar lusolês
demonstrando que os ministros
desta nobre terriola
à falta de outra coisa
são homens de instrução...

91 . Perfeição

Os economistas tira-dentes
e os gestores da nossa praça
em taciturno país
da concorrência perfeita

pregam grande devoção
aos totens e tabus
da natura imperecível
donde emana uma luz baça

e as pedras têm olhos
para verem o impossível:
Deus puxando cordelinhos
com sua mão invisível

enquanto no céu anjinhos
em música celestial
e equilíbrio perfeito
preparam a salvação

cantando o mundo vazio
dos últimos seres viventes
maníacos do social
que incomodam modelos
da abstracta perfeição...

92 . O Império da náusea

É país dos mais perfeitos
construído à escala humana
dos brandos costumes:

visão pequenina de turba infeliz
rosnando em surdina
pelo nariz

chefias inchadas
chegadas da aldeia
poderes fariseus
que vão à bolina
de vento em popa
muita fé em Deus
e o resto ao molhe
no meio da sopa

políticos engenhosos
com arte e ardor
sempre em alcateia
que subiram na vida
graças ao Senhor

banqueiros austeros
com pé na cadeia,
é confrangedor
faz perder a fé
mesmo aos peregrinos
que vão a Compostela
ou à Santa Sé.

Nos andares de baixo
reina a marcha à ré
ou até pior:

salários às pinguinhas
machismos assolapados
secretas invejinhas
horizontes que estreitam
e os anos passando
a sonhar passados

misérias que espreitam
à flor da pele
sem destino certo
sem Estado que vele
pel' o pouco que há

assim vai o mundo
do lado de cá
do Deve e Haver
dos peritos em tudo
que não sabem nada
nem querem saber.

Mas vai-se vivendo
com o peito inchado
à dimensão épica

porque o que conta é restaurar
o Império da grande náusea...

93 . Perfeição total

O país só atingirá a perfeição
dos órgãos de soberania
que ornamentam o Estado
quando o Presidente
estiver sindicalizado...

Que alegria!

94 . Quantidades mágicas

A paixão da taxa de crescimento
solúvel em tantos “ismos”
no âmago mais profundo
da alma dos santos números
traz Othelo pela mão
pois amor ao comprimento
encerra sempre traição,
mesmo com algarismos...

95 . Rei do desporto

“Eu vou tornar-me uma lenda”
disse modestamente
o jovem futebolista,
mergulhado no nirvana
a comer uma banana.

Ele sonha chegar a ter
a cintilar sobre a horta
o brilho de mil sóis

e conquistar um reinado
onde será ovacionado
por milhões de caracóis...

96 – Ultraliberalismo descascado

O famosíssimo político
tem uma fé indestrutível
devotada e cristalina
nas santas leis do mercado
que regem com transcendência
e rigor das Escrituras
os destinos pecadores
e a ordália divina.

Sendo tais leis infalíveis
na sua origem celeste
ao darem sentido à vida,
o nosso herói em questão
cidadão exemplar
modelo de devoção
feita de pedra e cal
unidas com cola-tudo

vendeu a mãe no mercado
em acto bem natural
resultante do equilíbrio
entre a oferta e a procura.
Como a procura era boa
e a mãezinha ainda fresca
conseguiu o preço bom
que esse negócio atesta
de maneira exemplar

o que só enalteceu
a visão que demonstrou
de tecnocrata eficaz,
pois de propor é capaz
até mesmo o próprio ar
que algum dia respirou
ou de curar maleitas
com água benta trazida
da torneira do quintal.

.

Foi por fim condecorado
em acto ministerial
comprovando a transcendência
duma lei teologal
que rende preito à ciência
ao levantar o estandarte
do equilíbrio gelado
que vence qualquer vontade
e rege o dito mercado
com rigor e sapiência
parentes da santidade

97 . Homenagem póstuma

O país todo festeja
um museu inaugurado
nunca visto nos anais:
tem o corpo embalsamado
na melhor conservação
de um velho homem político
que, oh espanto!, morreu pobre
ao serviço da nação...

A raridade é de tal monta
e é tanta a alegria
que há quem grite ao milagre
em enorme berraria
na multidão agitada
que chegou em romaria
para saudar o evento
dessa homenagem exaltada
na solene ocasião,
pelo menos uma vez
porque uma vez não são vezes,
de prestar culto ao honrado
e não honrar o ladrão...

98 . Olimpo português

As divinas flatulências
dos políticos geniais da nossa pátria
que governam a nação endividada
são a mais brilhante conquista lusitana
deste século cheio de Excelências

e não há fado que chegue p´ra cantar
nem música celeste no altar
nem valor mais alto que desponte
do que a oratória empolada desses homens
que parecem pensar com a cabeça
mas que a têm fora do lugar
ao viver com ar vitorioso
de manobras e subtis influências

esquecendo a frase de Montaigne
filósofo sensato e mui famoso
segundo a qual por mais alto
que um homem esteja sentado
no mundo das aparências,
orgulhoso, importante e altaneiro,
está sempre a repousar humildemente
sobre o seu próprio traseiro...

99 . Crise financeira

Ministros perdem cabelos
ou perucas quando as têm
por causa da bancarrota
imposta pela maldade
dos santos que estão no céu
à bulha uns com os outros
e também andam às vezes
com os homens cá de baixo,
só por serem portugueses
pelintras e refilões,
cortando-lhes as receitas
do orçamento de Estado
e aumentando as despesas
em milhões e mais milhões
no erário nacional
sem prevenir o Governo
vítima dessa traição
cometendo assim os santos
com crueldade e rancor
grave pecado mortal.

Por isso os políticos vão
com coragem e rigor
próprios de Aljubarrota
todos em peregrinação
ver a Senhora de Fátima
para meter uma cunha
que restabeleça a decência
na tal conduta celeste
e acabe com a batota
que tem dado tanta dor
provando a inocência

dos nossos bons governantes
apanhados de surpresa
pelo anti-patriotismo
e, diria, morbidez
da divina Providência
para o caso português.

Escusado será dizer,
brada aos céus tal injustiça
que atinge nossos políticos
que não têm culpa alguma
e demonstram competência
como todos nós sabemos
em tais contas de somar
e até soletram bem
a tabuada elementar
sobretudo a de aumentar
o regabofe divino.

Todos esperam o milagre,
sisudos e cheios de tino,
a que sabem ter direito
desde a batalha de Ourique
p'ra poder voltar à mesma
quando esta crise passar.

Oremos irmãos, oremos!
que o país há-de voltar
a ser o que sempre foi:
terra de sarracenos
com fados lacrimėjantes
licornes, muitos dragões,
as princesas de encantar
magras ou mamalhudas
e tragédias lancinantes
de faca e de alguidar
sempre com aqueles sultões
no poleiro a comandar...

100 . Os pardais

Saltitam bandos de pardais
de casaca e laçarote
a rigor e com preceito
por entre a espessa folhagem
dos ramos governamentais
onde há muito que comer
p´ra fartar a vilanagem
de cauda sempre a abanar
que acha que tem direito
ao nunca mais acabar
do fruto das mordomias
e outras delícias tais
dessa santa vassalagem
cuja tradição vem de
tempos imemoriais.

E o mais espantoso é ver
que até voam sem ter asas
só contando com a ajuda
das muletas benfazejas
de geniais deputados
de ministros deslumbrados
e de homens de negócios
muitíssimo sentimentais...

101 . Penitência

Os abutres pairam
no céu do fingimento
onde os pastos morrem
sem ninguém tal ver

enquanto os homens falam,
falam, falam, falam,
repetindo tudo
sem nada dizer

e homens de Estado
sem Estado nenhum
sopram vuvuzelas
e apregoam obra
porque já mudaram
as moscas de sempre
sendo o resto igual
é justo supor
aos tempos de outrora.

Para grande dor
que no peito mora
daqueles que rejeitam
os falsos tesouros
já enferrujados,

continuam lá
os mais desgraçados
a cantar o fado
num covil de mouros.

Allah, volta
Que estás perdoado!

102 . Vaidades

A salva de palmas
no soturno enterro
acordou o morto
que ficou então
assaz comovido
e lisonjeado

a tal ponto que
com muito enlevo
se deixou estar
dentro do caixão

o que prova bem
que ninguém resiste
a um curto instante
de glorificação
que acha merecida
quer tal seja ou não.

Por isso se calou
e com grande júbilo
foi a enterrar...

Livro IV

Tempo irreversível

1 . Adeus a um amigo

*Em memória de Alfredo Margarido
poeta do inconformismo e do possível,
amigo entre os amigos,
que nos deixou em 12 de Outubro de 2010*

Foi ao cair da tarde
quando a palidez cobria o dia
da penúltima estação do ano
que tu, meu amigo,
entregue ao sofrimento
sacudiste esse cansaço
e rumaste para o nada
onde a ambiguidade mora.

Mas ficou o eco das palavras
dos pensamentos lavrados em papel
das aguarelas leves como penas
a balançar nas mentes cautelosas
como funâmbulos do perigo
a hesitarem prudentes
entre o céu e o abismo
entre o ser e o dever¬ ser

onde o pensar atingiu
profundezas do vivido.
O que outrora disseste, meu amigo,
tem raízes na lembrança
da memória que perdura
gravada no desespero.

Resta viva a rebeldia
da lição que nos deixaste
em foles de sete vidas

porventura amarguradas
mas que mesmo assim são vidas.

Lá estão questões que abriste
como frutos já maduros
ou feridas que não se fecham,
perguntas que não terão
serena paz na resposta
a custo balbuciada.

Fica vivo o que disseste
numa obra revoltada
a morder os corações,
recusando o simulacro
que em nome da natureza
simula a repetição
eterna dos recomeços
que nunca mais têm fim
quando a reflexão se busca
no âmago do vivido
ou do que falta viver.

Para trás, na escuridão,
empíricos, pragmáticos
e técnicos congelados
da autocracia hodierna
desprovida de utopia,
habitam por entre sombras
na caverna de Platão.
Quando emergem ao ar livre
são morcegos meio cegos
que já não sabem voar

que deixaram escapar
como água entre dedos
a claridade da luz

que encandeia o olhar
porque, pobres redutores
prisioneiros do ter,
querem sempre assassinar
sem razão a teoria
em nome do que não sabem
e a título do que não são,

expulsos do fundo cósmico
que não vêem nem pressentem
que o ente é ser teórico
cuja ânsia de saber
desafia curioso
o que, amigo, ensinaste:
o assombro de viver...

2 . Utilidade do pensar

O sonho suspende o tempo
para explorar o impossível do engano
e atingir a essência
escondida nas dobras da verdade
para lá das metáforas
que transformam a liberdade da imaginação
em imaginação da liberdade

dando ao pensamento aparentemente inútil
a consistência impávida do rochedo
enraizado em terra firme
cumprindo assim a tal missão
para que servem os sonhos.

3 . Tecnocracia triunfante

Com a segurança de quem só tem certezas
num deserto de miragens traiçoeiras
onde a dúvida se perdeu
os tecnocratas preparam sem saber
novos Auschwitz para os que ainda ignoram
que mais terrível do que a morte
é o pesadelo vindouro de ter medo dela...

4 . Civilização do instante

Quando formos absorvidos pelo instante
e pela velocidade virtual
no espaço vertiginoso e etéreo
da geometria tridimensional
onde o relativo impera

então perderemos a memória
e não poderemos mais pensar
em nenhuma dimensão da história
porque seremos mortos→ vivos
da reminiscência volátil

Sísifos abandonados à sua sorte
Ulisses naufragados num rochedo,
todos acorrentados à vida
pela morte e pelo medo.

5 . Se

A vaga de tecnicismo
que espuma à nossa volta
tem o rugido breve
do *estar-aí* para a morte.

Quando o refluxo chegar
e a espuma se dissolver
numa escultura informe
resta ainda saber
o que fica no seu lugar:

se o esperar moribundo
se vãos castelos no ar
se o princípio do fim
se a revolta do mundo...

6 . Rir

Pode-se rir de tudo a certo passo
mas não com todos,
sobretudo nunca
com os inimigos da liberdade,
disse quem gosta de ter
ar limpo p'ra respirar
nas três dimensões do espaço
onde não mente a verdade...

7 . Passagem

A visibilidade do oculto
reside no que a si se mostra
ao passar do isolamento à solidão
depois da perda e da renúncia.

É então que o sofrimento chega
quando o outro que existe
já não é o outro de nós mesmos.

8 . Ideia e facto

A ideia é mais
do que a pura duplicação do mundo.
No entanto o arco das ideias
não está reservado aos deuses
entre o menos e o mais
tal como o universo dos factos
não serve apenas
aos simplesmente mortais...

9 . Silêncio

O que é, move-se
e não pode passar sem vida.
Só o silêncio habita a imobilidade
quando o tempo é tão só um instante
sem começo nem fim.

10 . Criação

A pobreza do computador
é que se ele não esquece
também não sabe criar.
Talvez isso aconteça um dia
mas então a agressividade da ciência
ou da tecnologia sem rosto
abrirá as portas à irreparável
servidão do homem.

11 . Efêmero

[Para António José Fernandes]

Toda a vida comporta
enquanto tal um saber
uma espécie de retorno
da vida sobre ela própria

experiência vivida
no cerne do conhecer
mergulhada nos confins
a que teorias não chegam
e onde o ser, como as coisas,
se embebe de efêmero
na finitude do ter.

12 . Migração das almas

A alma é apenas
a harmonia do corpo.
Quando a força desmaia
o espírito declina e não vê
que chegaram as primeiras sombras
à noite da memória.

Mas, dos sonhos que abrem alas
na via da eternidade
para essa migração das almas
que regenera a palavra
de que falam os antigos,

não decorre a imortalidade
porque ninguém sabe ainda
na queda livre sem fundo
p'la boca dum poço aberto
se a alma é vida ou pensamento
ou se a ideia constitui
uma miragem do mundo.

13 . Complementaridade

A sabedoria humana
é o saber de um não- saber.

Só o não- dito permite
ao que foi dito

de percorrer a estrada
até ao horizonte do alcançável

que amadurece as raízes
quando chega o entardecer.

14 . Rumos

Os homens sem circunstância
vagueiam pelo universo
na ilusão de encontrar
um rumo fora de si.

Mas não olhando p'ra dentro
vêm o fora vazio
sem pegadas no caminho
ou no chão onde se miram.

O horizonte não mostra
orientes ou ocidentes
norte ou sul na direcção
irresoluta e sem fim
dos reflexos sem nexos

pois espelhos só reflectem
os nenhures da razão
e perdem-se os caminantes
sem mesmo saber quem são.

15 . Memória

[Para Inácio Rebelo e Andrade]

Todos somos outros
e nós mesmos

salvo quando a memória se dilui
porque sem lembrança, morre-se,

os olhos deixam de ser
os órgãos da alma

e o tempo transforma-se
num precipício intransponível

para reencontrar o passado
que agoniza nas palavras.

É aí que perecem os incautos
em beirais do impossível

caindo no abismo
do pensar fragmentado

por mentiras sobre o bem
e silêncios sobre o mal

quando a ciência já não é
a exaustão do real...

16 . O regresso da crise

Como esqueletos que saltam
de armários bolorentos
os camisas negras estão de volta
em fardas de múltiplas cores
sempre a ranger os dentes

com furor não vacinado
pela acção do Pasteur
para se dar ao respeito
que tanta falta lhes faz
quando convém ou dá jeito.

Têm a baba a escorrer
e uma bÍlis agreste
com sanha e raiva a valer
mas ninguém sabe a razão
de tamanho descalabro
que provoca indigestão

às vezes apoplexia
em cenas de pandemónio
como as que já foram vistas
nos tempos dos filmes mudos
e da Guerra Mundial
quando o terror era a regra
de sádicos e masoquistas
em insânia romaria
de irmãos gémeos do mal.

Época reconfortante
esta que agora vivemos
finais de 2010,
do império da Finança
cheinha de tecnologia
de Certeza e Confiança
a levantar às alturas
do sossego mais que justo

a moral dos accionistas
benfeitores do crescimento,
os quais, aliviados
e com muito sentimento,
batem palmas ao enterro
da Europa a espernear

sob as golpadas certeiras
da velha especulação
enquanto Monet e Schuman
dão pontapés no caixão
e se fartam de berrar.

Por toda a parte desfilam
em pose de carnaval
essas gentes excitadas
do mercado folgazão
que levam a grande festa

ou, melhor, o festival,
sem apelo nem agravo
direitinho ao matadouro
p'ra galinhas sem cabeça
porque memória é coisa fraca
e tudo o que luz é ouro.

17 . Justificação da palavra

A palavra só tem alcance
quando uma resposta é possível.

É essa a condição do diálogo
para que a compreensão do significado
não seja retórica vazia
e o ser ou a coisa sejam entendidos
como presença do que está presente

porque as perguntas são absurdas
quando se sabe a resposta.

18. Unidade

O uno é sempre múltiplo
na totalidade dos possíveis
antes da palavra ser conceito.

A unidade da palavra
é a que merece ser dita,
a unidade do pensamento
é a que merece ser pensada.

19 . Antecipação

A primazia da consciência de si
sobre a consciência do mundo
é a linguagem da sombra
na antecipação especulativa do absoluto.

20 . Tempo de viver

Deixei passar o tempo
e não o agarrei
porque como um raio
ele se me escapou
e passivamente
por ali fiquei
a vê-lo partir.

Agora que vai
lá longe distante
de costas viradas
já no fim da estrada
do futuro escasso
onde me quedei

mordem-me remorsos
de não o ter parado
porque ele também
precisa de tempo
p'ra viver a vida
que passa uma vez
mas duas jamais
como águas dum rio
que chega do norte
e morre no mar
não voltando mais.

21 . Outono da vida

É no braço pendurada
que a angústia caminha
com as passadas incertas
de um cego que busca
a boca das armadilhas
que se abrem sob os pés
onde tomba o desespero.

Aquele braço que apoia
a angústia que a ele se agarra
por sua vez já não tem
a firmeza de outrora
e se põe a vacilar
ano a ano, hora a hora
enfraquecendo também.

A fraqueza e a angústia
juntam-se as duas então
transformando-se num pássaro
que levantou voo da neve
com asas de gavião

e se lançou p'ras alturas
direito à serra dos medos
numa altitude infinita
onde o céu sente vertigens
tão longe que o regresso
é já um sonho impossível.

Foi por isso que partiram
a angústia e o seu amparo
transformados numa ave
e nunca voltaram mais
ao sofrimento que mata
ao desespero que dói
às penas que o tempo dá
à angústia que corrói.

Agora vivem lá longe
na abóbada do céu
escavada no silêncio
por não mais haver lugar
nem calor nem amizade
na terra para os abrigar

22 . Diálogo

No diálogo as palavras
jamais são isoladas
como ilhas num mar perdido
ou navio naufragado

mas chaves para decifrar a substância
infatigável do sentido
na presença do que é pensado.

23 . Limites da razão

A razão não é o sistema
de todas as razões
e não reconcilia
o pensamento e o ser
nem se reconhece nos objectos
como num espelho
quando estes são apenas o reflexo
de um orgulhoso querer.

24 . Ambições realistas

Nos campos estiolados da metafísica
plantou-se a ontologia da substância
contida na ambição dos poetas e dos loucos
para quem pensar visa o absoluto.

Porém, se a vida é ao mesmo tempo
liberdade e espírito que aos poucos
ergue a muralha da tolerância
e dá ao infinito o significado

das coisas terrenas construídas devagar,
então só humilde realismo colado à utopia
pode eliminar a longínqua distância
que separa o ser do dever-ser

com os passos comedidos da prudência
para atingir o ponto de acalmia
onde os barcos fundearão um dia
depois de uma desesperada ausência.

25 . Identidade

Nenhuma palavra é a última
nem sequer é a primeira
ainda que alguém escute
a sua própria voz.

Por isso a linguagem
se encaminha rumo à escrita
e é lida para existir
porque sem tal testemunho
que partilha o ser¬ no¬ mundo
e lhe oferece o sentido

os caracteres deixados sós
agonizam lentamente
são uma mancha obscura
confusa interrogação
de um universo dormente
pelo cinzento grisalho
de um Outono toldado.

Só quando nasce a poesia
em signo indeclinável
que quer ser decifrado
e se forma em literatura
libertada das grilhetas
da cansada hesitação

se inaugura a nova idade
p'ra assumir o compreender
do outro dentro de si.
É então que a identidade
volvendo no acontecer
recusa a pobre ilusão
de fingir o fingimento

e tem força de afirmar
contra o mal que despontar,
tanto o sim para viver
como num trágico porvir
responder não e morrer.

26 – Palavra

*Relembrando o filósofo
Hans Georg Gadamer,
jardineiro que semeou poesia
pelos canteiros do mundo.*

A língua reformula-se
em cada diálogo,
que faz ressoar a palavra
na sonorização do silêncio.

A relação que une
a palavra e o conceito
junta linguagem e pensamento
na nova teoria da razão
em cada ser que só é ser
por ser único.

Essa razão indizível
é a estrutura secreta
a caminho da escrita, porque
não pensamos em frases
mas para lá de todas as frases.

27 . Inquietação

O caminho da civilização
é a pergunta inquieta
de como refazer o equilíbrio
entre medida da ciência
e sentido da medida

entre os limites da crença
e o espaço amplo, aberto,
que se projecta no cosmos
com raízes no incerto

onde a ascese da ciência
é a bússola desnorteada
que já não encontra rumos
que preencham a ausência.

28 . Natal

Vóvózinha, disse o menino,
o que me vais dar no Natal?
Não posso dizer
é segredo de certeza
que de muito longe vem,
retorquiu solene a avó.

Mas, disse o menino
com espanto e firmeza,
não digo nada a ninguém!

Foi assim que sem saber
nasceu a lógica
o bom senso
e a filosofia também...

29 . Turbulências contemporâneas

O presente abre o futuro
e vai mudando o passado
como duas faces de Janus
que oscilam entre memórias
e pelo cosmos vagueiam.

Esse presente é tumulto
entre fúteis aparências
da universalidade perversa
de uma sagesa vazia

em vastos sopros ambíguos
dessa nova liturgia
que escreveu a partição
de fúrias desencontradas
na natureza diversa.

É o pensar que se fecha
e já perdeu luz do dia
nas montras iluminadas
que o vácuo invadiu
e a pouco e pouco esvazia

ao chegarem outros tempos
que nos trazem a demência
nas folhas e nas raízes
porque as feridas do espírito
que apodrecem devagar
já não deixam cicatrizes

30 . Espírito absoluto

O espírito absoluto
está presente em si próprio
no intemporal sem fronteiras
onde a arte de entender
é a arte de escutar
a razão do outro.

Dai vem a hermenêutica
que tenta sempre saber
porque nunca alcançaremos
o que amaríamos dizer.

31 . Tempo

O modo mais originário
da presença do passado
não é a lembrança
mas o esquecimento
que dorme no interior
íntimo do tempo.

32 . Concretude

É preciso expulsar
as ilusões suspensas
no céu do impossível
que se insinuam lentamente
entre a unha e a pele
tal como o pó do deserto

para não perder noção
dessa diferença latente
entre a lonjura e o perto
entre o certo e o incerto.

33 . Mistério do pensar

[Relembrando Martin Heidegger]

Para lá do pensamento
há a linguagem do pensado
que reproduz o pensável
no discurso do devir

mas não o imemorial
do ser que é ele próprio
e que a palavra natural
não é capaz de exprimir.

34 . Criação

[Para Eleutério Sanches]

O pensamento segue rumos
de finalidade vaga,
é paixão impessoal
onde o autor se apaga

e a arte se acende
numa linguagem que corre
em grutas ensombradas
como uma caça ao tesouro

na busca do Eldorado
onde o comum chega ao ser
em fontes frescas que brotam

de outras nascentes mágicas,
como quando o que é pensar
se dilui no que é pensado.

35 . Vontade

O que tem sentido
não é apenas o ser
no primado do discurso

mas o querer
da vontade que destrói
barreiras no céu rasgado
e descobre um campo aberto

para lá do que é finito ou infinito
presente que se mira no passado
onde tudo se pode refazer
salvo regressar no tempo
ou voltar alguma vez da morte.

36 . Imprevisibilidade

A imprevisibilidade do destino
não impede de pensar o que é
nem permite justificar
a desconstrução implacável
do passado que herdámos

repartido entre o real
e o incerto imaginário
da irresolução difusa
que se perdeu no caminho

37 . Aparência

A existência afirma-se
com raiz no próprio mundo.
Mas é a experiência do tempo
que nos confronta com a finitude essencial
quando passamos a fronteira móvel
da ordem pura da aparência
e penetramos noutra dimensão
que não sabemos se tem a consistência
do sonho que se sonha ser real.

38 . Maravilhoso mundo novo

[Relembrando Aldous Huxley]

A era do delírio tecnológico
instalou a *des-lembrança* do ser
na filosofia perplexa do Não
quando os deuses se embriagaram

e um dilúvio de certezas
desabou sobre o mundo
abrindo clareiras de desespero
que apodrecem as raízes ancestrais
num cosmos onde a luz
se apaga a pouco e pouco

ao chegarem relâmpagos e estrondos
que cegam e ensurdecem
como um maestro louco
em gesticulação demente
dirigindo uma orquestra de autómatos
a tocar no fundo de um abismo
onde jaz o destino do ocidente
e talvez do mundo

39 . Simbiose

Para lá da diversidade
há a unidade do múltiplo
se diferença e identidade
habitam o mesmo instante

nessa relação estranha
entre a ideia e o vivido
enquanto existirem velhos
que foram contemporâneos
de um presente perdido.

40 . Palavra e pensamento

O que fica é só o nada
lá onde falta a palavra
e o seu enigma
expresso nos sinais.

Porém só se aprende a ver
através do pensamento
no tactear hesitante
por entre a obscuridade

quando aí falta à linguagem
o instrumento criado
para lhe dar existência
porque as palavras que voam

não crescem como flores
em terras abandonadas.
A substância da vida
é aquela transparência

do saber do que nós somos
pois é ela que semeia
o que deve ser pensado
no ser que a si mesmo se desvenda.

41. Tempo que vivemos

Vivemos o tempo
da vontade de esquecer

de negar a continuidade
disfarçada em fogo brando

para afirmar a cada passo
a falsa inovação da novidade

volátil como a luz que se desfaz
em estilhaços quando a sombra a come

no seu véu de tempestade
que traz o ocaso ao fim da tarde
como a morte na dormência.

Depois o pensamento do nada
deixará que a angústia aceda

ao coração solitário da essência
para descobrir que o centro da verdade

não é o lugar do julgamento
como a esperança não é espera

mas tão somente um caminho
na rota da alteridade.

42 . Erlebnis

O sentido profundo do erlebnis¹
com o seu fundo de musical sonoridade
opõe-se ao racionalismo frio
que mora no mundo inerte
do falso romantismo da totalidade.

Quando os factos não são apenas factos
mas unidades de sentido
em tudo o que realmente toca o ser
então são assumidos por si próprios
fundados no amplo movimento

não da consciência como processo no tempo
mas do tempo como forma de consciência.
Por isso a relação entre a vida e o vivido
não é a relação entre o geral e o particular
se erlebnis for a tradução do todo

num movimento que só pára no infinito
abrindo caminho à aventura humana
na rebeldia constante e exigente
que dá à palavra um eco de poesia
e subtilmente a faz sobreviver

para lá dessa banalidade morna
que se afoga quotidianamente
na praia deserta quando a maré está vazia
e o dia entre os dias decorre sem acontecer
apático, mortal e indiferente.

1 “Erlebnis” conceito filosófico alemão para “vivido”.
[Cf. Gadamer, *Vérité et Méthode*, pp. 78-87]

43 . Até soar a hora...

*[Terrorismo: o apocalipse
da razão]*

A letra mata e o espírito dá vida.
Mas quando a intolerância cega
a seiva escorre sem nada fecundar
e a alma é um tronco ressequido

que a mais ligeira brisa quebra
no breve instante da verdade
até cair por terra quando tocam
nas aldeias os sinos a rebate

ao soar a hora do perdão ou da vingança
da paz ou do último combate.

44 . Cinzas ao mar

Cinzas deitadas ao mar num gesto último
perpetuam a alma que navega
na espuma das marés a embalar
o berço de uma nova vida.

Às vezes vêm à tona respirar
em dias que a claridade espreita
as entranhas dos deuses desse mar
que a luz visita num breve clarão

na abissal e trémula profundeza
onde seres convivem complacentes
com as cinzas moldadas pelo fogo
que na impenetrável escuridão

deram aos corpos uma forma de beleza
ao trazer consigo impregnada
a arte sagrada da ressurreição.

45 . O tempo dos relógios

O tempo à solta foge apavorado
como um rio que escapa da nascente
numa viagem sem regresso e sem remorso
até ser apesado nas algemas de ouro

que matam a liberdade original
do natural movimento das estações
a marcar o ritmo ancestral dos elementos.
Agora já por todos foi esquecido

que a arca de Noé não tinha
engenho, motor ou mecanismos
nem vela desfraldada,
só o sopro do tempo e nada mais

quando navegou até bom porto
cortando com sua quilha afiada
campos de sonhos congelados
num mar de relógios fraudulentos

que aguardaram em silêncio a hora
até chegar o dia em que o dinheiro
e o tempo se equivalem
e o passado e o presente se mutilam

no altar ensanguentado dum presente
ambíguo que passa sem passar
apenas para cumprir em vão
um destino que em cada dia mente.

46 . Essência

O idealismo da essência
inscreve-se no reconhecimento
se o que é conhecido
atinge o centro da verdade
naquilo que se revela
para lá do mimetismo solar
do seu próprio modelo,

como quando se busca o divino
na exaltação ainda pueril
de um anónimo culto popular.

47 . Identidade e reconhecimento

*[Relembrando Paul Ricoeur,
filósofo da serenidade]*

Não é na equívoca identidade
a conter o mesmo de si própria
que alcançaremos a construção do todo

mas sim no estranho reconhecimento
do mesmo pelo outro
que integra a viva alteridade

nessa pulsão cósmica universal
com que um rio entra mar dentro
e gera a energia da reciprocidade.

48 . Tempo e metáfora

Outrora fui um jovem¬ velho.
Com a espessura do tempo
criei raízes e pudei os ramos
recebi na face os ventos da mudança

até chegar a velho¬ jovem
que sabe agora que na longa narrativa
tudo passa sem se dar por isso.
Descobri então que nada é linear,

a coerência da história é ilusão
por entre escombros de bonança
onde os homens se procuram
para raro se encontrar

porque o tempo só é real e vivo
como a maré a cantar
quando vai ao encontro da metáfora
e cria sentido ao falar com ela.

49 . Remorso

A dívida nunca paga
àqueles que um dia amámos
mas com a morte partiram

é um remorso que fica
sem remissão a pairar
na consciência diluída

dos sonhos que nos despertam
em farrapos de alvorada
no mar de pesadelos de uma vida

50 . Liberté, égalité, fraternité

[Pour Philippe Béraud, França]

A antiga bandeira ainda flutua
no coração persistente da memória
quando asas da lembrança
se abrem para atravessar o céu
entoando o hino da liberdade

nas vozes de Brassens, de Piaf,
de Moustaki, do velho Brel,
de Montand e de Léo Ferré,
a cantar igualdade debruçados
ao balcão do arco íris.

É então que assoma no horizonte
a sombra esquiva da fraternidade
procurada em cada geração
que aguarda a chegada de Godot
no cais abandonado de uma decrepita estação
onde os passageiros são esperados
dia a dia, hora a hora
num silêncio alvoroçado
onde a resignação já não mora.

51 . Tentação

O homem de poder
não o pode ter
ao desbarato
porque não há santidade
nem senso que valha
quando a carne é fraca
e a loucura eterna

como alma canina
vendo um lampião
ao dobrar da esquina
cede à tentação
cheia de alegria
de alçar a perna
mesmo sem carimbo
nem a permissão
da Filosofia...

52 . A Fábula do tempo

[“*O tempo não existe*”.
Nadir Afonso]

A história é objecto de saber
mas é também determinada
por um saber de si própria
na continuidade desenhada
no âmago do movimento
onde o tempo é uma fábula.

53 . Utopias

Já não existe interpretação diversa
entre os escritos sagrados
e os que nascem profanos
porque nos tempos de neblina
por entre passos que hesitam
há uma só hermenêutica
no grande livro obscuro
da velha história do mundo
onde o texto se dilui
no magma do contexto
de um cosmos bárbaro e profundo
desse sentido do ter
ameaçando utopias
que agonizam sem saber
se existem estradas abertas
na caminhada do ser.

54 . Passagem para o largo

Foi de noite que lancei ao mar
lembranças do tempo que vivi
que ao passar sem passar também ficou
na sua imortalidade passageira

como um barco de papel que navegou
deslizando mansamente para o largo
sem talvez nunca se afundar.

Foi nessa noite cerrada do inverno
que se foi afastando devagar
deixando para trás a solidão
no homem sentado à beira- $\neg$ mar

até ser o ponto imaginário sem destino
de um pobre corpo agora ausente
repartido entre o passado e o futuro
mas que na memória revive persistente
projectando uma luz que paira
como um fantasma benévolo
debruçado lá do alto sobre um muro.

55 . Renovação

A terra é um grão minúsculo
que rola na poeira do universo.
Mas o sonho que irradia
sobe imparável a falésia
e mira lá do céu os outros sonhos

que crescem calmamente como as ervas
afagadas por brisas de marés
sem a turbulência a encher o dia
serenando as vozes
que montam às alturas

onde a claridade tem
sombras escuras
de pensamentos traídos
e os sons se recolhem de cansaço
no silêncio do tempo fragmentado

para mais tarde regressar
quando renascer uma aurora nova
vinda do longínquo mar
e o tumulto que alimenta a vida
outra vez voltar

na renovação do sentido
que pensa que o tempo existe
ignorando que não se vive para viver
mas para se ter vivido.

56 . Para lá da razão?

Os homens são
mestres do fragmento
ao tecer em filigrana
as formas inconsistentes
onde não cabe a razão

numa morada de sombras
construída em castelos
de espaços largos dormentes
que tecem teias à volta
das guaridas da ilusão

onde se chega e se parte
sem saber como viver
nem como tudo se acaba
nem porquê, de que maneira,
tal passar tem um sentido
no limiar duma coisa

que ultrapassa a ombreira
dessa porta que se abre
ou se fecha para o nada
da vontade derradeira
que não sabe se é razão
ou a crença verdadeira.

57. Sentido

Nada vive sem sentido
das coisas dentro das coisas
que se encaixam como puzzles
num acaso ou num destino

mas que hesitam em escolher
entre o déficit do comum
e o império do Eu
que se movem sem saber

como uma estátua do tempo
que defronta as intempéries
e aos poucos vai definhando
nas perguntas sem resposta

do velho espanto do mundo
quando a morte nos visita
na branca luz que estremece
em lábios dum moribundo.

58 . A morte do Político

Quando partidos se transformam
em fortalezas inexpugnáveis
por ambições voláteis,
uma a uma as vozes emudecem
e cresce o silêncio das vontades

como raízes que apodrecem
no ar rarefeito das rotinas
vencidas por litanias
de orações decoradas
que recitam sem saber
o vazio das palavras
a custo pronunciadas

perdidas velhas ideias
que lutavam pelo ser
nas origens desse tempo
que hoje já está esquecido
no meio da nebulosa
que desconhece o sentido

dos limites da razão
que sempre invade o mais ter
na ordem da sordidez
relativista e confusa,

incapaz de compreender
a diferença basilar,
mestra da sensatez,
entre dizer sim ou não

59 . “Raças”

[Para Emmanuel Carneiro, Angola]

As culturas são como vagas
que vão e vêm no mar
que dão e tomam ideias
nessa magia do signo
num constante repensar
que transmuta o que já era
no que mais tarde será.

Por toda a parte se morre
e outra vez se renasce
em todos e por igual
sem distinguir latitudes
de norte a sul duma terra
semeada de províncias
(impérios que faleceram)
que gira sobre si própria
estonteada e mortal.

Mas sobrevive um saber,
em urna mumificado,
que não sabe que uma “raça”
é um conceito aleijado
na mentira do pregão
às escondidas com o mal
ao negar que o sangue é mesmo
em toda a parte vermelho
salvo em bichos doutra raça

como são o escaravelho
jacaré ou escorpião..

Já descobrimos que hoje
o velho “universalismo”
visto apenas lá do Norte
deu lugar ao plural
a girar num cosmos novo

como pássaros coloridos
em torno duma flor
a transportar o seu néctar
em lonjuras sem fronteiras
que ignoram sentidos
como o bem ou como o mal

e vão refazendo o mundo
num longo bater de asas
persistente, obstinado,
desesperado e igual...

60 . Presença e interpretação

A presença não se inscreve
na permanência, mas numa
outra dimensão
que foge à temporalidade
onde a interpretação
supera a substância
na forma duma telúrica vontade
nascente da rebeldia
contida na obra de arte
no pensamento que arrisca
ou na poesia

nos poderes significantes
que recusam
um construtivismo efémero
assente nos alicerces do banal
quando esquece as metáforas do espírito
para só reter o material
a esconder-se por detrás
daqueles tabus discursivos
que protegem o estatuto
duma retórica vazia
de obscuro sentido
sempre a viver na fronteira
do mimetismo inconfessável
da tautologia.

61 . Verdades

Tenho o sentido da vida
onde a morte está também
lá no fundo, bem contida,
até que um dia ela vem

de surpresa, de repente,
ou então anunciada
numa passada dormente
misteriosa e prolongada

mas tal não quero aguardar
porque a paciência não sobra.
Recuso esse arrastar
e meterei mãos à obra.

Não é orgulho escusado
mas amor à liberdade
a manter até ao fim
por respeito pelo Não
na luta pela Verdade
em última decisão.

Porque a verdade é muito mais
do que uma coisa verdadeira.

62 . Esquecimento do querer

A liberdade tem dentro
a sua própria verdade,
por isso a morte de Deus
não nos tornou mais livres
nem contemporâneos
de nós próprios.

O tema da morte do homem
também faliu sem sucesso
porque este se multiplicou
à imagem e semelhança
da velha profecia.

A ilusão esteve sempre
na raiz desse dilema
que a tradição ofereceu.
Foi porém no esquecimento
do pensamento político
perdido nas encruzilhadas
onde a verdade agoniza
porque a essência se perdeu

e as ambições quedaram
no ermo de uma estrada
que conduz a parte incerta
quando esculpiu na paisagem
nua, despovoada
e de vontades deserta

esse vazio do nada
que aguarda o retomar
de uma nova viagem
que passe a fronteira aberta
da razão que quer ter querer
e que recusa esperar.

63 . Funeral da ortodoxia

Nestes tempos conturbados
a Economia super↗ científica viaja
em solene procissão
passando do macro ao micro
da caldeirada ao feijão
ortodoxa e sapiente
que traz preso pela mão
o seu próprio funeral
já contido in vitro
num frasco de mercearia

impondo sem grande mal
com pura feitiçaria
bastos truques matemáticos
mercados e demais rezas
em dogmas que são eternos
apesar de algo asmáticos
numa vida de folia
nas liturgias das modas
e de certezas letais

em modelos confiantes
nas expectativas racionais
de museus imaginários
onde os crânios dão à luz
imensos protozoários
e outras mais novidades
sempre↗ sempre geniais.

64 . Fraqueza

A fraqueza da racionalidade
é ignorar o irracional
e o seu cortejo de rancores

mesmo quando bastaria
varrer a espuma num sopro
para repor a essência.

65 . Resistência do ser

[Relembrando Ossip Mandelstram²]

Às vezes ouço a voz de Mandelstram
que traz a fragilidade das manhãs
deslizando pelo dorso das colinas
para levar o eco dos seus versos
até à tundra gelada onde germinam

como se o vazio estivesse povoado
de mãos abertas, sequiosas
de receber a dádiva que transporta
a resistência poética de viver.

E tanto faz que seja a tundra ou a savana
planícies ricas saciadas
ou florestas hirsutas, desgrenhadas,
as sementes fertilizam sempre

arrastando inexoravelmente
a harmonia dos aluviões
escondida no silêncio que desperta
da letargia de um sono ausente

2 Ossip Mandelstram: grande poeta russo nascido em Varsóvia em 1891e morto em 1938 de fome, de frio e de maus tratos num campo de concentração soviético da Sibéria.

para fazer ouvir o testemunho
de uma voz que chega de além→ tumulto
enquanto nas sibérias desta vida
houver quem resista amordaçado

inscrito no apolíneo impulso
como tempestade na cauda do trovão
que varrerá um dia a terra
transformando o deserto em fértil chão

onde nascem os sons do movimento
que darão ao tempo a dimensão
tridimensional do reviver

ao murmurar no coração do homem
a infinita extensão do ser.

66 . Viver entre as ideias

[Relembrando Albert Camus]

Foi Camus que nos deu alento
para abrir caminho entre as ideias
que paralisam, sem dizer, as mentes

e repensar a falsidade ou a mentira
por entre pregões que enchem feiras
em tumultos de gritos estridentes

dos falso profetas que proclamam
verdade luminosas logo estioladas
antes que regresse outro amanhã

e assim sucessivamente no rolar do tempo
porque tudo é apenas energia
que desmente a eternidade vã.

67 . Perseverança

Nem sempre somos responsáveis
por estarmos caídos
mas é nossa responsabilidade
levantarmo-nos do chão.

68 . Genocídios

[Para Jacinto Rodrigues]

Enquanto a matança continua
na trovoada dos tambores de guerra
e brilham ao sol catanas e machados

os altos poderes na capital do mundo
discutem febrilmente noite e dia
a semântica dos princípios elevados

para saber se a palavra é “genocídio”
ou outra qualquer que falta definir
em convenções de linguagem elegante
redigida em termos educados
onde todos falam para se ouvir falar

provando que o sentido do conceito
tal como está nos papéis oficiais
deve ser nobre e escorreito
com excelsas regras gramaticais.

Enquanto se tratam estas coisas transcendentais
nos areópagos onde discursam solenes
semi- deuses sempre de passagem,

lá longe permanece o extermínio
dos incômodos recalcitrantes
que ignoram os tramites legais

e não reconhecem prioridade à gramática
e à sua necessária transcendência
porque nunca leram tratados geniais
onde a paz é sempre enaltecida
e explicada com infinita paciência

em termos sábios, arcanos e morais
aos ingratos que não sabem ler
nem querem ir à escola
e têm ambições evidentemente a mais
nessa mania incurável e grotesca
de unicamente querer sobreviver
qual peça de teatro ionesca

o que é uma indecência sem maneiras
dessa plebe ignara sempre a querer
almoço, jantar e sobremesa,
ambição intolerável sem sentido
de orgulho indecente e desmedido
que desconhece a ordem natural, eterna e imutável
que os tratados não chegam a dizer
segundo a qual, fatal como o destino,
nunca terá o seu lugar à mesa...

69 . Unicidade do mundo

Quando os sonhos decaírem
como folhas mortas de uma árvore ancestral
os homens reviverão crepúsculos vermelhos
que mergulham corações nas trevas
e trazem de volta o gelo milenar.

Então olharão a diversidade humana
expressa em falsas raças e variegadas cores
de imaginários preconceitos
ódios inúteis ou fingidos amores

e verão que ela esconde lá no fundo
a misteriosa unidade assente
em alicerces de viva claridade
de uma natura por toda a parte igual
que faz de um ser um ente
a iluminar a obscuridade
do pensamento errático

no âmago da alteridade
onde ecoam passos que estrebucham
nessa vertigem suprema
do encontro consigo próprio
ou, quem sabe, com o outro
cada qual sempre mortal.

70 . Unidade do ser global

A alma humana não é relativa
nem tem espessura nem cor

mas quando vive o instante
voa como o condor

em espaços sem fronteiras
nas dimensões do ser que mora

nas latitudes abstractas
das convenções inventadas

que não podem dividir
o que não é divisível

porque o ente é um só
em qualquer céu que atravessa

ou na terra em que habita
onde o imaginário constrói

alicerces virtuais
que sustentam o possível

mesmo quando o movimento
dá a vida ou a destrói.

71 . Finitude

Os homens que têm olhos na nuca
viajam através da criação
desdobrando os véus do tempo
a pensar de ordinário nas palavras
mas nunca mirando as coisas

absortos que estão nas fórmulas aprendidas
onde o tempo abstracto ignora a duração
como dias e noites repetidas
sem a magia do concreto imprevisível
vivido na consciência e na razão

perdendo assim a dimensão do ser
por não saberem jamais que a finitude
assumida a cada instante na exigência
é que dá sentido ao ser viver.

72 . Desocultação

[Relembrando Gaston Bachelard]

Água, fogo, terra e ar
são os quatro elementos
que moldam a criação
nos aterros do pensar.

A água bem como o fogo
são duas pátrias da morte
donde renasce uma vida
que se confunde com ela
como a terra e como o ar
que deslizam sem dizer
na carapaça do tempo

num espaço que logo abraça
o que existe espacialmente
e pelo caminho traça
os caprichos da razão
nessa aventura mortal
que se repete de manso
sem que se faça atenção.

Mas é na poesia a nascer
em campos desnudados
pela desocultação

que está o cerne das coisas,
vera verdade do ser.

73 . Nostalgia

Eis o país dos generais sentados
e dos navios apinhados de almirantes
que singram no lago do jardim
soprados por sonhos de aventura

porque sonhar é essência de existir
com cheiro suave de alecrim
e quase tudo é a fingir
nesse existir inquieto que perdura
em nostalgia sem fim.

Aqui ninguém sabe mais
que os barcos são de jornal
as cores das águas mudaram
e as marés já se cansaram
pelo desgaste do tempo.

Então a fé finge que voa
nesse cosmos virtual
como um pássaro sem asas
no céu estelar do nada
onde o destino se escoia
sem saber que é mortal.

74 . Desarmonia

Se viver é tudo aquilo
que só se faz no presente,

reviver é recordar
o tempo quase esquecido
incarnado num momento.

Quanto ao futuro esperado,
se algum dia chegar,
não é mais que vago anseio

de percorrer hesitante
a toponímia bizarra
que desenha o pensamento
num cosmos aberto ao meio

onde a matéria e o tempo
empurrados pelo vento
têm relógios que nunca
marcam as mesmas horas.

75 . Saber querer

O mundo é templo do espírito
e o homem o seu jogral
que vive e morre
no seio do círculo mágico
de uma paixão indizível
entre símbolos encantados
palavras que respiram
desejos estrangulados
no lento volver dos dias
e buscam confirmação
do sentido inteligível
da vida na criação.

Mas o grande mediador
entre homem e universo
é apenas o seu corpo
essa guarida da alma
na infinita tensão
entre o uno e o múltiplo
em muitos a querer saber
mas não sabem saber querer.

76 . Mentira

A mentira mata a alma
tal um pano que se rasga
com a usura do tempo,

até que ao fim nada fica
senão memória que trai
a ilusão que persiste

só em palavras que enchem
a vida da sua morte,
quando ela julga que existe.

77 . Linguagem

O ser é o pastor da linguagem
no manso avesso do mundo
ao partir à descoberta
de rumos no oceano vasto
de uma sintaxe intervalar

que vai deixando para trás
os pensamentos de espuma
de que já se perde o rasto
nessa imanência contida
em movimentos do mar.

78 . Escalada

Quando escalamos montanhas
e nos sentamos no cume
descobrimos a visão
no rasto do nosso olhar

que há sempre outras montanhas
a erguer-se no horizonte
como soldados hostis
de longas lanças em riste
que nos vão desafiar

79 . Guerra civil

Chefes de coração de pedra
que falam de paz
com o dedo no gatilho

cavam sempre na traição
grandes ravinas de fome
sabendo bem que as armas

são uma injúria à razão
ao criar terras sem homens
matando homens sem terra.

80 . Instante

O instante matou a duração
quando o tempo ficou bloqueado
na imagem desfocada do agora
vazia de movimento

nos muros duma prisão
ignorando o que não via
como se fora um filme sem imagens
sem acção nem pensamento.

81 . Entender a pergunta

A linha do infinito é algo
que se desloca connosco
quando no cosmos se eleva
a superior transcendência
da fusão dos horizontes.

Os mitos deixam de ser mitos
ao submeterem-se ao logos
numa aliança profana
unindo com um nó sonho e razão
ultrapassando os preconceitos
que apagavam a historicidade
contida na sua essência.

Compreender o verbo é então
entender a pergunta que este faz
nos termos que proclamam
a universalidade da linguagem
a irromper no interior de si mesma
recusando com firmeza aquele mundo
mergulhado na estática mudez
do dúbio reino dos fins

porque o homem nunca esquece que a vontade
da libertação exigida ou almejada
é consequência primeira da necessidade.

82 . Relativismo revisitado

A derrocada das transcendências fundadoras transformou a imanência do discurso no senso que afundou o verdadeiro em profundezas abissais do relativo.

Por isso a ordem do presente se perdeu e o futuro é agora a pátria dos silêncios onde ecos de passos se atropelam na confusão sem rumo de valores.

83 . Premonição

Não quero reviver depois do fim
numa imortalidade imaginária
de fantasias trémulas ou letais
a percorrer um corredor de espelhos
onde não há nada a descobrir
e só o engano se renova
nas órbitas vazias sempre iguais.

Tudo se repete na chã monotonia
os homens são estátuas que não mudam
e o amor dissolve-se em espuma
que, em busca de nada, vai e vem
na orla do continente vegetal
nesse acto repetitivo e desconexo
que o fingimento tem.

O que acaba, acaba duma vez
e outros desesperos lhe sucedem
conservando o pensamento vago
num ápice olvidado
de um riacho que escoia nas areias
e se perdeu de sede sem regresso
na savana agreste das ideias

porque a vida é apenas movimento
energia de átomos concentrada
que não tem nem ordem especial
nem sequer o álibi do sentimento
igualmente aplicado aos homens e às pedras

ao mesmo tempo que a terra sempre igual
vai girando cada vez mais lentamente
até desaparecer indiferente e fria
na nudez esquálida e vazia
do espaço infinito em silêncio
desse universo astral
onde o remorso
fará nascer um novo planeta
para recomeçar talvez inutilmente
uma vez mais.

84 . Busca

Mais do que o reflexo do ser
o homem procura
o ser no reflexo

mas nenhum desses caminhos
chega para ter um destino
no cruzamento do bem com o mal
que vá além da imagem aparente

da arqueologia do saber
incarnada na metáfora
de um processo dormente
subjacente ao real.

85 . Negritude

Foi no ano de
mil novecentos e trinta e nove
que um poeta inventou
em hora de desespero
a palavra mágica
que se agitava oculta
no coração dos homens.

Depois o tempo correu num fio brando
e o universo corcovou-se devagar
enquanto os punhos da palavra martelaram
em tambores estremunhados
trovões que transportaram
o fogo da revolta em céu aberto
que rasgou como uma faca o ar.

Então o homem surpreendido descobriu
inquieto e até envergonhado
a evidência simples e banal
que afinal pensar o outro
é pensar o mesmo...

86 . Sentido das palavras

O dom dos deuses não é o fogo
mas a linguagem encalhada
num espaço de eternidade

onde os mortos também falam
quando o eterno não significa “sempre”
mas o que está para acontecer.

87 . Liberdade

Não se nasce livre.

A liberdade conquista-se
ao derrubar as barreiras
que nos escondem falácias.

88 . Determinismo

A história dá às vezes
sentido ao sem sentido
mas o progresso não é
uma lei da natureza.

89 . Sobrevivência

Enquanto pudermos falar com o outro
e a esfera da palavra não definhar
a verdade sobreviverá
como um cacto no deserto.

90 . À deriva

No universo do pensamento
há sempre algo que escapa
àquele que pensa

como na palavra dita
se afogam restos informes
que nunca virão à tona.

91 . Ironia

A moral dos bem-pensantes
tem sempre, sempre, as mãos limpas

pela prosaica razão
que não tem mãos...

92 . Discurso

Os animais não têm discurso
nem perdem tempo com ele.

Se o tivessem como nós
morriam todos de fome.

93 . Nominalismo

A verdade não revela coisa alguma
da natureza das coisas
quando traça unicamente
características dos nomes
onde tudo o que existe
é indivisível e singular.

94 . Cultura

A cultura custa caro.
Mas se estão tão descontentes
experimentem a ignorância...

95 . Fronteira

A finitude do humano
é o infinito do ser.

96 . Os novos sobas

Eis que chegaram os sobas engravatados
que há séculos venderam almas
às caravelas negreiras
ancoradas na memória.

Com eles vieram também
novos tempos de desforra
com poder de vida e morte
nas brumas imaginárias
do império do mandar.

São inconstantes carrascos
que acusam todos com tudo
com razões que só neles moram

inchando em cada dia
como rãs verdes no charco
de vaidade e fantasia,

velas que sopram sem barco
argonautas que viajam
ao sabor da maresia...

97 . Viagem

Experiência é viagem
entre paredes opacas
só transponíveis quando chega
o sopro da imaginação.

98 . Viver a previsão

O tempo passivo existe
com tendência para o nada
de qualquer coisa que passa.

É o devir que alimenta
a imaginação do homem
porque a hora da sua morte
fica escondida
e a força da ousadia
lhe é então permitida.

O tempo que depois renasce
é desde logo um espaço livre
feito de previsão.

99 . Importância do tempo

A importância do tempo
não está em vivê-lo
mas em valorizá-lo
na interpretação dilacerada
do acontecer.

100 . O século de Prometeu

Não há espírito
que não seja espírito de alguém

nem consciência que não pertença
a um sujeito que vive

nem ideia pura que eclode do nada
na circularidade de si

quando o tempo
é heterogéneo e desigual

o espaço se inscreve na multiplicidade
onde tudo depende de tudo

no vasto movimento pendular
da acção das coisas e dos seres

em rupturas por vezes torturadas
do grande relógio do universo

sem espantos nem badaladas
quando bate o coração da entropia

cumprindo passo a passo
o caminho de Prometeu

esse deus trágico
da nossa modernidade..

101 . Tempo e eternidade

[Para António Garcia Ramos]

O tempo é o impalpável do real
na forma de existência
dos objectos que envelhecem.

Ele não é um processo
que a si próprio se basta

agindo à maneira
de um demiurgo que domina
a duração que não dura.

O passado é o possível cumprido
o presente é a passagem
do possível à realidade

enquanto o futuro
é um vazio existencial.

Mover-se na galáxia do futuro
é criar o futuro

quando o movimento para o devir
é o processo da sua criação.

O mundo está no tempo
porque é nele que nasce o novo
e morre o antigo.

Nesse caso a duração é, por essência,
o movimento da matéria
e não conhece a imobilidade.

Numa eternidade que existisse fora do tempo
não haveria diferença alguma
entre passado, presente e futuro

porque o tempo é mudança
e a eternidade imutável
é a pergunta a que faltaria responder.

102 . Precedência

Para que o tempo exista
é preciso que o universo
tenha chegado antes.

103 . Tempo de crise

Acima do chão juncado de desempregados
os poderosos comprazem-se na Disneylândia
a coleccionar galáxias...

104 . Fazer frente

A atmosfera onnipresente
da ameaça do cepticismo
tolda o espírito do universo
ensombrado de medo

e não é o elogio
que traz a resposta consigo
por ser sempre duvidoso

nem o optimismo beato
a fingir que se revê
num espelho luminoso

que afastam o que é sombrio
quando só os discursos
enfrentam o desafio.

105 . Alcance das teorias

As teorias não servem de nada
dentro de causas vazias
a menos que as preencham
com a dureza dos factos.

106 . Elogio

Um cão vivo vale mais
do que um rei moribundo.

107 . Gramatologia

A marca própria do ser
é a identidade da coisa
com ela própria.

O nada que o ser combate
é povoado de incógnitas
que a semântica atropela

dentro da floresta da linguagem
onde o infinito
não tem exterior.

108 . Causas

Se Deus fosse o mundo
o mundo seria sem causa
e o panteísmo
um ponto de interrogação.

Ora um ser sem causa
é racionalmente contraditório
porque a revelação desaparece
e o espanto triunfa.

109 . Palavra

O universal é talvez
o signo da razão,

mas é a palavra e não razão
que distingue o homem
do resto da natureza.

110 . Cepticismo

Sem o cepticismo
a própria verdade
seria intolerante.

111 . Averroísmo

[Relembrando Ibn Rushd, dito Averróis]

Averróis disse um dia
que a morte era o fim do homem
embora não do pensamento.

O perigo do averroísmo
ameaçou então
as civilizações religiosas
baseadas na eternidade
e no medo do além

que o clero alimentava
em nome da imortalidade individual,
pelo que todos se empenharam em calar¬ lhe a voz.

Foi assim que o islão perdeu
a batalha inquieta da ciência.

112 . Auschwitz

[Para Daniel Santos, Canadá]

Pensar é interrogar¬ se
sobre a origem radical das coisas
à maneira de Leibniz.

Assim, se tudo está previsto,
qual foi o deus que deixou
que se cumprisse Auschwitz

com os seus milhões de crianças
que abalaram a onisciência
tão apregoada do divino?

113 . Causa e efeito

*[Relembrando
o filósofo Marcel Conche]*

A relação de causalidade
não implica só
o efeito contido na causa.

A causa produz o efeito
mas não o explica
a menos que seja a causa de si própria.

O efeito gera o novo
em relação à causa
que não pode desvendar.

114 . Relativismo

O relativismo cultural é o absurdo
inseparável do nihilismo.

A liberdade sem ressonância que se busca
desagua surdamente no vazio

que esconde lá no fundo o fingimento
de quem não sabe dizer não

e se dilui no magma pastoso
do morno anonimato...

115 . Indivíduo universal

Só o indivíduo universal
prefigura o homem e a voz

e se inscreve como ferro em brasa
na solidão inelutável

de um canto que recusa
diluir-se na multidão que vocifera.

116 . Incerteza

[Para Jacinto, Catarina e Elizabeth]

A luz que nos chega ainda das estrelas
mortas há milhões de anos
mostra que o que é pode não ser

que nem sempre o que se vê é verdadeiro
e que em todas as vertentes do pensar
a certeza é um conceito traiçoeiro.

117. Ser e existir

Ser não é existir
e a existência não implica o ser.
Tal como um indivíduo anónimo
que existe mas não é

também certas figuras,
Tartufo ou D. Quixote,
não existem mas têm ser

porque há ontologias
que me movem fora
da esfera do viver.

118 . Saber

[Para José Filipe Pinto]

O saber é o estado de privação
na perseguição do diverso.

119 . Discurso dormitivo

[Para Manuel Ennes Ferreira]

A homilia dominical do ministro das finanças
sussurrada ao cair da noite
como um acto de contrição religiosa
a custo audível aos ouvidos dos contribuintes

tão suave é o som da sua voz
e o seu tom angelical
acaba mesmo assim por tirar o sono ao povo
apesar das virtudes dormitivas do discurso.

A nação ao saber que vão chover mais impostos
como um dilúvio divino
já começou com afã a construir
uma nova arca de Noé

onde embarcarão todos os animais
menos, desta vez,
economistas ultra¬ liberais
ministros, banqueiros,
despesistas tresloucados
demais financeiros
e outras mercês...

[Agosto 2011]

120 . Intemporalidade

O saber histórico
não conhece a eternidade
nem prossegue caminhos
para lá do seu tempo próprio.

Catedrais e Sumas teológicas
no seu irredutismo imóvel
fazem por vezes esquecer
que o intemporal
é apenas um conceito
do tempo eternamente inacabado

que nasce do eco
vindo dum abismo fundo
e volta para ele silencioso
sem mudar o mundo.

121 . O poder da imaginação

Só a imaginação pode criar um espaço
para lá do espaço
e um tempo antes do tempo
ou depois dele

porque vive na representação
fora dos limites da vontade
e, na palavra de Valéry,

em leis escondidas
numa lógica imaginativa
agente de todas as fusões...

122 . Sageza

[Para José Carlos Venâncio]

Para o velho Descartes
"eu sou, logo existo".

Mas o africano Mbiti
disse com igual sageza:
"eu sou, porque somos".

Por dois caminhos diferentes
chegou-se à mesma justeza

na falsa contradição
de verdades convergentes.

123 . Ser livre

É livre a água
que escorre da montanha

como o homem que marcha
sem o pensamento da morte.

É livre a nuvem que galga
horizontes sobrepostos

empurrada pelo sopro
da respiração da terra.

Mas não é livre quem sabe
que o tempo traz o limite

inexorável da vida
que suspende o movimento

transformando o que era
num lapso, num intervalo

tão curto que a duração
se desfaz no próprio instante.

124 . Filosofia

A filosofia existe
porque o homem morre.

125 . Tempo e espaço

Não é possível viver num mundo
fora da dominação do tempo,
esse conviva traiçoeiro
que não se pode expulsar
para ser livre.

O tempo difere do espaço
por ter uma direcção.
Nada se move nele
como se move no espaço.

Desde logo o espaço é livre
e o tempo determinista.

126 . Dúvida

Dizem que só Deus está fora do tempo.
Mas há quem pergunte
como pode Ele interferir
em processos temporais
se vive fora do tempo?

127 . Equivocidades

A metafísica é a redução da linguagem
à dimensão conturbada do signo

e o signo é um modo
de presença equívoca das coisas

onde o inconsciente
é estruturado como linguagem

que capta a permanência
no transitório

e gera o mito volátil
da ambiciosa transcendência...

128 . Tempo

[Relembrando o filósofo V. Jankélévitch]

Uma temporalidade
que não seja irreversível
é perigosamente irracional.

Mesmo no próprio espaço
o irreversível tem sempre
um carácter temporal.

Assim a reversão do irreversível
é a vã relação do homem
com o impossível

porque o tempo não se deixa dissuadir
nem tão pouco se pode parar
por ser a forma inexorável

do nosso destino, ou seja
duma finitude onde tudo o que passa
é um fluxo sem refluxo.

Quando o Amanhã expulsa o Hoje
o Hoje torna-se Ontem
e nunca mais nos será devolvido

pois cada instante só chega uma vez
abraçando o caminho inelutável
da renovação infinita pela vida ou pela morte.

129 . Regresso

O homem envelhecido
que regressa às origens
e à sua inocência primeira

no lugar onde nasceu,
volta afinal aonde nunca esteve
e vislumbra o que jamais antes pressentiu..

Aquilo que reconhece
é mais verdadeiro do que reconhecível
como Ulisses que à chegada revê
Ítaco e a sua velha Penépole...

130 . Universalidade dos carrascos

*[Aos democratas africanos
cujo número vai crescendo
para inquietação dos carrascos]*

Todos os carrascos se parecem
no lado nocturno da razão

de norte a sul dos hemisférios
quando celebram a oração das máscaras.

Nessa monotonia do mal que se repete
nos cânticos que o medo espalha

as sombras são em toda a parte iguais
tal como as utopias gastas.

131 . Falsa consciência

O que o pensamento sobrevoa
quando julga ser consciência do tempo
nunca é o próprio tempo
mas um instante projectado no espaço.

Se o ser humano tivesse
no tempo como no lugar
o duplo domínio do ir e do voltar
o tempo tornar-se-ia manejável
e o homem seria quase como Deus.

O onírico cria ou ressuscita
porém é imanente
ao tempo irreversível
envolvido sem mercê nas suas redes
porque tudo, até a alma e o movimento,
só neste é que é possível.

132 . Europeístas justiceiros

[Para Carlos Paisana]

Pela voz tonitruante e genial
de um Alto Comissário da União
os países pelintras devem pôr
a meia haste a bandeira nacional

para castigo da sua leviandade,
que todos sabem ser congenial,
em cavar buracos nas finanças
com grande prejuízo da moral.

Disse também outro político europeu
num tom de paladino iracundo
com argumento ainda mais ponderoso
do que todo o peso deste mundo,
que tudo isso é pecado mortal
pois tal país é decerto criminoso

e deve ser julgado como tal
metendo-se os presidentes na prisão
e sobretudo o povo mandrião
que tem sempre a autoria material
da malvadez em prejudicar os ricos.

Cá por mim julgo humildemente
que as opiniões destes grandes pensadores
são ainda demasiado brandas
porque os trâmites legais seriam longos
e a justiça europeia tardaria.

O mais simples sem dúvida seria
para curar a sério tal maleita
fuzilar logo o povo duma vez:
e justiça seria feita...

133 . Panteísmo

*[Para Fernando Santos Neves,
agitador de conceitos]*

O panteísmo do século XXI
põe no lugar do homem a mercadoria
desfazendo a estrutura hierárquica do ser
ao destruir a razão iluminista
e com ela o quadro geral do que é pensável
na velha ordenação geométrica do universo
de que falava Espinosa.

É por isso, alguns relembram,
que a metafísica da representação idealista
já não pode pensar a Economia ou a Ciência
como chave crítica das instituições.

O homem, ser fronteiroço
entre imanência e transcendência
ficou cansado de si próprio
nesse universo ambíguo da equivocidade
e auto¬ anunciou a sua morte
com a vinda escatológica e simplista
da era pós¬ moderna...

134 . Era pós-industrial

Perderam→ se ofícios e tradições
nas dobras da ambição espúria.
Os artesãos foram sendo estrangulados
por monstros estranhos e ferozes
que indiferentes desertaram das promessas

e deixaram para trás sem um remorso
rastros de poeira e de silêncio
num deserto de ignorância enfatuada
inundada de entropia
onde ninguém sabe mais
o que fazer de suas mãos com mais→ valia
para criar vida à maneira antiga.

É um mundo do ter por ter
de inconstante ligeireza
e frêmitos que se fazem e desfazem
ao mais pequeno sopro de uma brisa leve
que traz às vezes a nostalgia dos começos

a diluir→ se lentamente em fumo negro
saído das entranhas arrancadas
por uma água voraz que paira majestosa
nas regiões ardentes da loucura.

135 . Relembrar

Relembro tudo e não esqueci nada
do alvorecer ao cair das sombras
do quotidiano que passa lentamente
até que um dia a morte
peça enfim contas à vida.

Relembro tudo, umas vezes com Saudades,
outras com o remorso de não ter sabido
que o instante não regressa nem renova
a singularidade inerte do momento.

Mas relembrar não é reconstruir
porque apenas revive em sonho vão
o impossível recuar do tempo.

136 . Regresso

É nas cinzas onde reside a luz
que vêm debicar as aves no regresso
das longas viagens pelos mares do sul.

É lá na palidez morna da paisagem
que o sol ao espreitar se cala
e a paz se suicida em cada noite

no espaço em que o silêncio tem guarida
e estiola solitário sem saber
qual a diferença entre morte e vida.

137 . Enigma

A realidade é tudo o que é real
quer dizer tudo o que é

mas o todo
é por definição não definível

nos buracos negros e espaços curvos
da fragilidade do universo

e no incomensurável sofrimento
do homem como enigma de si mesmo.

138 – Casa comum sem raças

[“A terra é a casa comum dos homens”,
cf. Adriano Moreira, *Da utopia à fronteira
da pobreza*, 2011, pág. 103]

No homem só há as raças
que têm a consistência
dos raios do arco íris

e brotam do preconceito
em reflexos de luz
que se dissipam no cosmos

cercado por muros altos
e pensamentos fechados
não deixando o sol entrar

na velha casa dos homens
quando a angústia é tão grande
como a que vem das origens.

139 . Pensamento livre

[Para Manuel Alves da Rocha, Angola]

Não digo *adieu* nem mesmo *au revoir*
à nostalgia que sobra do passado

mas olho para trás de vez em quando
para me certificar que ainda estou

no trilho que conduz a qualquer parte,
talvez a nada, talvez ao firmamento

onde o que é anquilosado e estreito
não ameaça o livre pensamento.

Livro V

Memórias do futuro e do tempo

2012

1 . Indizível

[Em memória do meu amigo,
colega no ISEG, companheiro na vida
desde Paris há 46 anos,
Professor Armando Antunes de Castro,
cuja lembrança sempre me acompanha]

O indizível é o que
no limiar do querer-dizer
já fracassou em dizê-lo.

Não pode alcançar a língua
nem chegar ao coração
encurralado na cerca

de acesso proibido
pela ordem dos sentidos
que matam o pensamento

e o desfazem na espuma
das marés do movimento
quando chega do passado
estando o devir já vazio.

É então que a palavra deixa de ser
a bússola do gesto
para se tornar lugar de passagem
do inexprimível.

2 . Anúncio

A crise dos valores que se atropelam
tece o contínuo com o descontínuo
o sucessivo com o simultâneo

quando acelera a decomposição do mundo
e gera o conflito entre a inteligência e a vida
expresso no desencontro das ideias

ao deixar esvair a duração sem rumo
que dilacera os dias e as noites
onde fervilha sem descanso a violência

escondida no torpor sereno
de vulcões que tantas vezes dormem
apenas na aparência.

3 . Receio

Não há que temer os homens importantes
só porque o são
ou cuja fama dura

mas antes os que se pavoneiam
ao projectar a sombra
para lá da sua altura.
nunca medindo a distância
que os separa do chão.

4 . A natureza do ser

O tempo é o pseudónimo do ser
e o ser é o mais ancestral
dos conceitos primitivos
porque é um dizer sem discurso.

4. Inocência do tempo

*[Para Adolfo Maria e em memória
de Helena Maria, dois exemplos
de coragem e lealdade à ideias]*

Quando se diz agora
esse agora já não é agora
mas passado evanescente
no mesmo instante que chega

porque o presente é apenas
esse traço pontual
que se dissolve no espaço
mero sopro que se perde

sobre a linha orbital
sem rumo nem duração
onde o espaço é o ponto
e o tempo o movimento

imaginário ou real,
um a verdade do outro
num caminho de ronda
onde não há bem nem mal
mas apenas translação.

6 . Compreender

Compreender algo
não é a mesma coisa
que compreender a compreensão

porque esta não pode jamais
ser compreendida
num cosmos plural
onde desaparece a distinção
entre o existente e a aparência.

7 . Falsidade

Os que não temendo lutar
temem contudo vencer,
destroem os fundamentos
das utopias futuras
transformando o medo
no arquitecto do universo.

Então os homens fogem espavoridos
para ir depositar a sua fé
na santidade vacilante
das contas bancárias.

8 . Simbiose

Ver para crer
pode ser a mesma coisa
do que crer para ver

se o olhar estiver implicado
e a vida tiver o preço
que pagamos pela sobrevivência.

9 . Utilitarismo

O utilitarismo é o ópio do povo
por isso são tantos os drogados
para quem a utopia é o não-lugar
onde se morre de fastio.

10 . Incerteza do ser

A raiz é o homem
para lá do discurso.
O progresso engana
ao atropelar os obstáculos
embriagando-se de certezas

quando tende para o desconhecido,
essa outra coisa
que está e não se vê.

Às vezes um gesto apenas basta
para descerrar a luz
que a cortina esconde

se os olhos se abrem incautos
e rompem a neblina diuturna
para o ser vislumbrar
o mediato do indeterminado.

11 . Esquecimento

Podemos esquecer o passado
mas isso não quer dizer
que ele se esqueça de nós...

12 . Logos

O logos é a estrutura subjacente do mundo.

13 . Permanência

*[Para José Carlos Venâncio,
âncora da amizade]*

As trovejantes quedas do Duque de Bragança
da exangue terra angolana
já mudaram de nome
para apagar o passado
porque aquilo que passou
é recordação insana
de um pobre sonho esquecido.

Mas que interessam os nomes
quando as coisas permanecem
imperturbáveis e eternas
até que um dia o mundo acabe
e tudo perca sentido?

A natureza em si marca a ausência
de rupturas com a história
porque serenamente imóvel
em lugar algum ela depende
do volátil querer de vã glória.

Os nomes das coisas, sabedoria provisória,
têm a futilidade dos símbolos
mas nunca serão a sua essência
porque a verbalização da memória
é sempre uma traição.

14 . (Re)agir

*[Para José Maria Carvalho Ferreira
que, sozinho, teve razão antes do temp.
Um exemplo de generosidade
e de amor desinteressado
à Academia]*

É preciso abandonar com ousadia
o caminho da impossível possibilidade
chegar à possibilidade do impossível
e questionar os punhos enterrados
no ermo gelado da tecnolatria
onde jazem horizontes mortos
sem mediação nem história.

15 . Pressentimento

Os cães já não ladram como outrora
aos automóveis que passam pela estrada
para ladrar com novo frenesim
a quem anda por aí a pé.

Eles pressentiram bem antes de nós
que a origem do bem como do mal
não está afinal nas máquinas...

16 . Fantasia

A metafísica é um ramo
da literatura fantástica
quando à distância
o pensamento faz sinal
para seguirmos adiante
sem conhecer o caminho...

17 . Responsabilidade

Se nunca ninguém é responsável
então os actos não passam
de projectos imaginários
numa língua por nascer
a norte do futuro.

18 . Semântica

Quando as ideias se escondem nas palavras
precisamos da linguagem dos fins
para lá da linguagem dos meios
se queremos fazer a ascensão
da montanha alada
e aprender dentro de nós
que uma vida não examinada
é uma quimera inútil...

19 . Existir

O direito à vida
a liberdade de expressão
são nos combates da razão
a excelência de existir

20 . Ubiquidade

Arranquemos a pele às palavras
para ver como são feitas por dentro
quando poema e filosofia
indivisíveis se fundem
e juntos nascem
da inesgotável ubiquidade
dos actos de linguagem
que vivem no mundo
pré-lógico da experiência.

21 . Passado

No centro da memória há
um continente a redescobrir
em atropelo de sonhos
que ficaram para trás.

Para lá resta o deserto
onde morre de sede a voz
quando a lembrança não chega
para viver o remorso
que dormente habita em nós.

22 . Não é necessário

[Relembrando Ibn Rushd dito Averróis]

Não é necessário que os perplexos
se tornem místicos
nem que no coração dos determinados
apenas penetrem os raios da certeza,

que a descrença seja uma heresia
ou que a sagesa se torne o tabernáculo
que alberga a profecia

onde cegam os olhos da razão
e se apaga a fogueira
cujas chamas ferem
uma cosmologia de claridade.

Basta que as coisas simples
que há muito estão perdidas
regressem ao centro da ambição

e que a sabedoria que a natureza impõe
reduza a desmesura da arrogância
da memória que temos de nós próprios.

23 . Leilão universal

*[Aos ideólogos que atraíçoam
e aos pragmáticos que mentem]*

Na grande feira das proclamações
vende-se tudo ao desbarato

mesmo as juras
que serão renegadas

mesmo as promessas eternas
imediatamente olvidadas

mesmo as verdades
que não se sabe o que são

mesmo as balas que nos ferirem
depois de as termos vendido

nos mercados da traição
das nações crucificadas

onde árvores milenárias
agonizam em silêncio

num trágico retorno
ao seio matricial do universo.

24 . Velhos e novos mitos

[Relembrando M. Heidegger]

O mito do eterno retorno
é o devir circular do tempo
que rege a alternância das idades
e a estuante reafirmação do Mesmo
na ignorância obstinada do Outro
que mora na diferença dos iguais.

Os mitos vivem e crescem
na extensão totalitária de si próprios
quando a verdade se traveste
em mero local de passagem
onde nem a língua nem a linguagem
são já a casa do ser.

25 . Abstracção

Todos os mortos não têm o mesmo preço:
os ricos vendem-se caro
por unidades contadas
pelos dedos de uma mão.

Os pobres são mais baratos
pois nem sequer são olhados
mesmo sendo multidão.

Nenhum remorso despertam
nem piedade ou memória
por serem abstracção

neste mercado volátil
que não sabe aritmética
e desconhece a História...

26 . Partida

*[Pour Jacinto, Catarina e Elizabeth
pour lesquels vont mes pensées]*

Na hora de partir recusarei
cortejos trôpegos e pompas maquinais
braçados de flores
a caminho de murchar
que cheiram a passado
já envolto em bafio e elixir,
jazigos mundanos talhados a fingir
mesmo uma laje envergonhada
e até um buraco no chão, rectangular,
que ninguém nunca mais visitará.

Quero somente fogo e cinzas
que mãos amigas lançarão ao mar
em frente da vila da Parede
para poder rumar ao largo
e apenas deixar um rasto efémero
que o tempo, esse juiz ambíguo da memória,
depressa apagará
como o pó que o vento sopra
sobre a face rugosa e sombria
de uma estrada deserta que conduz ao nada.

27 . Mito salvador

*[A verdade é apenas a verosimilhança.
Tarski]*

O homem contemporâneo
sabe que não se salvará sozinho
e precisa sempre do mito
para dar sentido e coerência
às mentiras que inventou
sobre si próprio

28 . Quimicamente puros

*“A palavra Finança
é uma palavra de escravo”.
(Rousseau).*

Os financeiros são seres
de romântica essência
que percorrem labirintos
tortuosos, esotéricos,
nos cimos da transcendência.

Embevecidos vêem
dinheiro com asas de anjo
a esvoaçar no azul
como andorinhas que chegam
em manhãs de Primavera
provenientes do Sul.

Para eles não há
ricos e pobres
mas só ricos
belos e bem vestidos
mais dourados do que o sol

e rejeitam esses pobres
de uma ingrata natureza
como vulgar impureza
inútil abstracção.

É visão inevitável
tão fatal como o destino
quando na vida se está
desde sempre mergulhado
num frasquinho de formol...

29 . Duração

O homem não vê o tempo
nem lhe toca com a mão
talvez por ser ilusório
ou intemporal sucessão.

O presente quando acontece
está sempre de passagem
porque a duração não existe

.

e a eternidade é mentira
a viver no provisório.

30 . “Mercados” no plural

*[Para Adriano Moreira, humanista
e democrata, Mestre dos mestres,
cujas lições perdurarão muito para
além de nós, e que é, ao mesmo tempo,
um dos grandes prosadores
contemporâneos
da língua portuguesa]*

Tenho “vergonha de ver o Político deixar-se humilhar
pela Economia, a potência pela intendência”

Os homens que “em princípio escolheram servir
o Estado” (...) “estão tomados de pânico, prontos a todos
os compromissos, a todas as cobardias para não assustar
“os mercados” (tomados como) um Deus único”.

Mas “a que é que pode referir-se este plural, ‘os mercados’,
senão a essa besta estúpida e sem nervos que entra
em pânico ao menor ruído?”-

[Cf. Jean-Pierre Dupuis, *L’avenir de l’économie*
– *Sortir de l’économystification*, Paris, Flammarion, 2012.]

Surgiu um novo deus
no céu enevoadado das ideias
que tortura a ciência da sintaxe
quando diz no singular que “ele”
é ao mesmo tempo “o mercado” e “os mercados”
singular e plural na mesma frase.

Perante “ele-eles” se ajoelham crentes
de fátuas modas hodiernas
a bater com fervor a mão no peito
jurando rituais de primitiva fé
como nos tempos antigos das cavernas.

Nesta tormentosa trapalhada
da nova teologia dos mercados
digna da pedra lascada
os ideais foram para o prego
ou deitados ao lixo também

quando o espírito do mal arvorou bandeira
a flutuar orgulhosa numa mansão cimeira
onde já não mora ninguém...

31 . Mitologias

[Para Manuel Ennes Ferreira
que maneja o humor como uma espada
regeneradora]

O ser é mitológico
porque está em toda a parte
e em lugar algum.

Mas desponta no gesto, na palavra
e renasce na linguagem
logo que o destino defronta

a heróica verticalidade
da serenidade do cosmos,
essa fadiga do real,

ou quando assume o humor
que é a versão democrática
da loucura dos deuses.

32 . Incertezas

*[Em memória de Alfredo Margarido
polemista, pensador e rebelde genial,
meu amigo, irmão, e saudoso mestre]*

Os sentidos são mensageiros
de formas pressentidas de afirmação
por não haver uma verdade intrínseca
nos objectos, nos sonhos
ou mesmo na razão

nem correspondência escorreita
entre pensamento e linguagem
que se enfrentam mutuamente
e destroem porventura
a aderência ao mundo.

Mesmo os livros só falam
um discurso de silêncios
onde o incerto prevalece
entre as teias do saber

como um arbusto rebelde
que teima em sobreviver
na aridez do não-dito
e mesmo assim floresce.

33 . Ideia

*[A Jorge Eduardo da Costa Oliveira
exemplo de integridade e lucidez
a quem os angolanos muito devem
apesar de se terem esquecido]*

É a contemplação da ideia
que abre caminho ao conhecer
quando a ideia germina
sentada ao leme do mundo.

Porém ela não é ser alado
que se move por si próprio
corpo etéreo que se eleva
em asas impulsionado

mas o resíduo disperso
da força vital do homem
que renasce como fénix
no vórtice do universo.

34 . Limites

*[Para José Filipe Pinto,
leal amigo ,e generoso amigo
pela persistência inspirada
e generosamente libertadora]*

Verdadeira é a acção
que se pensa a si própria
e jamais abstracção
no vazio mergulhada.

Agir é simplesmente
vontade de conhecer
em cada recomeçar
no início do diverso.

Por isso o sábio não é quem sabe
mas tão somente um ser
que pensa o pouco que sabe
e o repensa sem cesso.

35 . Razão discursiva

As religiões reveladas
mistérios doutrinários
e novos de símbolos
em doutrinas proclamadas

esmagam a liberdade que duvida
quando a raiz do seu querer imperioso
está acima e para lá

da razão discursiva,
essa vontade que se quer
envolta em dúvida

que sabe hesitar nas encruzilhadas
e se busca inquieta
no espírito das árvores.

36 . Remorso

O remorso está escondido
numa gruta disfarçada
no coração do vazio

debaixo de um sepulcro
onde o silêncio é de pedra
e a vontade arrastada

por uma brisa mortal
que se dissolve nas copas
duma árvore desgrenhada

contorcida em desespero
dias, anos sem contar
até que a vida se escoe

mais depressa ou devagar
e se preencha o vazio
que ficou por colmatar.

37 . Pluralismo

[Para Manuel Alves da Rocha (Angola)
marinheiro que persistentemente rema
num mar agitado]

O pluralismo é o Graal ansiado
à espera de instituições.

38 . Melancolia

A linguagem é sonora
mas pouco a pouco emudece
como filha ilegítima do silêncio
quando as palavras se calam

cercadas pelo tumulto
de intangíveis horizontes
que enraízam conceitos
nos prados da melancolia.

39 . Recordar o tempo

*[Para Jacinto Rodrigues,
eterno espírito inquieto
e exemplo de criatividade]*

Nós somos o tempo que nos resta
mais aquele que um dia já vivemos
quando o passado perdura no presente
embora sem a luz que já brilhou

ou sem a visão clara da esperança
donde a imagem límpida se ausentou
porque o cosmos está envolto em bruma
pela qual só passam réstias de lembrança

que nascem ao acaso dos encontros
sem o fulgor antigo renovado
num momento a custo recordado
que não ressentem o que já foi sentido

em tempo que agora está perdido
nos recantos escondidos da memória
fogo que esmoreceu adormecido
nas entranhas do lembrar desesperado.

40 . Governança fatal

*[Aos sacripantas deste país,
sempre inamovíveis]*

Quando impera um governo de canalhas
de crânio rapado por dentro
e alma imberbe que já coxeia a andar

cuja palavra e honradez tem
a consistência gelatinosa
da fuligem no ar

a nação vacila como um pássaro ferido
que vai perdendo o norte

ou um navio que adorna sem saber
prestes a se afundar

41 . Sageza precisa-se

A tinta dos sábios vale mais
do que o sangue dos mártires

disse há quatro séculos atrás
Ahmad Baba de Tombouctou,

e alguém sentado discretamente
numa nuvem passageira
aquiessceu em silêncio

enquanto cá em baixo, cegos pela ira,
sem olhos para ver
ouvidos para ouvir

os homens se apunhalam mutuamente
sem saber porquê

e escavam campos de fúria
regados pelo sangue da agonia

com o estranho motivo de não querer
que os demais tenham outra cor de pele
ou outra fé

levados pela curiosa fantasia
segundo a qual o sangue é outro e não o mesmo,

paradoxal e dúbia certeza
em nome da decretada bizarria

cuja origem se perdeu no tempo
duma arbitrária natureza
irracional e doentia,

42 . Duplicidade

[Relembrando Ibn Sina dito Avicena]

O Deus dos muçulmanos
e o Deus da cristandade
são dois Deuses diferentes
ou o Mesmo?

Se forem dois
anulam-se -se mutuamente
se for só Um
então é renegado

a cada instante
por fanáticos doentes
que vegetam no passado.

43 . Chegaram as joaninhas

*[Para Margarida Teixeira (Angola)
e Regina Santos (Angola)
mestres da hospitalidade generosa
e da amizade bem angolana]*

As primeiras joaninhas eclodiram
às voltas no jardim da Primavera
onde crianças brincam ruidosamente
e velhos tristes jogam às cartas
aguardando a morte.

É sinal que chegou um novo tempo
com a duração frágil da beleza
e que o ciclo da vida recomeça
com a certeza que há na incerteza

quando todos se encontrarem
uns cedo, outros mais tarde,
numa paragem da estrada
desse infinito aparente
onde o horizonte soçobra.

As joaninhas voltarão mais tarde
e tudo recomeçará uma vez mais
tal um hino em louvor da natureza
onde o dia quando acaba se renova.

44 . O medo e os deuses

O medo engendra os deuses,
disse o grande Nkrumah,
que são de pedra e gelo
e não sabem o que é mudar,

deuses que apertam a garganta
e extirpam a vida friamente
com garras de ferro e de granito
secando as raízes da origem
que a liberdade da alma implanta
no coração dos homens

e assassinam a aventura renovada
do inesperado e poético desatino
em nome da certeza incomprovada
que apagou a vontade antes forjada
da vontade de querer outro destino.

45 . Diferença e identidade

Pensem a diferença
como identidade
para prolongar o movimento
juntando a natureza e a vida
na multiplicidade das coisas naturais.

Então talvez a paz seja alcançada
na abolição dos desencontros
cujo choque com o todo universal
apenas conduzirá como o destino
à impaciência da morte

perdendo também o sentido de partilha
para cair na mole servidão
que torna incompreensível e opaca
a existência no mundo desse mal
onde cada um difere de si próprio

caminhando de solidão em solidão
numa regressão ao infinito
que não é o infinito verdadeiro
mas um indefinido precário e mortal
de palavras que caíram em desuso

num cosmos infectado pela técnica
que se arroga o repensar universal.

46 - Precariedade do instante

Lá das alturas o pássaro tombou
quando o abraço vertiginoso da morte
lhe surpreendeu o voo descuidado
e o transformou em dura pedra
que o céu arremessou à terra

com o gesto de raiva incontida
de um deus implacável que não sente
nem sabe como é tão bela a beleza
que desabrocha com suavidade
nas franjas da incerteza.

Ausentes estão do céu agora as asas
só pintadas em telas dos artistas
depois de encherem olhos de harmonia
onde tudo se compõe e completa
na ordem universal da natureza

donde a técnica expulsou os homens
para uma galáxia perdida
homens que trocaram o viver
por um lampejo de vida

como relâmpagos breves
que só passam de fugida

47 . Relembrar

[Em memória dos meus pais,
Ilda e Severo,
que deram a Angola bem mais
do que dela receberam
mas que nunca se queixaram da ingratidão]

O facto misterioso e obscuro
de ter sido,
traz consigo
a inquietante estranheza

de um trabalho de memória
que escapa à esterilidade
da melancolia que sonha.

É no círculo infernal da representação
que sabemos que nenhum projecto
se pode construir no esquecimento

mas relembrar é visitar sombras
enfrentando o imperdoável
que deixámos semeado de remorsos

gravados a escopro para a eternidade
em mil pancadas dolorosas
nas paredes azuis do firmamento.

48 . Centro de gravidade

Quando descobrimos
que somos apenas “outro”
no meio de tantos “outros”

o centro de gravidade
desloca-se para fora

e o museu imaginário
que vive dentro de nós

anima-se, como num cemitério
um corpo que volta à vida.

49 . Mistério

O absurdo da morte revela-se
quando um jovem vai de partida
já não cumprindo o seu tempo

como um dia de verão
que se acaba bruscamente

quando o sol desfalece
atingido mortalmente

e cede lugar à noite
de uma opaca escuridão

onde a vida de repente
se renega sem saber

e cegos desorientados
tateiam espaços em vão.

50 . A raiz das palavras

*[Aos meus estudantes e
ex-estudantes a quem
muito devo]*

Conhecer
é conhecer pelas causas

compreender
é remontar às origens

e o saber é chegar
às fronteiras da ignorância

51 . Infância

[Em memória
de António Vilanova]

Quando era miúdo ia ao S. Luís
ver filmes de aventuras
de capa e espada e muitos tiros

levado pelo meu tio António
o mais ingénuo e valente
dos tios que jamais tive.

Ainda me lembro dum filme com legionários
onde o bom matava o mau mesmo no fim,
o que na vida real nunca acontece
como toda a gente sabe,
enterrando-lhe no peito traiçoeiro

um punhal vingador até à copa
enquanto em off um locutor dizia
no tom bíblico mais solene e verdadeiro:
“quem com ferro mata
com ferro morre!”

o que levou o meu tio entusiasmado
a apoiar com vigor da galeria
numa voz poderosa de tenor
que encheu a sala até ao tecto

essa sentença que correspondia
às suas frustrações quotidianas
dum destino jamais realizado...

52 . Desconstrução

È na ideia do possível
que se reconstrói o mundo
e subverte a violência

num movimento que passa
pela desconstrução dos alicerces
da aparente evidência.

53 . Infinitude da lembrança

Não tenho asas para voar
mas voo

porque a morte não me ensombra
nem me habita ainda.

Só sei que cada instante
cada dia prolongado em cada ano

é como um sopro breve
pousado num frágil ramo

oscilando nessa árvore
que firme me sustem

e para espanto do tempo
que está escondido em mim

me faz voar sem asas
no espaço que não tem fim

mas sabe não ter esperança
de refazer caminhos

em paisagens de ninguém
onde tudo é nada

e o nada tudo
na inconsistência volátil da lembrança

quando a luz declina
e a noite vem...

54 . Essência

Diz a sabedoria popular que
faz mais barulho uma árvore a cair
do que uma floresta a crescer.

Mas a força não está na morte
que é um fim, nada mais,
está no silêncio em viver
no dia a dia que tem

a pujança da raiz
que transcendeu o ruído
de águas que se agitam
num clamor sem sentido

e dá vida à natureza
que orienta um destino
sem saber se é acaso
ou domínio da certeza.

Essa é a sorte dos homens
que não se viram nascer
nem sabem sentir a vida
suave rumo do ser

como o bem mais precioso
que num instante se perde
tal a árvore que caiu
ocultando no fragor

esse bem silencioso
que deuses ignorantes
pretensamente imortais
nunca sabem proteger.

55 . O guardião do ser

Quando o guardião do ser
se levanta do chão
os homens já não precisam
de deuses que os protejam

e juntam forças andando
por caminhos insuspeitos
na cidade e no sertão
para derrubar tiranos
que confiscaram destinos.

A verdade só se descobre
Numa acção que se pensa...

56 . Incomensurabilidade

1

O carácter incomensurável dos seres
torna a reciprocidade infinita,
o amor fica sem réplica
e a justificação estrangeira.

O próximo não é o que
se encontra mais perto
mas aquele que se aproxima
do jardim das metáforas

onde vigoram as regras
do pensamento simbólico
o único que sobrevive
enquanto a magia vive
nos braços azuis das árvores

em vastos campos abertos
para quem abre caminho
à reciprocidade entre os vivos
cuja vida se desdobra

como um rio que se estende
tal o corpo duma cobra
na planície infindável
até ir morar no mar
em festa da natureza.

Tal sacrifício escondido
da violência serena
inscrita sem o dizer
no desencanto do mundo

é um cosmos que mergulha
no silêncio mais profundo
como um homem moribundo
estendido à luz do sol
na sua morte aparente

dessa causalidade circular
da transcendência imanente.
Então conhecer é reconhecer
no encontro dos desencontros
que sempre teve lugar
no universo do ser

quando o tempo gira à volta
da fogueira onde se queimam
as asas desamparadas
dos homens de compaixão
que mereceriam viver
só por saberem gritar
a temível palavra não.

57 . Aparência e sentido

Mais do que ver a realidade
somos responsáveis por ela

porque o que parece só é
quando aparência e sentido

são síntese da verdade
com a certeza que se tem

quando a morte chega um dia
e bate à porta de alguém.

58 . Mudez

A linguagem é a infância
do silêncio

e a poesia serve
a preparar a morte.

Quando ela se cala
nada mais vale a pena.

59 – A invenção da linguagem

É na linguagem que o imaginário
accede à expressão
porque não há mundo real
antes do homem ter fala.

O sonho recusa a vida
enquanto não for levado
por mão firme da linguagem
para um mundo a existir
na criação do poeta,

simbolismo interpretado
por um fio condutor
que se projecta no espaço
a modelar fantasias
dum universo inventado.

60 . Recordações

*[Em memória
de José Saramago,
escritor e homem,
que tenho pena de
não ter conhecido]*

A lembrança trás consigo
estrelas mortas que despertam
e cintilam hesitantes
sobre farrapos de céu

em movimentos suaves
num tapete horizontal
de experiências revividas
nalgum lugar da memória.

Recordações que despertam
cenas que foram esquecidas
pelo homem no seu mundo
secreto, onde o mal

se confunde com o bem
num fogo fátuo que tem
a magia de sentir
a verdade na mentira

vestida de fantasia
porque é só isso sonhar:
o que foi ainda é
infinito e imortal

61 . Lotaria

Têm muita razão os ricos
em censurarem os pobres
que se queixam sem motivo
da sua vilã pobreza.

Deus foi o fiador
dando aos ricos a certeza
inscrita nas escrituras
de serem todos eleitos

com méritos recompensados
por seus esforços sem par
enquanto os pobres só querem
deixar o tempo passar.

Ámen! Dizem os ricos
as forças mais poderosas
os poderes instituídos
e as almas mais caridosas.

Embora mal convencidos
por tantos motivos santos
os pobres lá vão andando
sempre à espera do Messias
ou que saia a lotaria
mas já ninguém sabe quando...

62 . Solidão

É sempre sozinhos
que a morte nos encontra
com a foice das searas

ao cair o dia
ou ao sol nascer
tanto faz

pois qualquer hora
é boa para morrer...

63 . Diversidade das coisas

*[Para a Angola
que ainda não renasceu]*

A força do espírito
é o espírito da força
quando tudo se integra
numa só visão do mundo
nesse pensar Bantu

em que o homem se constrói
na ideia de si próprio
e doutros seres iguais
em lugares desconstruídos

de um cosmos unificado
onde o sol nunca se deita
iluminando sempre mais
tantas remotas paragens

da superstição que resiste
à luz da claridade
sem nunca se apagar
quando os dias se sucedem

e que são irrepetíveis
como os cantos dessas aves
que soam nos matagais
a falarem de segredos
ou de sonhos impossíveis

inerentes à argila
de que são feitas as coisas
quando o fogo vem lambe
as rugas dúcteis do tempo

porque a morte só existe
se a memória se apagar
ao cavalgar os abismos
com asas feitas de névoa
que se dissolvem no ar.

64 . A única certeza

*[Relembrando
Arthur Schopenhauer]*

O centro enigmático e mortal
é o laço de todos os laços
constelação de convergências
onde vive a tensão essencial

do desdobrar vago do tempo
na sua união com o espaço
em incessante metamorfose
do quotidiano volátil em espiral

que faz da vida um instante passageiro
que no fim de tudo se inscreve
na única certeza universal
que é a incógnita da morte

nessa última interrogação
da abertura intrépida ao abismo
num mundo configurado
como vontade e representação.

65 . Dito e não-dito

*[A todos os jovens criadores
que vejo despontar lentamente
nas jovens nações africanas]*

A rejeição do presente
é sempre a nostalgia de um lugar
onde nunca se habitou
mas que o ser revive
no buraco negro
do coração humano

onde o não-dito
trespassa a palavra
como uma espada mortal
na força silenciosa
que brota talvez da alma
mas que furtivamente se esconde
por lhe faltar a audácia

num estranho compromisso de silêncio
entre a natureza e o povo
derradeiro segredo
que persegue a figura do possível
para tudo recomeçar de novo.

O não-dito mora no discurso
que emana da torre de Babel
em vozerio imenso
e fracassa quando, numa guerra sem quartel,
o império da linguagem morre
e as bibliotecas se incendeiam.

São bem vindas as grandes claridades,
mas mesmo quando desaparecem
não nos condenam às trevas
nem nos obrigam a recusar
as nunca escritas verdades

porque o pensado
pode tratar do impensado
e o que dizemos
implica sempre o não-dito
mesmo se o discurso soçobra
como um navio a naufragar

ou quando as relações
entre as palavras e as coisas
questionam o que existe
e se perdem em hesitações
por não sabermos ter
a coragem de falar...

66 . Labirinto da glória lusitana

No meio do labirinto
de portarias e leis
de impostos que nos matam
com o mofo dos papéis
de burocratas sem fé

vive quem já se perdeu
entre esquinas da mentira
e monumentos altivos
erigidos em memória
dum passado que passou,
supondo que aconteceu,

tal e qual se escreve a história
orgulhosa e altaneira
que sempre tapa misérias
com mais folhas de parreira.

Alimentar a glória
não mata a fome, é verdade,
mas mantém o ego vivo
espojado na ilusão
de que somos gente grande
duma grandeza famosa
e outras modéstias tais

bem melhores do que a estranja
lá do resto da Europa
fantasmas endinheirados
secretamente invejados
como longínquas vestais.

Com a nossa glória lusa
que outra não queremos mais
p'ra tapar a pequenez,
somos o centro do mundo
dos sonhos paroquiais
analfabetos de escol
com a vida preenchida
em lavagens cerebrais
por TV e futebol

que mais refinados são
em discursos papagueados
por políticos enfadados
aldrabões diplomados
em artes de papelão
jornalistas que se julgam
ter transcendente missão
e empresários venais
do reinado gorduroso
desse polvo do dinheiro
a que chamam “capitais”.

67 . Memória e dor

Quando encontrar uma clareira
na floresta das perplexidades

chegou a hora
de olhar em redor
e saber quem sou

revivendo agora
o milénio de vida
que para trás ficou

tão longo, tão longo
que posso fingir
que passou a dor

tão curto, tão curto
que relembro sempre
as asas que trazem

num voo celeste
memórias que restam
dos tempos de amor.

68 . Direito Natural

[Relembrando Hans Jonas]

O Direito Natural
é o fundamento primeiro
do estar no mundo
como essência da razão

pressentida pelos homens
que não sabem teoria
nem dela precisariam
para regar à míngua de água
a erva da sabedoria
que nasce rente ao chão.

69 . Imolação

[Relembrando o poeta
Henrich Heine]

Foi Henrich Heine quem gravou
sobre o mármore ensanguentado
que onde se queimam livros
imolar-se-ão os homens...

70 .Saber

*[Relembrando o grande Mestre
Paul Ricoeur]*

Compreender
não é um modo de conhecimento
mas um modo de ser.

71 . Aparência

Quando partiste eu parti
e o que de mim ficou
é aparência

simples vulto que projecta
uma sombra sobre o muro
que já não se reconhece
nem sabe que passos dar

ao procurar nessa ausência
de cada vez que amanhece
a direcção a tomar.

72 . Ser livre

É na liberdade
que se aprende a ser livre
no espaço público aberto
da razão discursiva.

73 . Luanda 2012

*[Aos meus desesperados
amigos Angolanos]*

Eis o musseque febril
que tem medo do silêncio
terra vermelha sem fim
batuques imperiais
nas luzes e no fulgor
para que finja viver
e dar ao ser relevância

mas passando sem perceber
da não-vida para a morte
entre sonhos proibidos
esmagados por desamor

onde as crianças que brincam
são num instante homens velhos
que perderam de repente
a viagem pela infância

nessa ordem da desordem
entre a dança e a bebida
onde o cantar é a dor
ao tentar viver a vida
sem suspeitar nem saber
que sonhos são apagados
antes mesmo de nascer..

(Luanda/Junho 2012)

74 – Imortalidade das ideias

Platão suspendeu ideias
na abóboda do céu
como balões iluminados
que no desespero querem
guardar antigo fulgor.

Só os homens corajosos
ousam estender os braços
no esforço de os tocar.
Alguns apoderam-se deles
e partem mudar a forma
da arqueologia lunar

em rotas dos oceanos
onde o mar é mais profundo
empunhando um astrolábio
nas longas circunvoluções
que acabam sempre a voltar
ao ponto que fez o mundo

provando que as ideias
mesmo andando aos baldões
são redondas afinal
rodando sempre a rodar
sem nunca se desgastarem
por terem alma imortal.

75 . A partícula de Deus

Encontrou-se finalmente
a Partícula de Deus
mas Este ao que parece
ainda não sabe de nada...

76 . Tombouctou 2012

*[Numa Tombouctou interdita pelos
grupos salafistas que a
invadiram em Abril 2012,
prosseguem à porta fechada
as destruições de mausoléus, pergaminhos antigos
e de lugares santos do Islão. Nessa cidade,
conhecida como a “Pérola do deserto”,
e que é Património Mundial da Unesco,
já foram destruídos, até Junho 2012, sete
dos mausoléus centenários e inúmeros
documentos insubstituíveis.
A barbárie estúpida dos islamitas
e outros talibans continua]*

(Cf. Le Monde, 6-7-12)

A velha Tombouctou sufista
de milenares pensamentos
inscritos nos papiros
que séculos não corroeram

está a ser assassinada
por bárbaros do apocalipse
que implantaram a Chária
com a traição de um punhal

e uivam “viva la muerte”
empunhando essa bandeira
que flutua no nada

a esbracejar ensanguentada
espalhando por toda a parte
o verde poison do mal...

77 . Equação

O drama do homem está
na equação não resolvida
entre o ser e o dizer

porque a letra é fragmento
de intenções inacabadas
num discurso interrompido

dessa ordem universal
incapaz de cumprimento
que vai perdendo sentido.

78 . Desaparição programada

O universo não é estático
mas em devir criador,
pensamento bem contrário
ao que o Rwanda julgava
quando homens procederam
à desapareição programada dos rostos.

79 . Relativismo

É assustador ouvir
um pensador afirmar
que preferia enganar-se com Sartre
do que ter razão com Aron
(ou vice-versa).

Essa tristeza mental
num mundo de confusão
só mostra de que lado
estará o vento a soprar

no espaço do relativo
onde se vê a olho nu
que mestres do pensamento
estão em vias de extinção.

80 . A era dos números

*[Pour Philippe Béraud
ami depuis la Tunisie
d'il y a plus de 20 ans]*

No mundo da nossa infância
o dizer transportava o espírito
irmão da realidade

e os filósofos eram construtores
de grandes edifícios da palavra
onde habitava o ser.

Mais tarde deu-se a viragem
da identificação da verdade
com a prova matemática

e a passagem da retórica
pelo labirinto da equação
construiu nova miragem

da pureza da dedução
onde a ética se desvaneceu
por não ser quantificável.

Foi assim que a palavra encolheu
na genealogia do discurso
e o som transformou-se num gemido.

Por isso a civilização da escrita
vai perecendo em silêncio
até perder o sentido.

81 . Recusa

A linguagem não deveria encontrar
nem vida nem repouso
nas cimeiras da crueldade.

82 . Transformação

O homem não se reduz à coisa
nem o pensamento ao reflexo
porque tal ameaçaria transformar
o humano num insecto.

83 . Para que o passado não volte

*[Relembrando os paradoxos
e talvez a tragédia
de Martin Heidegger]*

O humano existe apenas
interpretando o que o precede
porque pertence sempre ao mundo
daquilo que interpreta

nesse universo hermenêutico
onde cada ser sobrevive
nos estilhaços que ficaram
disseminados na mente
quando a vingança é inútil.

O que importa é a memória
para que o passado não volte a ingressar
no espaço público da deliberação.

84 . Do justo

A questão certa do justo
não é tanto querer o bem
mas evitar o mal.

85 . Ironia cívica

[Para Carlos Paisana
e A. Garcia Pereira
duelistas infatigáveis
sempre a pelejar
pela memória do futuro]

O povo é quem mais ordena
enche ainda a caixa de ar
de uns quantos palradores,
mas o ar que de lá sai

já está muito poluído
pelo vício de fumar
e muitas outras fraquezas
da humana condição

tais como não ser capaz
de ser fiel ao passado
por a memória faltar
por destino ou maldição
e promessas não lembrar.

Afinal, a bem pensar
tudo tem explicação:
quem em geral come queijo
confunde com a idade
e com míope visão
um manguito com um beijo
que se descola da mão...

86 . Infinitude do fanatismo

*[A velha e sempre actual
abominação]*

No universo selvagem
dos que vindos da barbárie
rezam só ao deus da morte

assassinou-se a razão
imolando-a no altar
do simulacro da fé

onde o homem é supérfluo
numa mentira que diz
nunca sim e sempre não

sem saber que a morte tem
um destino que não volta
do nada nem do além

em linha recta infinita
rumo incerto onde se perde
essa própria desrazão.

87 . Permanência da representação

A representação voa lado a lado
com a imaginação pura da ausência
até aos cumes mais cimeiros
que o pensamento alcança

quando revive o passado
e dá vida à coerência
da poética vontade
que faz dos entes seres que vivem

do remorso ou da alegria
do que foram ou do que são
*sem poderem renegar
a representação que sempre nasce
da própria imaginação

no seu elo com o tempo
não se esquecendo jamais
que o que foi e já não é
está todavia presente
em cada hora do dia

até a morte chegar
na última aparição.

88 . A raiz do pensamento

[Em memória de Jean-Marie Domenach
e Casamayor (1)]

Se não há machado que corte
a raiz ao pensamento
como cantou Manuel Freire
é porque o pensamento transcende
essa raiz material
de que são feitas as coisas

e voa mais alto que o céu
em companhia dos deuses
resistindo à própria morte
nessas regiões inóspitas
separadas por um véu
que a vaidade não alcança

é incapaz de romper
quando a mentira rasteja
provando que o pensamento
onde quer que ele esteja
é feito de aço puro
mais leve que uma pena
mais alto do que o muro
de um majestoso castelo
erigido nos penhascos
inalcançáveis da lenda.

(1)

Jean-Marie Domenach, (1922-1997)
conhecido filósofo francês, antigo resistente anti-nazi,
autor de importantes trabalhos de filosofia e
director da revista Esprit (Paris).

Casamayor (pseudónimo de Serge Fuster) (1911-1988)
juiz da “Cour d’Appel” de Paris, publicou mais de 20 obras
de ficção e sobretudo sobre os problemas da justiça.
Foi responsável da secção “Journal à Plusieurs Voix”
da revista Esprit, na qual eu me integrava então na
qualidade de colaborador permanente (1968-1976).
Casamayor foi também, em 1945, um dos jovens magistrados
da Delegação Francesa no Tribunal de Nuremberga.
A ambos, o jovem que eu era na época ficou
a dever indulgente simpatia e protecção
para além dos ensinamentos mais decisivos
da minha vida. A dívida que contraí para com eles
nunca poderá ser paga...

Livro VI

A caminho do Sul

2013

1 . Une voix lointaine

C'est du néant d'où je vous parle
là, où la distance importe peu
et le son de la voix va au-delà
de l'espace incommensurable qui sépare
les êtres de leurs destins.

Nos vies sont liées quoiqu'il arrive
qu'il existe un ciel ou pas
dans un autre espace imaginé
puisque ma pensée vous suivra
à travers les temps renouvelés

que la volonté prolongera
sans laisser des traces sur le sable
ou des mots gravés dans les nuages
car les sentiments ne se dessinent pas,

il suffit qu'ils soient impérissables
comme la gracieuseté du vol
de ces oiseaux qui planent sans effort
en bandes de passage vers le Sud
projetant leur ombre sur le sol

en y laissant comme une empreinte
provisoire et vagabonde
dans le miroir fuyant et équivoque
de notre courte vie en transition.

L'éternité c'est alors le souvenir
qui ne saurait survivre à la durée
magique de la chrysalide

ou à cette flamme vacillante
qui s'éteint après le souffle délicat
venu dans un matin d'été.

Et c'est bien ainsi...

2 . Recordando Hiroshima

O silêncio dos sobreviventes
das catacumbas da história
que hiroshima atingiu
no fragor da tempestade

projecta com fúria o ser
no universo do nada
onde os limites se perdem
nessa dor alucinada
que já nem sabe se é dor

que faz nascer o pavor
não da bomba deflagrada
que traz a alma já morta
mas de um querer sem limites
irracional sem barreiras

dessa fúria incontrolada
que desconhece as fronteiras
da razão desamparada
no espaço sideral

transformada em carne viva
pela insânia do mal
onde se morre bem antes
de ter nascido p´ra vida.
3 – Solidão

Enquanto o tempo passava
o homem foi definhando
à sombra da solidão

cada vez menos sabendo
se era de carne e osso
ou se feito de cartão

como um boneco de feira
porque o coração não sangrava
nem as lágrimas corriam

só a saudade lembrava
quando as chuvadas batiam
na vidraça da janela

ruído cavo de um sonho
em olhos que se abriam
quando a saudade apertava..

4 . Pobre contentamento

“Cada um é pr’o que nasce”
é fatalismo rasteiro
e falsa sabedoria
que mente para não ver

quando apaga sem apelo
vontade de renascer
sempre ao alcance de quem
quer exigir de si próprio

mudanças no seu destino
e voar com outras asas,
metamorphose que paira
nas alturas do silêncio
do céu ativo do ser

longe daqueles que rastejam
em conformismo do ter
num pobre contentamento
que morre sempre sozinho
sem nunca nada saber.

5 . Frágil oralidade

A escrita é que permite
transcender o tempo
enquanto a voz se dilui
como a aragem nos vales

e o clamor dos mortos
é então ruído surdo
que aos poucos se desfaz
no cosmos imaginário
quando irrompe um novo mundo

no meio da ventania
onde os corpos se perderam
tal espíritos sem paz
que já não sabem falar

com a memória esquecida
no lastro do não-saber
para no fim regressar
ao pó, origem do ser,

eternidade que esconde
o transitório do tempo
tudo apagando afinal
ao deixar atrás de si
as leves marcas do vento
que são tudo e não são nada
sem nunca deixar sinal.

6 . Do possível ao real

*[Relembrando Ibn Sina,
dito Avicena]*

O possível é o pressuposto do real
e tem a sua origem na matéria
esse dado primordial sem começo
que remodela as coisas
e dá consistência ao pensar.

Mas o acto que faz passar
do imaginário ao concreto
começa desde os primórdios
no interior do possível

quando este assume a firmeza
de um punho que se fecha
com a dureza da pedra
e a harmonia que brota
em cadência iniludível
das formas da natureza.

7 . Atavismo

O passado pesa
como uma âncora inerte
no cérebro dos vivos

e não basta sacudi-la
para que então se liberte
do lodo que a retém

nos fundos do pensamento
onde a luz não chega nunca.
E quanto por vezes vem

à tona do mar revolto
nunca se sabe se tem
novo vigor renovado

ou se é forma que toma
na corrente das ideias
contornos amolecidos
de um corpo naufragado.

8 . O medo dos deuses

Um dia os homens inventaram
o medo dos deuses
e esqueceram a razão.

Foi assim que nasceu a metafísica
a encher os céus de um fulgor estranho

onde razões se interrogam
em dúvidas sem solução

esquecidos que foram já
horizontes de significado

entre a ordem cósmica
e o relativismo vacilante

e se abandonou o contacto
com as fontes do sentido

quando a modernidade se submeteu
à pueril razão instrumental

que perdeu reconhecimento
e esbateu caminhos

ao romper o ciclo ancestral
da antiga cadeia do ser

desse mundo lunar
em que tudo o que é sólido
se evapora no ar.

9 . Espinosa em Africa

Em África o espírito das coisas
está dentro delas
porque nenhuma é inanimada.

Rios, arvores e montanhas
pensam, vivem e morrem
como nós.

Por isso Espinosa
mora lá sem se saber
numa cubata alugada...

10 . Morte das Ideologias

A herança do passado
febrilmente criativa
não nos deixou testamento
nem legou um novo mundo.

Hoje o cosmos transformou-se
num deserto sequioso
onde foram semeadas
novas espécies carnívoras

que devoram utopias
numa história sem sujeito
na confusão das ideias
tudo em nome de falácias

que secaram sem apelo
o sangue a correr nas veias.

11 . Afirmação

A verdade consiste
na afirmação de si próprio

e resiste à imagem distorcida
que vive dentro dos outros

porque a coragem não é
uma estética do aparente

mas água fresca que brota
numa mágica nascente

e se transforma num espelho
onde nos reconhecemos
sem arrependimento.

12. Razão instrumental

Perderam-se os fins
e apodreceram os meios
face à desenfreada
indiferença material
que sufoca a liberdade,
a verdadeira no pensar,

aquela que sabe renovar
o pensamento do ser,
e que essa razão instrumental
vai asfixiando lentamente
como tenaz persistente
para pouco a pouco lhe tirar
a réstia de luar que lá ficou
no céu transparente das ideias

quando ninguém quer saber
se o pensamento desfalece
a utopia petrifica
os olhos perdem visão
e a cibernética toma o seu lugar
no reino pálido da morte
onde vivem os homens acorrentados
da caverna de Platão.

13 . Ilusão

O que torna o ente em ser
não advém do agir
mas quando é capaz de ver

que a função das ideias
não é governar o mundo
mas iluminar as trevas

fazendo ressoar passos
nos claustros regelados
dos labirintos da alma

perseguindo a liberdade
até encontrar a luz
que brilha no fim do túnel

que por seu turno conduz
ao espaço abandonado
onde sonha a igualdade

que quando morre, renasce,
num renascer provisório
que a ilusão roubou

em ecos que já perderam
a velha sonoridade
onde tudo começou.

14 . Raízes

Ignorar os rumores
é remeter-se ao silêncio
que respira por si próprio

sem palavras gastas
gestos inúteis
mentiras vazias
ou vil traição

deixando o sonho à solta
num imaginário
pronto a habitar
sem submissão.

15 . Uno e diverso

Mercê de um deus distraído
na origem do universo

o homem está sozinho
no cosmos regelado

porque a criação se esqueceu
de prolongar o que é uno
com o factor do diverso

mascarando a mentira
com o disfarce da verdade

16 . Realismo

A única certeza da vida
é a existência da morte.

Tudo o resto é incerteza
que, contudo, vale a pena

se a alma não for pequena
e aceitarmos a ideia

que somos só uma veia
no corpo da natureza.

17 . O poder da palavra numa outra Europa

*[A propósito do “poder da palavra”
de que falou Adriano Moreira
em 20 de Setembro de 2012,
aquando da homenagem
que lhe foi prestada no ISCSP
pelo seu 90º aniversário,
homenagem a que se acrescenta
aqui admiração e amizade.]*

Os falcões das regiões envelhecidas
por uma história de dor
inscrita no tempo incerto
têm a firmeza do voo
de asas de borboletas

que vacilam na tempestade
ante o rugir da montanha
sacudida no estertor
de uma ambição sem vontade
que esqueceu o espaço aberto.

A tragédia acabará um dia
quando regressar de novo a acalmia
em que a palavra do poder
cederá ao poder da palavra...

18 . Mundanidades

As vagas cíclicas da moda
emergem e submergem
nas ondas do não pensar
como golfinhos que rumam

sem direcção nem destino
à deriva nas correntes
passando longe dos portos
e dos roteiros do mar.

Nos desatinos da moda
onde se Instala o vazio
que brilha no céu do nada
desde o começo dos dias

há mortal ansiedade
e luzes a latejar
nesses castelos no ar
que desabam com fragor
só com um sopro de verdade.

19 . Ambiguidades

Quando num tom vibrante
os sábios pedem mais ética
para não enferrujar
a máquina da economia,
estão a julgar que a virtude
é vulgar lubrificante.

Mas essa ideia não chega
para mudar o destino
e ir mais longe e mais fundo.

Tão flácido altruísmo
já não consegue mudar
a lógica coisificada
que dá à roda do mundo
teimosamente a girar
o sentido visceral

porque outro carburante
fora do bem ou do mal
de ambição mais rasteira
a morar dentro do homem
e a que muitos dão guarida
faz mover o mecanismo
do sagrado capital.

Mesmo se o homem dito
“economicus” de nome,
miragem já quebrantada
duvidosa e disfarçada
lá no fundo bem no fundo

é certeza obstinada
desses sábios do pensar
julgarem que seres são coisas
de uma álgebra descarnada

que faz as regras do mundo
incrustada na galáxia
do vasto espaço infinito
onde o tempo já não mora

e a vida é o não-ser
de uma entidade gelada
esculpida no granito
desse vazio do nada.

20 . A caminho do Sul

O véu opaco das cinzas
que envolve a sombra
ao romper da madrugada
é a dissolução cumprida
do ser no não-ser.

Esse não-ser que está presente
depois da brusca partida
na liquidez do espírito
tem a quietude serena
da luz solar que inunda
uma casa adormecida.

É ele que guia os meus passos
na serpente tortuosa da estrada
a caminho do Sul para onde sigo
no entardecer que se arrasta
sem saber a direcção
dessa passada perdida

mas que cumpro de instinto
levado por mão ferida
sem saber se é o fim
ou um fim que é princípio
do curto instante que dura
o desfolhar de uma vida
21 –Onde mora o crime

Desprezo para os arrogantes caixeiros
que se julgam homens de Estado;
e homenagem aos novos
emigrantes portugueses deste
século XXI

Os filhos da nação peregrina
de novo traídos por quem manda
regressaram outra vez à estrada
com a cólera nos corações

recordando promessas não cumpridas
e velhas leis traiçoeiras
onde se acoitam, risonhos,
celerados do poder
enxames de ladrões
e senhoritos cruéis
que cortam dedos alheios
para guardar os anéis

necrófilos abutres
empoleirados nos ramos
da grossa árvore do Estado
que tem raízes na areia
e é com sangue regado.

A nação peregrina regressou
à diáspora dolorosa e antiga
do tempo da busca de si própria
em horizontes trémulos
onde desmaia a esperança.

Na garganta ficam palavras por dizer
o silêncio que ao longe se pressente
de um trovão aos poucos a nascer
que varre do céu a bonança

trazendo no próprio instante
o sentimento crescente
que chegou talvez a hora
de nunca mais perdoar
e repensar a vingança.

22 . Arte

[Relembrando Ortega y Gasset]

A arte não é esplendor
a brilhar na relevância
do bem como do mal

nem a redução apressada
do abstracto ao concreto
ou da matéria ao etéreo

mas tão só o reflexo
do eu que sempre está
envolto na circunstância

nesse indefinível mistério
do homem que só se encontra
quando se acha a si próprio

23 . Descida à terra

O purgatório já não é lugar
na topografia do Além.

Está ali ao virar da esquina,
em paciente espera...

24 . Espelhos onde nunca se envelhece

É nos sulcos da existência
que caminho à pas de loup
sem dar por mim quando vejo
reflectidas no espelho
só imagens do passado

com uma cara no centro
onde o eu avista o eu
do outro lado da vida
não de fora para dentro
mas de dentro para fora

sem ver os anos volvidos
que passaram sem passar
a provar não sei porquê
que o tempo interno é diferente
do exterior que nos vê.

O tempo interno é o sonho
a fingir o conhecer
num reino de fantasia
que para trás se quedou

incapaz de envelhecer
porque as paredes estão cheias
de espelhos por toda a parte
que mentem sem nos dizer

a repetirem visões
paradas no tempo interno
como museus de silêncio
ou ramos mortos de inverno.

25 . Recordação

Dizem que o tempo tudo sara
mesmo a angústia infindável da morte
do amor que já partiu

e o vazio nunca preenchido
na abstracção da ausência.

Mas o tempo não apaga nada
nem a saudade que acompanha o dia

nem a nostalgia gémea da inocência
nos tropeções da memória

nem o badalar do relógio da igreja
cujo som se arrasta pelas ruas
como um fantasma que vegeta

nem a saudade que os anos não mataram
e continua de sentinela à porta,

nem o remorso de não ter sabido
aprisionar o instante que passou

para o ressuscitar no entardecer
e saborear todo o seu perfume

ao longo de uma vida já no fim
que mereceu afinal a pena ser vivida
pela lembrança que hoje dela herdou.

26 . Pitecantropo erectus

A Europa está governada
por pitecantropos erectus
que já esqueceram o tempo

das tempestades de fogo
que ódios antigos geraram
tantas convulsões na terra.

Os Sísifos da retórica
que repetem sem descanso
as ideias imutáveis

que a História não emendou,
aplicam com teimosia
e atavismo profundo

a milenar heresia
que anuncia o regresso
douttras trompetas de guerra

porque, tal como as pedras,
os sábios pitecantropos
são desprovidos de mundo...

27 . Interrogações impertinentes

Se o átomo que habita a matéria
como o caruncho a madeira
prova a ausência de Deus,
quem criou o átomo?

Se o homem está só no universo
sem outros seres para falar
quem inventou o vazio?

Se tudo é inútil,
para que interrogar
essa inutilidade?

Se há infindáveis galáxias
e existe um criador,
então porque não as habitou?

Muitos pensam, sem dizer,
que não foi Deus que fez o homem
mas o homem que fez Deus,
porque sem o homem
para que serviria Deus?

Este, a reinar no vazio,
seria apenas o nada
e o nada não é Deus.

Nesta perplexidade, uns escolhem
ou a ciência ou a fé

mas todos vogam à deriva
num mar de espantos

por rotas indecisas circulares
no labirinto dos possíveis

onde crenças combatem a razão
extrapolando o querer

sem saber se um dia saberão
encontrar o rumo certo

no espaço multipolar
entre crise e regressão

do grande livro aberto
onde o pensamento anda à solta

e ameaça porventura mergulhar
nas metáforas da superstição.

28 . Recordação indelével

[Deambulando pelas memórias
do Bairro do Cruzeiro
em Luanda]

Lembrança antiga
transportando sombras
na nuvem que passa

e cobre a memória
como ave nocturna
que paira na noite

trazendo o passado
nas asas do tempo
tristeza dormente

imagem ferida
na dor persistente
que dura uma vida.

Quando a morte vem
apaga num traço
esse sofrimento

e tudo se cala
no escuro do nada
disperso no vento...

29 . Caminhos da linguagem

[Relembrando Thomas Hobbes]

A linguagem transpõe
o discurso mental
e pouco a pouco atinge
a arquitectura do verbo

abrindo espaço às paixões
da alma que tem um corpo
no alvor das tempestades
escondidas na acalmia.

O homem existe no tempo
quando com sua linguagem
nasce também essa voz
que acompanha a palavra

onde os sons que despertaram
são os signos dos conceitos
como as mãos que apertaram
as gargantas dos velhacos
que com discursos enganam.

30 –Saber esquecido

*[Recordando
Teixeira de Pascoais]*

Todos temos uma dor
que nos chega do passado
acompanhando o percurso
do rio a cavalgar medos
na corrida para a foz.

Recordar é reabrir
a ferida nunca sarada
dessa memória passada
que desperta em sobressalto
de um tempo que se sumiu.

Chegados ao fim revivemos
o trajecto devorado
p'lo saber que desistiu
e descobrimos que somos
aquilo que sempre fomos

porque o destino tem rumos
nos zig-zags da estrada
que raramente lembramos,
sempre fiel a si próprio
mesmo que nunca o saibamos.

31 . Os velhacos do mando

[Pour les arrivistes]

Nas alturas vertiginosas
e em pose majestática
donde ditam vãos caprichos
estão candidatos ao mando

fulanos que fingem ser
puras almas benfazejas
que juram não querer o mal
na ânsia de ascender

ao cimo do firmamento.
O pior é quando chega
o momento de actuar
desse espécime de bichos

da nossa fauna local
que esquece promessas feitas
não tem palavra nem honra

desdiz o que já disse
renega o que afirmou
faz a guerra em vez da paz

e, suma velhacaria,
tem duas mãos que não sabem
uma o que a outra faz...

32 . Os milenaristas da Verdade

*[Reivindicar a “Verdade”
fixa limites drásticos
à tolerância.*

Quentin Skinner]

Têm o dogma atizado
por uma raiva cruel
persistente e contumaz
sempre de punho fechado
contra a face de quem julgam

inimigo sem quartel
quando este só cultiva
costumes que são diferentes.
Uma tão simples destrinça
gera em si ódio tenaz

sem ninguém saber porquê.
Assim vivem como autófagos
os crentes milenaristas
dentro de parques jurássicos
como se a vida só fosse

ínfima parte da morte
que se dilui numa orgia
recusando-se a viver

bebendo sangue a jorrar
lá onde murcham ideias
e lento apodrece o ser...

33 . Um dia...

*[Contra os “loucos de Deus”
de todas as religiões]*

Quando as estrelas e o sol
forem varridos do espaço sideral

restará somente um buraco negro
que devorará os homens

sem que Deus esboce um gesto
como é seu hábito de resto

sob o pretexto imoral
que eles têm livre arbítrio

confirmando a inação
das ordens do transcendente

com os profetas à solta
a matarem-se uns aos outros

negando que o amor
seja mais forte que a morte.

Moisés e Maomé
não têm mão nos capangas

que confundem leis eternas
com o tamanho do ego.

Um dia os homens já fartos
recusarão tais profetas

exigindo ser libertos
de arrogantes pretensões

a tão vã eternidade
ao expulsar ilusões

de deuses que já mentiram
em liturgias de paz

enganando suas vítimas
que são apenas mortais

atando-as com filamentos
de uma luz que se desfaz

como se apaga uma vela
quando chega o leve sopro
que a brisa da noite traz...

34 . Independências e desilusões

*[Em memória do meu
amigo angolano João B. Van Dunem,
exemplo de inteligência e humanismo]*

A independência das nações
é um murmúrio que não dura
porque a liberdade resulta
do fogo que se alimenta
do nomadismo do eu

nas convulsões que se estendem
p'lo circuito terrestre
em busca de novo ser
a viajar numa onda
que morre um dia na praia

em sentimentos que emergem
como um cavalo alado
que cavalga os oceanos
de hemisfério em hemisfério

numa corrida que trilha
caminhos no mundo fora
da glória ao desespero
tal escalada de Sísifo
depois da nação nascer

descobrimdo o desespero
do amargo sabor de ser
sujeito de um destino,
história mil vezes repetida
dentro de si a viver

35 . Prisões

[Relembrando Orwell]

Imaginemos o universo
com uma abóboda de cristal
contra a qual
as asas dos homens se estilhaçam
e os sonhos agonizam
sempre que os abraçam.

Imaginemos grades rodeando
um espaço confinado e celular
onde o pensamento é proibido
e seres mutilados
têm a língua cortada
para não falar.

Imaginemos que esse reino existe
noutras partidas do mundo
como ensinou Orwell.

Tomaremos então consciência
dos grandes perigos que espreitam
na sordidez que se esconde
por detrás dessas doutrinas
que prometem paraísos

e são só a excrescência
de bárbaras utopias
que ainda hoje cintilam
nos céus equívocos
das grandes narrativas...

36. Imortalidade

*[Relembrando os malfeitores
e seus amigalhões do
Banco Popular de Negócios (BPN)
e do Banco Privado Português (BPP)
que em 2012 continuam à solta
nesta paróquia da impunidade
que dá pelo nome de Portugal]*

Desmentindo Platão
diz-se que a alma imortal
é o injusto triunfo
do malfeitor sem remorso
que pode ser perdoado
nas arcádias do Além.

Resgatado pelo céu
em fraudulenta omissão
transfere-se p'ro destino
o que foi impunidade
neste tempo que passou

sem sabermos se o castigo
de que por cá se livrou
tem mesmo aplicação
na outra vida futura
ou é uma porta aberta
para prémio do ladrão...

37 . Dúvida

Vimos ao mundo
de modo natural
como a manhã que desponta
na serena claridade

mas partimos com revolta
e infinita relutância
contrariados por vermos
que não seremos mais.

Disse Lucrecio um dia
que o o medo da morte é vão
pois não nos alcançará:
quando estamos ela não está
e quando chega
já nós não estamos.

Se a imortalidade da alma
é a mortalidade do corpo,
como é que a primeira vive
sem a existência da outra?

38 . Origem das crenças

É porque somos mortais
que sobrevivem as crenças.

39 . Ilusões

*[Relembrando
Fernando Savater]*

Mortal não é o que morre
mas o que vê chegar a morte

e ela só vem quando deixarmos
de nos olhar a morrer.

Durante o resto do tempo
somos todos imortais...

40 . Cuidado com o lobo!

A solidão é o lobo à solta
que nos devora por dentro.

41 . Cultura em edificação

Sejam bem vindos ao deserto do real
onde silêncio permuta com silêncio
e a vida se arrasta sempre igual

enquanto a televisão com frenesim
e em nome do progresso triunfal
pratica na multidão pasmada

a nova arte consumada
da lobotomia universal.

42 . Manias de eternidade

Morrer sem deixar rasto
como um fogo fátuo

atormenta os homens
quando chega o hora

de enganar a sorte
para cá ficar.

Perpetuar vida
com um mausoléu

é vício de ricos
e vã presunção.

Uma cova funda
é bem plebeu

com o risco enorme
de faltar o ar

sem contar que os vermes
causam comichão.

Cremar-se é melhor:
até dizem que abre

caminho directo
p'ra ressurreição...

É por isso que outrora
a santa Inquisição

para encher o céu de almas
e converter infieis

ao usar tanto as fogueiras
estava cheia de razão...

43 . Os sonhadores

Todos os sonhadores sonham
com pensamentos voláteis
que se perdem na lonjura
da bruma dos seus castelos

só ficando a nostalgia
da vertigem da altura
de ter sido sem o ser
por nunca terem sabido
mover a roda do tempo

nem plantar a raiz
que só nasce rente ao chão
a partir do qual se fazem
impérios que se desfazem
em transitória ambição.

44 . Delírio

“Mais de metade dos russos
a acreditar numa sondagem
recente(...) não se importavam
de ver José Estaline de volta (e até
de tornarem) a ser governados
por ele”, Miguel Sousa Tavares,
Expresso, 9/03/2013.

Disse um dia o pai dos povos
depois do czar enterrado:
“Venham a mim as criancinhas
para as poder devorar”.

O que ele fez às pazadas
pelos crentes secundado
judas às ordens do dono
sem memória nem remorso
que lambendo o próprio ranho
nunca perderam o sono

ainda hoje dispostos
piamente a acreditar
com a mais velhaca unção
que há mulas sem cabeça
milagres na natureza
fadas boas e duendes
que Lenine está no céu
com reserva de lugar
p’ra todos sem distinção

desde que saibam rezar
e puderem entoar
com um rosário na mão
as sentenças delirantes
com tudo o mais que os Estados
quiserem apregoar

nesta era de regresso
aos velhos tempos saudosos
da razão Neandertal...

45 . Passagem

Montaigne escreveu algures
que nunca vemos o ser
mas apenas a passagem
que nasce do movimento

onde a mudança escondida
invisível ao olhar
mora na dobra das coisas
que se dissolvem no ar

mesmo quanto o ser real
quer ser concreto em devir
mas se afoga na espuma
dos dias atropelados

por um tempo que é a marca
da nossa própria impotência.

46 . Nostalgia

O passado não é eterno
mesmo quando já está morto

e a própria vida só vive
uma história incompleta.

47 . Consciência

A consciência do mundo
é mera sucursal
do mundo da consciência...

48 . Amnésia

Quando a asa da amnistia
sobrevoa o espaço aberto
por vezes também a sombra
da amnésia se impõe
fazendo o tempo parar
em barbárie regelada
da morte que paira em vida
sem nunca o luto tomar
ao sofrer dor ultrajada

como aconteceu no Chile
no Brasil, na Argentina
e na soberba Germânia,
onde se ouvem ainda
nalguns recantos da alma
os gritos dos torturados
que ficaram entranhados

nas paredes das masmorras
ainda mudas de espanto
em silêncio envergonhado
que os carrascos não compreendem
na sua mente de pedra.

Mas há dores que não se apagam
como o giz num quadro negro
porque emigram para os vivos
herdeiros das almas mortas
cujas vozes abafadas
são páginas amarelecidas
que quase já ninguém lê.

Porém o passado resiste
no coração da memória
no meio de narrativas
que contam a mesma história
e se negam a esquecer
para não assassinar
outra vez todos os mortos

pois faz parte do saber
que a lembrança é o ser
quando das cinzas renasce
a consciência do agora

e desponta a primavera
mesmo quando chega tarde
se no cérebro dos vivos
escondida uma chama arde...

49 . Constância

A morte é só silêncio,
mais nada.
Mas quem disse que isso apaga
o medo que vive em nós?

50 . Finitude

A vida passa como a sombra fugidia
de um lagarto que num ápice se esconde
no escuro opaco da ramagem

onde o vazio é uma coisa viva
ao transformar o fantasma que sumiu
em ilusão retrospectiva

talvez porque a eternidade não existe
nem é roteiro imóvel
perdido no ermo duma estrada
a apontar para destino imaginário.

O tempo não pàra nem regressa
sempre fiel ao seu itinerário
ao cavalgar a flecha irreversível do sentido
que segue por diante até ao nada.

Por isso a memória daquilo que ficou
no íntimo coração do universo
é tão provisória como tudo o resto...

51 . Presente

O presente
é quando tudo acontece

no agora irrepetível
sem transcendência nem drama

como essa água que brota
de uma ferida na montanha

como um gemido que nasce
de uma dor incontida

como um sorriso que chega
de um passado de amor

e nos conforta a lembrança
no declínio da vida...

52 . Anti-positivismo

Os conceitos irrompem na imanência
mas o que conta é a ruptura
no saber acumulado
para encontrar o que é novo
na ordem accidental

por carreiros tortuosos
ladeando precipícios
que recopiam o eco
de uma perpétua ambição.

É a tal preço que o homem
pode fugir à prisão
da razão adormecida

e num voo de falcão
mergulhar vindo dos céus
sobre uma presa escondida.

53 . Direcção Sul

A caminho do Sul
vou a passos largos
não vislumbrando a distância
que me separa do fim

com a calma obstinada
de quem no tempo recusa
essa lonjura do ser

e que ignora se tem
o certo ou o incerto
num marasmo que só é
banalidade do bem.

Valeu a pena?
Alguma coisa ficou
do tempo desperdiçado
atirado aos quatro ventos

como um papel rasgado
a esvoaçar espalhado
ao acaso dos caminhos

em projectos que morreram
antes de terem nascido
em bravata inconsciente

ou desejo sem vontade
dessa promessa que falha
no rumo que foi perdido

a fingir, sempre a fingir,
porque sonhar é mais fácil
que o concreto da vida
obedecendo ao real

ao construir passo a passo
o sendeiro doloroso
do lento fazer fazendo

num caminhar caminhando
ao apalpar o vazio
como um pobre invisual.

Entre obstáculos e sombras
apenas vou progredindo
na direcção do poente

a caminho da lembrança
de um passado que jaz
nesse regresso impossível.

É là que está a fronteira
da terra do esquecimento
semeada de remorsos

onde chegarei um dia
sem saber se terei paz
quando a escavar com as mãos...

54 . Pensar o pensamento

O pensamento é um grito
mais turbulento que a vida
mais arriscado que a morte
mais duradouro que o tempo

é gesto sem movimento
aragem que se esboroa
no meio duma folhagem
agitada sem razão.

Se acaso não tem sentido
morre tal como nasceu,
mas se assume razão
é mais duro que granito

mais persistente que o querer
fazendo o próprio destino
ao recusar o acaso
moldando o barro da terra
na fôrma da própria mão...

55 . Saber

O saber é um sistema de juízos
que se colam uns aos outros
como penas de uma ave

e tem acima de tudo
a fragilidade etérea
de um sopro que se integra
e desvanece na aragem.

Nele o juízo é apenas
o simples átomo do ser
num mundo inteligível
pela virtude dos outros.

Penosamente ascende
pelos cordames ao céu
e depois desaparece...

56 . Substância do mundo

[Contestando Wittgenstein]

Daquilo de que não se pode falar
é preciso calar, disse Wittgenstein
no árido deserto dos conceitos

onde flores de pedra desabroçam
saídas da boca escancarada
de um grito amordaçado.

Recusemos com energia esse silêncio
que seca a água das fontes
afoga sons do universo
dentro de um poço fundo

e aceita passivamente
da vida tautologias
desprovidas de incertezas
onde a representação é inútil

quando a natureza desmaia
e a palavra se esvazia
da substância do mundo...

57 . Equívoco

O nada é o não-ser reflexivo
que mostra a cada instante a diferença
entre si e o idêntico
no mundo imaginário
duma existência incerta
sempre em busca do real...

58 . Duração

As pedras também morrem
como os ecos
que no primeiro instante
se julgavam imortais.

Mas elas não sabem ainda
que neste mundo finito
não durarão muito mais...

59 . Trabalhar a memória

[Relembrando Paul Ricoeur]

O dever de memória
fossiliza o antigo
para logo o venerar
como um remorso sagrado.

Mas só o trabalho de memória
reinveste no passado
como jazida de sentidos
onde florescem os possíveis
em horizontes de espera
de um tempo renovado...

60 . Ambiguidade

As intuições do ser
são simplesmente aparência
talvez porque o saber
é um ponto imaginário
no âmago da ilusão

sem forma nem conteúdo
nas dobras do universo
entre a fronteira do sim
e a fronteira do não.

61 . Anos que voam

Os anos passam como nuvens apressadas
que não deixam rasto nem olham para trás
impelidas por uma ténue brisa

com a leveza hesitante de andorinhas
num céu estrelado de remorsos
que ao voar envelhecem

e de mistérios que acontecem
sem mistério haver
como cabelos que embranquecem

no vagar enganador de um tempo
que corre silenciosamente
para ninguém se aperceber.

62 . Madiba

[Homenagem a Nelson Mandela]

O tempo volveu para Madiba
mas esse facto não conta nem se sente
porque dentro do finito há infinito
emboscado no coração da gente
que não vê na morte um pobre fim.

Então Madiba sobreviverá
para lá do que a burocracia afirma
ser nome civil ou ter idade.
Por isso a sua alma irá pairar
acima das estações da terra

com a face iluminada
no longo curso em redor do sol
onde a noite é sempre dia
que jamais se apagará

enquanto houver eternidade
se a memória nunca perecer
assassinada repentinamente
por qualquer história doentia...

63 . Vaidades

As vaidades
são mentiras irrisórias
que contamos a nós próprios...

64 . Ciclo

[Relembrando Hegel]

Da morte nasce sempre
a raiz de qualquer coisa
que jamais é um regresso
ou pura repetição

mas a aventura da Fénix
em que o espírito se prolonga
na inesgotável multiplicidade
de uma cíclica razão.

65 . Pobre evolução

[Relembrando Zigmund Bauman]

A natureza sempre constituiu
desde os primórdios dos tempos
a fonte original do medo.

Daí nasceram profetas
e mestres da arte política
que capitalizaram a insegurança.

Depois vieram teólogos
que dominaram destinos
por mediar o saber

falseando a esperança
ao transferir o poder
do sujeito ao objecto
e captar a natureza

encarcerando as suas leis
num nicho mitológico
interdito aos profanos
que cultivam a dúvida...

66 – Indeterminismo

[Recordando Heisenberg]

Foi Heisenberg que nos trouxe
a mutabilidade das coisas
e abriu nos astros caminhos
da incerteza que expulsa
a vacuidade dos dogmas.

Por entre labirintos de medo
o desafio é desde então
desespero da vontade
refractária aos preconceitos
e aberta à criação

na decisão de recusa
de ser deus ou ser escravo
assumindo tão somente
nesse teatro de sombras
a obstinada ambição
de ser apenas um homem

67 . Pose de Estado

A pose de Estado
é quanto basta
para governar
em Portugal

e ainda bem!
porque as ideias
só criam lombrigas
e dão diarreias.

Por isso o governo
é fruto maduro
que está ao alcance
de um jovem fadado

desde que ele saiba
contar pelos dedos
e assumir com brio
a pose de Estado...

(Julho 2013)

68 . Conteúdos

A eternidade vive no presente
e as outras pretensões são ilusão
porque o que está dentro do ser
já contém o infinito.

69 . Crise à portuguesa

Neste reino do mandar
já não há quem obedeça.

Aquela sabedoria
no passado atribuída
à geração dos “mais velhos”

agora é culto devasso
de miúdos presunçosos

que cultivam ao acaso
a crueldade mortífera

do vazio das promessas
dados lançados à sorte

ignorando a distinção
entre a vida e a morte

e por brincar aos berlindes
julgam ter governação...

70 . deuses da traição

[Aos tiranos de todas
as latitudes]

As melodias serpenteiam
pelo céu acima
com o aroma perfumado
de café do oriente
a enganar a alma

tal certas filosofias
que arrastam o sentir
para além da natureza
em grandes sinfonias
que proclamam a dor
numa visão de porvir
mas que ocultam a mentira

ignorando o clamor
das vozes da multitude
que se erguem nas savanas
nas aldeias e cidades
a exigir melhor sorte
ao pagar o seu tributo
com a redenção da morte

a deuses alheados
que afinal são mortais
mas não as sabem ouvir
porque esqueceram há muito
que um dia já não estarão
se os homens não mais estiverem...

71 . Método

[Relembrando Leibniz]

O que se deve fazer
não se pode deduzir do que se faz
porque a banalidade tem fronteiras
impenetráveis à razão

quando,, como bem disse o filósofo,
demasiados são o que preferem
a palha das palavras
ao grão das coisas.

72 . Urgência

[Recordando Zigmund Bauman]

A cultura é uma faca
cravada no futuro.

Que sangue com urgência
antes que a carne apodreça

porque a história já não tem
apeadeiros no tempo !

73 . Apprentissage

Sur les chemins du vécu
par les destins de l'être
on peut toujours réapprendre
que nul ne sait ce qu'on croyait
auparavant reconnaître...

74 . Fausse victoire

[Pensant à Karl Popper]

Dans le miroir reculé de mémoire
on a pu mettre la magie à la porte
au nom de l'idée de progrès
mais, plus tard, elle est rentrée par la fenêtre
transportée dans les bras de la science

quand , à son tour, celle-ci est devenue croyance
et de ce fait même dangereuse
parce que derrière la vérité unique
il y a toujours la certitude inébranlable
d'une maladive foi impure

voilant pudiquement l'ignorance
qui étrangle vieilles libertés
dans une mare d'autosatisfaction
et de désirs inassouvis
inutiles, vidés et sans sujet
où lentement l'homme se dissout
englouti par le non-pensé
qui tout croit figé et infini
gravé sur la pierre pour l'éternité

ignorant que seul est vraiment libre
celui qui peut finalement vivre
sous le ciel inquiet de la raison...

75 . Tempo sem regresso

Não há estrada nem caminho
que o ânimo não possa percorrer
quando a morte é pouca coisa
na beleza que a vida dá
nesta existência do ser.

Mas o dom da natureza
não é gratuito nem vão
se a consciência conhecer
que há um preço a pagar
nas portagens de uma vida
enquanto o tempo volver.

E quando este enfim parar
nada mais dele restará
que a alegria de ter sido
e a tristeza de o perder

porque o nada é só o nada
sem mística nem transcendência
que restitua o sentido ...

76 . Movimento

O tempo é a invenção do novo
atento ao que surge na vida
e se move na duração.

77 . O mundo é tudo o que acontece

[Relembrando Wittengstein]

No que se pensa
há o impensado

no que se conhece
o desconhecido

no que se entende
o incompreendido

no que se recebe
o oferecido

no amor que dá
há o recebido

no que se merece
o imerecido

porque o mundo é
tudo o que acontece.

Mas a liberdade
é caminho estreito

talhado na rocha
só pela vontade

no desfiladeiro
que tem um sentido...

78 . Leis da Física

[Relembrando A. N. Whitehead]

As leis da Física
são decretos do destino
observou Whitehead.

O que é inevitável
domina o pensamento
dos sábios que interrogam
os escombros da ignorância
num fluxo de configurações

em busca de um saber
que os deuses já possuíam
antes de nos dizer...

79 . A crise

[Relembrando C. Lévi-Strauss]

A crise que não acaba
é uma tarefa sem fim
na multiplicação de incertezas.

Neste tempo sem promessas
onde o conceito é metáfora
e o banal esconde monstros

são raros os que se lançam
em frente de espada em punho
e muitos os que morreram
sem saber se existiram.

A crise que só encontra
a tibieza no gesto
é razão desesperada
nesta Europa moribunda
de destino atraído

produto de um velho mundo
de riqueza envenenado
que começou sem o homem
e termina com ele ausente...

80 . Comunicação

Os homens não se falam
para falar de qualquer coisa,

eles falam de qualquer coisa
para se falar ...

81 . Brave New World

O espírito cristaliza-se no abstracto
neste mundo-cidade dos espíritos
onde só a presença da natureza
permite ordenar o caos
porque o passado não se reduz à tradição
nem ao genoma contabilizado
pelo discurso de Tartufos.

Saibamos que os robots
nascidos no parto da tecnociência
nunca dominarão o universo,
a menos que o homem informatizado
esteja ligado à máquina pelas tripas
e dentro dele bata um coração metálico
movido em alvoroço por gigabits...

82 . Conspiração

[Relembrando Tocqueville]

É porque o passado
já não ilumina o futuro
que o espírito marcha nas trevas

imune ao factor humano
negando que a lei do crime
germina na lei comum

quando a regra constitucional
é vilipendiada
e a história escarnecida
para ser menos que nada...

83 . Serenidade

Digamos adeus e partamos
na névoa do esquecimento
da lembrança intermitente
deixando suspenso o que foi

um rasto ténue que brilha
iluminando a memória
por entre as trevas da vida.

Avancemos no futuro
que é passado invertido
quando tudo recomeça

com sabor de entardecer
e cores suaves serenas
cobrindo a vasta paleta

das falas da natureza
que em silêncio nos dizem:
afinal valeu a pena...

Livro VII

Reserva de Memória

(Com dois poemas
de Adèle Lambert)

2014

1 . Direito à dúvida

Quando um deus é absoluto
não tem dívidas para com o homem
sem lhe deixar outra alternativa
que o dever para consigo próprio

e desde logo direito à revolta
na ordem do saber e da razão
capaz de recusar com energia
a obediência ou a servidão

tomando sobre si a soberana
responsabilidade do pensar
nascida da experiência e da dúvida
ao assumir a voz cartesiana

que induz o tal deus em erro
quando se procuram respostas novas
a questões outrora insolúveis
ancoradas na crença popular
desde os princípios dos tempos

2 . Morte das ideologias

As ideologias crepusculares
em vão já só defendem
interesses dos ideólogos

quando utopias construídas
sem os alicerces da razão
são como feno dobrado

ao sopro agreste do vento
que insufla desesperos
e angústias à deriva

no cosmos de finitudes
de um modelo irreal
onde impera a ilusão

de que só há dualidades
tão pobres como prosaicas:
de um lado o bem, doutro o mal...

3. Decadência

Os rasgados elogios estrangeiros
ao quietismo português durante a crise
são fartura de excessiva esmola:
nunca se referem ao civismo
nem à suprema tecnologia do poder

ou à qualidade intrínseca do povo.
São, tão só, mero paternalismo
que vê no estoicismo nacional
a expressão mais acabada

de uma sofredora carneirada
que quase não distingue o bem do mal
e segue molemente o seu caminho
no passo vagaroso da boiada

rumo ao trágico pelourinho
onde será friamente degolada
no altar da indiferença oficial
e ascenderá aos céus aplaudida

pela Europa declinante e trémula
submetida ao politeísmo dos valores
e à retórica vazia dos discursos
pois os deuses estão há muito desligados
das consequências dos seus actos...

Quando travaremos tais insultos?

4. Achamento

É na estrada que se encontram os amigos
quando se caminha muito tempo e
se sabe reconhecê-los e guardá-los
como um bem precioso raro

tão raro como uma ave do paraíso
ou um vulcão nas entranhas do mar
quando os homens viajam entre estrelas
na ânsia de se encontrar

nesse cosmos da diversidade
onde astros nascem e se apagam
com luzes a cintilar

como se estivessem a avisar-nos
da falsa eternidade da memória
num mundo que esqueceu deus...

5. *Écris Français I*

Poème d'Adèle (1)

Je sens dans mon esprit une goutte
qui coule dans le sang.
Elle traverse mon corps
dans un souffle muet.
Dans mes yeux elle coule sur mon visage
jusqu'à ce qu'elle couvre
mon tee-shirt
et traverse mon cœur.
Ce fut un moment froid.
Et mon cœur bat ! Mon cœur bat !
J'ouvre ma main
où il va s'y glisser la goutte.
Et mon cœur bat !
Et mon cœur bat !

Adèle Lambert (10 anos de idade)

(1) Este poema foi escrito por Adèle em Setembro de 2013 aos nove anos de idade. Encontrei razões para o incluir aqui pelo que julgo descortinar no próprio poema, apesar da ingenuidade própria de uma menina de 9 anos...

6. Surpresas do tempo

A velhice caiu de repente
quando, com inesperado espanto,
começaram a pedir-me
prefácios para livros novos.

Bem sei que os autores são meus amigos
o que é sempre suspeito e contingente
nestas coisas em que a amizade entra
e introduz um critério ambivalente.

Mas se não for por essa via duvidosa
então ser velho deve ter em si
uma qualidade misteriosa
decorrente das leis da natureza

que infundem um respeito inspirador
venerável só pela antiguidade
a cheirar a bafio e a bolor

ou então uma crença ancestral
que dá valor às coisas e à moral
por terem o mérito esquisito da idade...

7 . Totalidade

O mundo é a totalidade do possível
sem aparições nem milagres
incrustados no imaginário.

Vive-se e morre-se no acontecer
das horas, dos dias ou dos anos
porque é esse o destino dos humanos

e das coisas que se gastam com o tempo,
porque tudo passa e as tragédias
pertencem só aos deuses
quando ignoramos o que somos

na terra que ainda temos
e vamos matando devagar
encravada na amplidão despovoada
que se estende para lá do mar

no meio dos astros mortos
cansados de solidão.

Écris Français II

8. Des paroles (poème d'Adèle) (*)

Les mots perdus
les oreilles qui sifflent
la neige glacée.

Je marche et sens les flocons
se poser sur mon menton
quand soudain une rafale
envole les paroles jusqu'à mon oreille.

Ensuite elle souffle et s'envole.

C'est l'hiver !

(*) *Poema escrito por Adèle Lambert em
Setembro de 2013 aos nove anos de idade.*

9. Democracia post-mortem

Os cemitérios estão repletos
das outrora poderosas
figuras do vão mandar,
orgulhosos bem pensantes
que já não ousam sair
dos seus mausoléus à noite
para imperar sobre os outros.

Na quietude do dia
ou se vem o anoitecer
a igualdade é geral:
sumiu-se a hierarquia
o respeito ou tirania
doutros tempos já esquecidos

porque agora é tudo igual
pedintes ou fidalguia,
já não há poder que valha
nem glória que resista
ao trabalho da ceifeira
quando a morte indiferente
desconhece, surda e muda,
a condição social.

É por isso que alguns dizem
sem margem para engano
que o destino é democrata
na sua etapa final...

10. Harmonia

Há seres que rondam
no azul da espiritualidade
como andorinhas que arribam
do sul na primavera
para encher de novos sons
a emudecida paisagem.

Há entes cuja harmonia
tem a música serena
de Bach nos corações
elevando-se às alturas
como penas empurradas
por uma suave aragem

e outros que encontramos
quando na vida acontece
termos o sentimento
que afinal estamos vivos
como um trovão que rola
numa bola incandescente
que de repente aparece
sobre a linha de horizonte
num ribombar que ensurdece...

11. Inverno

*[Homenagem
a Tomas Tranströmer]*

Ao chegar do norte o sopro
de um coração regelado
que o inverno arrastou,

a terra empalidece
tal a face de um cadáver
que o destino marcou

e a natureza emudece
a tricotar silêncios
aguardando o regresso

dos deuses que debandaram
todos juntos para Sul
iguais a qualquer mortal

enquanto rastejam nuvens
a implorar pelo sol,
e lágrimas de chuva tombam

como corpos que agonizam
ante o juízo final...

12. Governos espúrios

Quando os governos desgovernam
sem honra e sem vergonha
ao confundir bem com mal
devemos cerrar os dentes

e exorcizar a peçonha
atirando-os cá para baixo
do alto do pedestal
e ponto final na História.

Se esta não se repete
como dizem velhos sábios,
há porém coincidências
que nos fazem esperar

poder pôr-lhe um travão
aplicando o tratamento
que já demos à escória
em tempos que já lá vão...

13.Natureza

[Relembrando Espinosa]

A ideia de imanência
na essência criadora
recusa outro poder
para lá da natureza

abrindo ao novo pensar
a porta para o concreto
inscrito na incerteza
e esculpido no viver

sem medo nem transcendência
na liberdade do ser.

14. Uns mais iguais do que outros

A quadrilha mais que reles
que governou Portugal
capanga de Leonor Teles
e do duo imortal
do Miguel de Vasconcelos
e de um tal Conde de Andeiro

já voltou a ensombrar-nos
ao serviço do estrangeiro
para nos sugar o sangue
como vampiros alados
e nuvens de percevejos
devidamente amestrados

cujo apetite sem fim
come a carne até ao osso
dos pensionistas que são
com os seus trezentos euros
de rendimentos bastardos
exploradores da nação
e malandros refinados

enquanto o pobres banqueiros
mais uns tantos financeiros
a trabalhar que se fartam
trinta e seis horas por dia
só por cem mil euros mensais
se sacrificam de balde
para a nossa salvação.

Por isso é que eles afirmam
com justa indignação:
O povo não aguenta?
Ai aguenta! aguenta!

como o esperto de serviço
sempre zeloso e severo
contente por ter pensado
um pensar tão elevado
que empalidece Homero...

Esta solidariedade
(diria mesmo paixão)
entre banqueiros e povo
é o orgulho da raça
dos banqueiros, digo eu.

Tão perfeita igualdade
tem apenas um senão
como Orwell disse uma vez:
uns são mais iguais que outros,
como elites o querem
obcecadas pelo “mim”
desde remotas origens

o que o que provoca espanto
em seres que pensam tão alto
tão alto que dá vertigens.

É então que se acorda
com angústia e sobressalto
de um pesadelo sem fim...

15. Evolução

No princípio era o verbo
de uma fala sem mundo.

Só mais tarde veio o gesto
onde se moldou a alma

nos cânticos do labor
que desenharam paisagens

e construíram castelos
com muros de alvenaria

altas pontes levadiças
que separaram os homens

introduzindo o divórcio
quando o gesto se perdeu

porque tudo o que é dito
tem sempre um duplo sentido.

Passaram-se os milénios
mil vezes morreu a terra

outras tantas renasceu
na desventura dos párias

sempre a girar no seu eixo
dia e noite, noite e dia

aguardando gerações
que regenerem a vida

como a lava incandescente
que escorre de um vulcão

erguendo vivos estandartes
onde a acção irá ter

a força da enxurrada
e coragem de fazer

o que o sonhar não faz
quando se sonha acordado

e mais tarde se descobre
que um vínculo secreto

une acção e pensamento
sob o efeito inesperado
do poder do movimento.

16. Música

A música junta o diverso
na sedução do ouvir

em magia indefinível
da alma humana a subir

como uma corda que ascende
vertical até à nuvem

ou essa cobra cascavel
a espreguiçar-se no ar

obedecendo à flauta
do encantador de serpentes

que vai transcrevendo notas
de uma pauta imaginária.

17. A verdadeira aparência

As palavras de ordem
têm a ordem das palavras.

Mas o que significa palavra
e o que quer dizer ordem?

Quando na palavra vã
há a ordem da desordem

é só puro feiticismo
de conceitos sem sentido

ou discursos palavrosos
onde o sim é também não

regados com água benta
do púlpito da ilusão.

Só a realidade é
a verdadeira aparência
de si própria.

18. Imortalidade do pensamento

O pensamento cavalga
altos muros invisíveis
do vento que não se vê

por isso e a cada instante
não há regras que o limitem

nem vontade que o domine
mesmo vinda de tiranos.

A alma fica escondida
quando acossada e em perigo

no mais profundo do ser
onde quer que haja vida

em qualquer mundo possível
incluindo os que perduram

no âmago da certeza
ou expulsos da razão

na sanidade ou loucura
linear ou distorcido:

o pensar até à morte
permanece indestrutível...

Écris Français III

19. Voyage dans la langue

Quand je change d'idiome
tant celui que je parle
que celui qui parle à travers moi

j'habite soudain deux mondes
et je deviens le double de moi-même
tout en étant un autre

tel un bateau qui dérive
entre les méridiens
sans astrolabe ni guide

car je suis un voyageur qui passe
de paysage en paysage
vieil oiseau migrateur

volant autour du monde
sans jamais abandonner
la table de mon café

peuplé de figures tristes
pour qui il n'y a pas d'aventures
au-delà de celles qui sortent

dans les journaux du matin,
de ce monde imaginaire
où il n'arrive rien.

Au centre de l'univers
où l'illusion tient lieu
de vraie réalité,

le temps se nourrit du temps
comme un cannibale autophage
qui dévore la langue
de son exil intérieur

dans la métamorphose des mots
dissous dans le discours,
fleuve tumultueux
qui suit sans repos son cours.

20. Souvenir

*[Au moment de la mort
de Nelson Mandela]*

Cette nuit du 5 décembre 2013
le ciel a déployé ses ailes
et reçoit le corps de brume de Madiba

à la lueur de son épée justicière
ayant effrayé autrefois les hypocrites,

cette épée mortelle, suspendue
sur les têtes masquées de bonhomie
mais qui tremblent encore de lâcheté,

dont la crainte vient
de n'avoir jamais compris
ce que c'est un homme

qui n'a pas besoin de sainteté
ni de mensonge

dont la grandeur
consiste dans l'exigence inébranlable

sans peur ni faiblesse
d'avoir droit à la parole.

21. Horizontes incertos

Eu sei que a existência existe
mas mais longe não me atrevo a ir.

Se respeito a metafísica
é porque ela pode ser poesia

e não apenas um axioma descarnado
entre razão e fantasia.

Recuso a prepotência da certeza
e prefiro incertos horizontes

com os desafios neles contidos
para, se preciso, os defrontar

em espaços sempre renovados
como quando o vento anda à solta

sem obedecer a regras ou limites
onde o que é livre é dissolvido

tal espuma que lentamente se desfaz
na face esquelética do mar...

22. Pobre modernidade

A obsolescência contemporânea
de um mundo apressado e ofegante
que há muito se esqueceu de ser

é a glória da insignificância
que vive nos castelos de palavras
edificados com sintaxes confusas

e espirais de equívocos
feitas de néon e vaidades chãs
assentes na técnica pela técnica,
essa filosofia que coxeia

sem transcendência nem alma
que o passado e o devir desconheceu
celebrando coisas
sem saber porquê.

Por isso no tempo que passa
que é de todos e de ninguém
a memória vai mirrando
com um cadáver na praia
que não sabe donde vem
nem se viveu...

23. Fantasia de sábios

[Homenagem a Adriano Moreira]

Hoje em dia os sábios da economia
entretêm-se com teimosia
sobre questões celestiais
tais como modelos inspirados
no velho clássico Pigou (¹)
de tempos imemoriais

que inventou a espantosa teoria
segundo a qual o desemprego
é sempre voluntário,
implicando que os trabalhadores
não querem é trabalhar

a confirmar assim pela ciência
que a pobreza é justificada
e que se pode com consciência
baixar rendimentos e salários
de uma multidão de preguiçosos

em nome da estatística universal
e da sacralização dos números
da santíssima era digital

que ignora que os dois perigos
que ameaçam o mundo
são a ordem e a desordem

que sabe os preços de tudo
mas não sabe o valor de nada,

que nega Condorcet e Beveridge
e outros tantos loucos visionários.

Muitos são, as contas todas feitas,,
os que sustentam a história edificante
do infalível “mercado eficiente”
que no Olimpo manda mais que Zeus

explicação um pouco sonolenta,
verdade seja dita,
do mistério dos equilíbrios
do milagre da mão invisível
e da harmonia inerente

segundo a angélica teoria
dos sábios armados de modelos
e de alquimias de alma liberal

que demonstram tudo
até a existência verdadeira
e rigorosamente confirmada
do próprio Pai Natal.

(¹) A.C. Pigou, *The Theory of Unemployment*, Londres, Macmillan, 1933.

24. Contingência

[Relembrando Giorgio Agamben]

Os homens vivem sem saber
que todas as certezas são engano
e que a contingência é sempre
a possibilidade de não ser.

25. Para lá do quotidiano

*[Relembrando
Iris Murdoch]*

Se não existir dentro de nós
um sentido superior da vida
não encontraremos na acção
o rumo que a transcende

nunca podendo afirmar
se algo é ou não é
se deve ser ou não ser

se é partícula do todo
ou a luz indivisível
que as coisas pode envolver

lembrando o cego que hesita
na direcção a tomar
num mundo que nunca viu

ou o mudo sem linguagem
cujas palavras secaram
tal um riacho sem água
que não sabe ir ter ao mar.

26. Ecologia

Na floresta da verdade
as árvores são espelhos
de rancores silenciosos
na sombra do virtual

que aguardam a sua hora:
a agonia que as espera
terá um dia vingança
sobre aqueles que as mataram

quando chegar o vazio
onde só as pedras mortas
responderão ao silêncio
inclemente do nada...

27. Sageza

[Relembrando Karl Popper]

Não existe estrada real para a ciência:
há perguntas que são eternas
e respostas sempre diferentes...

28. Santa pós-modernidade

*[Para Eduardo Costa Dias e Manuel Ennes Ferreira
Inconformistas clarividentes]*

A santificação dos banqueiros
e seus devotos do conto do vigário
corretores
ricos
novos-ricos
os que sonham sê-lo sem dizer

financistas e financeiros
aprendizes de feiticeiro
habilidosos do deve-e-haver
bolseiros e bolsistas
peritos instantâneos
nas crises nunca previstas

chefes de praxe aos caloiros
com vocação de fascistas
e mentalidade igualzinha
ao cérebro de uma galinha

jet-sets ardentes
em pose e bicos de pés
caranguejos que andam para a frente
caranguejos que andam para trás
volúveis cataventos
“máquinas oratórias” de Swift
que conhecem de cor
o sentido da história

e outras excelências palradoras
do quotidiano ordinário
na rádio, na TV e nos jornais
que sabem tudo de nada
nada de quase tudo
e mais o resto
com cifrões no gesto
que lhes sai da alma

incrustadas lapas
nesse santuário
de conforto e maravilha
candidatos a ter um dia a cabeça
na ponta de uma forquilha

tudo isso é a religião do tempo
saturado de não-ser
a cheirar a incenso e agonia
onde se morre aos poucos
de fastio e de desgosto
em silêncio.
Sem saber.

29. O factor humano

[Para Jacinto Rodrigues
mestre de muitas dinâmicas]

Nada do que é humano
nos pode ser estrangeiro
disseram poetas
num protesto imortal

enquanto houver renovados seres
com o olhar pousado no horizonte
procurando para lá da linha virtual

sabendo intimamente
que o passado só é passado
quando não contem futuro

30. Morrer aos poucos

Morrer aos poucos não custa
o que custa mesmo é viver
sentindo o tempo passar
tão depressa, tão depressa,
que chegou e já partiu

em mais um passo para a morte
que o tempo não pressentiu.

31. Horizontes do monolitismo

*[Aos economistas fascinados
pela ideia de “certeza”]*

Quando só as práticas são discurso
no território gelado de especialistas
os tecnocratas soberanos
recusam sempre pensar
que é o homem que pensa

acabando por esquecer,
na sua certeza hermética
que o ente também existe

em simbiose indefinida
de vozes encantatórias
entre espírito e matéria
desde o verbo no começo
até à palavra final

descobrimo que o discurso
no derradeiro limite
é que regula práticas
da ilusão empírica
e do saber experimental.

32. Fuga ao tempo

*“Não envelhece quem
envelhece ao nosso lado”
Adriano Moreira, Memórias do
Outono Ocidental, Lisboa, Almedina,
2013: 382.*

Não envelhece
quem envelhece ao nosso lado
disse o sábio sentimento.

Mas também não envelhece
quem partiu sem nos levar

e por vezes aparece
olhando-nos longamente

na escuridão da noite
que uma chama ilumina

onde o instante presente
é passado que passou

mas contem a juventude
suspensa no tempo ausente.

33. Salários mesquinhos e subsídios gordos

A baixa dos salários
tem sábias justificações
há séculos consagradas
por políticos com sarna

e cientistas vendilhões
de teorias pomposas
em eruditos discursos
lambuzados de retórica

excelentes para esconder
com velhaca subtileza
certas vetustas razões
de magra verdade histórica

porque tal é simplesmente
tão só pretexto mesquinho
para oferecer com largueza
um subsídio aos patrões...

34. Melancolia

Há angústias que perguntam
com funda seriedade:
que seria dos homens sem Deus?

e outras que lhes respondem
igualmente sem maldade:
que seria de Deus sem os homens?

Os homens colocam sempre
problemas sem solução

que mesmo assim podem ser
caminhos para a razão

que na translação do tempo
se transformam noutros mais
trazendo com eles perguntas

que dia e noite, noite e dia
rodam à volta do mundo
a golpes de melancolia...

35. Metamorfose

O corpo não é a prisão da alma
essa substância sublimada
onde paira o pensamento

que tem a capacidade
da metamorfose imaginária

de uma borboleta iluminada
pela luz vacilante das estrelas

enquanto o corpo regressa
à forma originária
de poeira e esquecimento.

36. Globalização

Hoje somos todos
estrangeiros à deriva

num mundo que já dominámos
mas nos escapa furtivamente

diluindo as ilusões
perdidas na obscuridade
do pós-modernismo bem-pensante

imerso em tautologias
de um relativismo que mente
e aliena razões

traindo o cosmos secular
gravado a escopro na história
de memórias que ainda vivem
em solitárias multidões.

37. Contradição

[Recordando Espinosa]

Espinosa dizia que a filosofia
tem como objecto a verdade

enquanto a altiva teologia
só almeja a submissão.

38. Sentido da História

[Relembrando o filósofo S. Zizek)

O sentido da história está suspenso
para nos obrigar a fazer
a viagem para o passado

dizem-nos num tom melífluo
novos velhos do Restelo
que fingem ser juventude

nómadas recém-nascidos
na recente Netrocracia

seres perigosos que desdenham
a ancestral sabedoria
sob o pretexto da técnica

e querem esmagar os fracos
com a força dos poltrões.

Por isso devemos questionar
a usura das palavras
nas batalhas que se avizinham

procurando conceitos outros
que um dia virão medir
o incomensurável

com novas convicções,
nesse horizonte incerto

que ainda desconhecemos
mas terá a consistência factual

dos acontecimento que se sucedem
na mansidão com que se movem
os ponteiros de um relógio virtual

até que um dia o tempo pulverize
os limites da subjectividade
que liga os loucos às máquinas.

39. Hierarquias

Entre a hierarquia do ser
e a ordem do conhecimento,
como ensinou Platão,

o grau mais elevado
não pertence à matemática
mas ao pensar filosófico

a menos que renasça o mito
dos condottieres de papel
com gestos exuberantes
e manhas dissimuladas

que surpreendam o próprio mal
ao concentrarem poder
na suprema abstracção
da razão instrumental

implantada em parábolas
de meias-verdades fugidias
cujos modelos relevam
das leis invisíveis do não-ser

quando comandam os dias
pela mobilização
de mentes triunfantes
e vetustas utopias

ao serviço de um qualquer cesarismo
que oculta, mascarado,
a ideologia que finge desconhecer.

40. A vertigem do dinheiro

Desde a mais velha antiguidade
o amor do dinheiro
transforma a prudência em vício.

É assim que hoje em dia
governos de aventureiros
são antros de viciados

e os poderes financeiros
infectam a natureza
agindo como falsários.

É verdade que outrora
os galeões de corsários
enchiam de sangue o mar.

Agora a uma outra escala,
essa paixão do dinheiro
reconstruiu matadouros

com a boca escancarada
para engolirem os homens

que treparam febrilmente
pelo fio de luz do conceito

abraçados à ilusão
dos seus voláteis tesouros.

41. Paciência de cão ou...de santo

A paciência de alguns cães,
bichos de estimação
que aturam certos donos
agitando sempre a cauda
com pura resignação,
algumas vezes merece
autêntica compaixão...

Mas nada há que ultrapasse
o exaspero cidadão
quando suporta calcinhas
saídos dos infantários
das jotas directamente
para os limbos do poder

e são como ervas daninhas
que enxameiam ministérios
fazendo gato-sapato
da velha população

com discursos em esperanto
e novilínguas na moda
onde se perde de vez
a paciência de um santo...

42. A desordem e a aparência

A eficácia simbólica da aparência
para o bem ou para o mal
pode mudar os eventos
sem que saibamos porquê
desse enigma do real.

Então, ou os sonhos morrem
ou muda a realidade
no esforço de compreender
em que consiste a verdade.

Sabemos que o mundo gira
sem dizer para onde vai
ao instalar a desordem
na inércia da vontade

num reino de abstracções
que minam a liberdade
por não sabermos escolher
entre a morte disfarçada
que vive no compromisso
onde se perde a decência

e a incógnita do risco
sem o qual não há mudança
na velha passividade
escrava da aparência...

43. Inevitabilidade

É graças ao labor quotidiano
que à distância retenho a morte

e a conservo afastada
da minha porta insegura

não sabendo quanto tempo
poderei tê-la fechada

até ao dia em que ela
se abrirá de rompante

para deixar a morte entrar
no fim da longa jornada

que há muito tempo encetei
quando a juventude tinha

a eternidade na frente
e não conhecia prazos

hoje mais curtos e certos,
o que não me ensombra a vida

porque me é indiferente
a hora dessa partida...

44. Tirania

Fechar o exterior
na interioridade sombria
traz consigo a prepotência

que abusa da exceção
para a transformar em regra.

45. Teoria crítica

O devir só é real
quando vivido
pela experimentação

porque o ser é movimento
e o equilíbrio ficção.

Daí a revolta que comanda a vida
e rasga preconceitos

como folhas de papel
pelos caminhos do não.

46. Teólogos do mercado

*[Relembrando
Peter Sloterdijk]*

À nobreza da espada
da mítica era feudal
esperava-se que sucedesse
a nobreza do sentido.

Mas o poder degenerou
em pura abstracção
e já não sobreviveu
ao domínio do efémero
estilhaçado e sem rumo

sem outra crença ou cruzada
do que o amor do dinheiro
empunhado por zelotas
teólogos do mercado

num espaço confinado
que lentamente apodrece
onde se morre por nada
e por quase nada se vive.

Lá, o sol seca o futuro
e o futuro é só aquilo
com que o mero pensamento
não consegue ajustar contas...

47. Simplesmente...

Não precisamos de paternalismo,
esse desprezo disfarçado.

Chega-nos a tolerância
que vem ao entardecer

quando olhamos para trás
e só então compreendemos

as grandes narrativas
do esquecimento do ser.

48. Monotonia

Perdido como um nómada
em estradas desconhecidas
já só me resta fechar
as portas ainda abertas

antes do fim do ciclo
porque nada se repete
e o que foi não mais será
com o desfolhar do tempo

a que a loucura dos homens
nunca prestou atenção
possuída pela ideia estranha
que a eternidade está
ali ao virar da esquina...

49. Glosando

Marie Antoinette em 2014

Se não têm pão
comam brioche!

disse o Governo zangado
ao povo sem compreensão

que exige tudo do Estado
mas tem mais do que merece

com pensões vertiginosas
de alguns trocos por mês.

Porém, quem manda no caso
não é de facto quem deve
por direito de eleger.

É à ordem subvertida
que obedece o patrão

ao logos dos servidores
que num direito divino

por eles próprios inventado
são detentores da razão...

50. S'il n'y a plus rien

Est-ce possible
que je ne te reverrai plus jamais
s'il n'y a rien au-delà du monde
puisque la raison matérialiste
pointe vers le néant?

Si cela devient vrai
nous éloignant des illusions factices
alors nous serons obligés
de nous résigner au silence
comme cadavres bâillonnés.

Dès lors il importe peu où nous allons
car nous n'irons nulle part.
Seul comptera de manière brève
ce que nous avons vécu
dans notre vie unique toujours singulière
qui n'a traversé le temps
qu'une seule fois.

S'il n'y a plus rien en effet
je saurai que je ne te reverrai plus
dans l'aube imaginée.
Il ne me restera alors que le présent
pour peu de tempos encore
pour adoucir ma mémoire
et alléger cette agonie
avant de plonger sans regrets dans l'oubli...

51. Natureza

A natureza significa muito mais
do que o silêncio do homem

mas há identidade
do espírito em nós

com a natureza fora de nós
que permite distinguir

entre uma hierarquia
de graus do ser

e uma hierarquia
de graus do saber

explicando a existência
do cerne da natureza
à maneira de Espinosa.

52. Volátil modernidade

Todos os horizontes se movem no tempo
dando à marcha que prossegue
a ilusão de um destino

nesta modernidade infiel e apressada
onde qualquer ponto de chegada
é uma pausa temporária
de arrependimento.

Em nenhum lugar
o horizonte é mais próximo
do que em qualquer outro lugar,

por isso a vontade de avançar
é uma ânsia de fuga
ou a espera de viver ambigualmente

entre passado de cinzas que não ardem
presente que se volatiliza logo
e futuro que ainda não sabe ser.

53. Science

[Relembando Michel Serres]

Depuis Hiroshima
aucune science
ne peut plus progresser
sans se confronter à l'éthique...

54. La troisième mort

Dans l'ère moderne
de l'orgueil libéral
il y a désormais trois morts
dans le chemin de l'entropie

où la lumière s'éteint
au sein du vent
comme une bulle qui tombe
dans l'océan.

Ces trois morts sont
la mort individuelle de chacun
la mort collective d'une civilisation
et, maintenant,
la mort enfin possible
de l'espèce humaine.

À cela on appelle progrès...

55. Desratizar

Desratizemos o país de alto a baixo
a começar no sótão onde
os ratos se instalam em geral
porque é lá que se guarda o queijo
e se acalenta o ensejo
de ter sempre o papo cheio.

Moral da história:
precisam-se ratoeiras
e chumbos de zagalote
para as nossas caçadeiras!

56. Personalismo

No labirinto da ambição voraz
os usurpadores do Personalismo
cospem às escondidas
no túmulo de Mounier
como se fosse a sarjeta
donde muitos deles vieram...

57. O que Hegel não disse

O que é real
nem sempre é racional

como uma folha ao vento
num jardim da cidade...

58. Aspiração da liberdade

Só a aspiração da liberdade,
que a ciência tenta pesar
mas não explica,

justifica o voo dos pássaros
cuja existência, talvez divina,
os homens por si só
não podem imitar,

nem a harmonia geométrica
dos bandos em formação
nem a velocidade
fulgurante do falcão.

59. Ambiguidade

A poesia é a hermenêutica da palavra
que se esconde por detrás
doutras palavras
sem sentido aparente:

ora fala verdade
ora não sabe que mente...

60. Destino

A actualidade é a forma final
de uma promessa de sentido
oriunda do passado
onde reside a ideia não cumprida
de poder ter sido.

61. Liberdade forçada

Fomos lançados, disse John Gray,
na era do provisório

onde o novo que se atropela
dilacera as cronologias

das tradições que amparavam
e já não são ressuscitadas.

É por não sabermos
como será o futuro

que somos forçados a viver
como se fossemos livres.

62. Consciência cósmica

O apocalipse chegará
quando formos reduzidos
a uma subjectividade sem substância
por não sermos capazes de ver

a avalanche populacional
do múltiplo singular
os recursos finitos devorados
as emissões das câmaras de gás
já em acção

e a extinção das espécies animais
nossas companheiras
desde a aurora dos tempos

por detrás das dissimulações
das políticas do dinheiro e só dinheiro
e da opaca auto-ilusão
de que tudo “acabará em bem”
entre o tempo linear dos paradoxos
das contradições não resolvidas
e o espaço curvilíneo que nos engana
como Einstein ensinou.

Numa época em que o pensamento
se inclina perante o impensável
o apocalipse aproxima-se
como a raposa da fábula

a caminho do ponto zero
da consciência cósmica
onde o destino messiânico

não é o fim do tempo
mas o tempo do fim
vazio e homogêneo.

63. Violência dissimulada

Agimos como se fossemos livres
mas em silêncio aceitamos
a injunção que nos diz
o que devemos fazer.

Na aparência o cidadão é rei
numa democracia
onde formalmente decide

mas está reduzido à condição escrava
que abre caminho à crise da vontade
onde o canto transforma
os ossos em cristal

quando os corruptos exercem
na próxima fase seguinte
a ditadura da virtude

entre a violência constituída
e a violência constituinte

64. Fundamento

A ética do futuro por nascer
precisa de um fundamento
que mergulhe na memória

e na vontade do querer
como as árvores que sobrevivem
respirando pela raiz

a qual está longe de ser apenas
um depósito de perdidos e achados...

65. Evanescência

Ao longo de uma vida
que passou num ápice
nem eu próprio vejo
rastos que deixei.

E se alguns ficaram
marcados no pó,
quais são já não sei
porque o pó voou

nos braços do vento
que com ele levou
lembranças passadas
vestígios que morrem

memórias guardadas
num cofre de vidro
e tão passageiras
como andorinhas

que passam e se vão
no meio do nada...

66. Realismo

Meter o verdadeiro no real
não está ao alcance

daqueles que saíram da caverna
e lá voltaram

dos agitadores
sem conceito conhecente

dos sonâmbulos do fanatismo
reservista do desespero

e de todos quantos vivem
destinos mistificadores
de um tempo sem presente.

67. Nomadismo

Nascer e crescer para sobreviver
não tem destino fixo,
é um nomadismo à deriva
sem precedência no pensar e no dizer

onde o regresso ao útero materno
está vedado por múltiplos espelhos
que propagam reflexos mortais
num labirinto sem fim.

68. Avisos

Eis que pé ante pé
vão chegando o silêncio
e o entorpecimento
como avisos da morte
nas pausas sem ruído

tais répteis que flutuam
ou fantasmas invisíveis
que suavemente se movem
entre as pegadas das horas

desse relógio do tempo
despojado de ponteiros
cujo alarme nunca soa
nem reconhece o viver
no que é princípio e fim.

69. Trouble

Je me suis un jour noyé
dans la lueur de ces yeux
teintés par le vert des prairies
où l'espace ouvre ses bras

et par la couleur des sables
aux reflexes hésitants
où flottait le doute.

La veille du grand départ
je ne sais toujours pas
quelle était la vraie leçon

qui émanait de ce regard
dont l'image me suivra
jusqu'au seuil sans retour

au-delà duquel m'attend
entourée par le silence
l'ombre épaisse du néant...

70. Inexistência

Nunca existe o outro
que não seja o outro de nós mesmos.

71. Falsa eternidade

O tempo segundo Platão
é a imagem móvel
da eternidade..

Mas talvez aquilo
a que chamamos eternidade
seja o nada inconsistente

que recusamos no medo
da certeza inelutável
para lá do limiar

da morte nunca vivida
que se define a si própria

na emergência da história
como arte por esboçar...

72. Interpretação

[Glosando Paul Ricoeur]

Mesmo para lá
das fronteiras do desespero
nada está perdido
quando a interpretação
substitui as trevas
pela luz do sentido.

73. Finitude racional

Provar racionalmente
a existência do infinito
é inútil alegoria

porque a finitude é sempre
essência de mortalidade,

circunferência vazia
fechada à improvável
matemática do ser...

74. Tempos modernos

*[Relembrando uma África
que queremos esquecer]*

Os regimes que assassinam
juventude incauta
em pelotões ensanguentados
por ódios comezinhos

são algozes que desviam o olhar
para olhar o mundo

e que ao perder a faculdade de pensar
inventam o impensável,

monstros que irão um dia apodrecer
com carnes rasgadas
pelas garras de abutres cegos

num deserto de sombrio desespero
onde definham dolorosamente
almas estranguladas

enquanto poder e riquezas
sofregamente conquistados em rapinas
se evaporam nas terras arenosas
como gotas de cacimbo ao sol...

75. Precaução

*[Parafraseando
o filósofo Jean-Luc Nancy]*

É urgente construir
pistas de aterrissagem
para os deuses

mesmo se não sabemos
que aeronaves
eles irão utilizar...

76. “Pieds Noirs”

*[Relembrando
Albert Camus]*

Muitos daqueles que retiraram
para terras inóspitas,
vítimas de si próprios
dos outros ou das circunstâncias,

são hoje sem saber os matricidas
de uma imagem fugaz que se desfez
em remorsos pressentidos
que os habitam obscuramente

num canto da alma mutilada
por uma confusa orfandade
que durará até à morte.

77. A condecoração

O génio que recebeu com humildade
e quase veneração
a condecoração dada
por um asno oficial

resignou-se pois
ao papel embaraçoso
de asno número dois...

Como ele, há também
um extenso séquito
de intelectuais a fazer bicha
à porta do poder

que evitam com cuidado
e fortes manigâncias
chamar nomes aos bois

e ficam mui calados
aguardando a hora
de um dia receber

essa prebenda
sonhada em segredo
antes de morrer.

É tudo uma questão
de espinha mole...

78. Eternidade

(anos 50) ⁽¹⁾

O homem cismou, cismou,
à beira do mar.

As velas
continuavam presas
à linha do horizonte

- e o homem sempre a cismar...

O seu olhar reluzia
em desejos profanos
de conhecer o mistério que havia
para além da distância
dos grandes oceanos.

E cismou, cismou
o pobre abismado
em astros de ilusões
de sedas e brocados.

Depois,
sonhou também
que era Deus
e vinha do Além...
Mas quando regressou
dos fanáticos mundos
que construía assim,
olhou
e viu que fora sempre o mesmo

até ao fim.
E à beira do mar
um vulto ainda hoje se procura
sem nunca se encontrar.

-
- (1) Poema publicado em 1959. In: Revista *Cultura*, nº 8, Junho de 1959, Luanda, Angola.

NOTA: A revista *Cultura* foi editada pela Sociedade Cultural de Angola (SCA), em Luanda, entre os anos 50 e 60 do século XX. A acção cultural desta revista durante o período colonial, como escreveram dois críticos literários, “foi decisiva na contribuição para a unidade de vários extractos sociais, culturais e até mesmo políticos, adequando-se ao momento histórico da sua época, projectando, até ultrapassar os limites impostos pela repressão, tudo quanto viria a suceder pouco tempo depois” (cf. Irene Guerra Marques e Carlos Ferreira).

Em 2013 a União dos Escritores Angolanos decidiu reeditar em fac-símile e in-fólio, todos os números da revista *Cultura* publicados entre 1957 e 1959 sob a direcção científica de Irene Guerra Marques e Carlos Ferreira: O Boletim *Cultura* e a Sociedade Cultural de Angola, Luanda, Agosto de 2013, 210 páginas.

79. Definição

*[Homenagem
a George Steiner]*

A poesia é
um salto para fora
da linguagem

80. Ser e nada

A indizível substância do ser
é a outra forma do não-ser
em cuja imanência
se processa a matéria
até à dissolução.

Fora dela é o vazio
sem criação nem transcendência
sem deuses nem paraíso:
apenas aquilo que é
e logo a seguir se perdeu
sem conservar a lembrança
do que simplesmente foi
e num instante não é...

81. Um poeta no Panteão

As altas figuras do Olimpo
foram diligentemente buscar
o poeta ao cemitério

e sem lhe perguntar nada
meteram-no no Panteão

com música e fanfarra
concertina e rabecão.

O poeta protestou
mas já não tinha voz

esperneou
mas já não tinha pernas.

Não houve outro remédio
senão resignar-se
furioso, incomodado

por ser agora enterrado
por asnos que nunca o leram

Chamam a isto “homenagem”
enterrar um ser à força
sem lhe pedir opinião?

Eu gostava de saber
o que mudou p'ró poeta

ao passar do estado morto
para morto de proveta

apenas para servir
a profana transcendência
em morar no Panteão...

82. Fronteiras

O espaço e o tempo são apenas
as fronteiras mais visíveis
da finitude da vida...

83. Vulgata

O homem é sempre
um ser relacional
no meio da totalidade.

Por isso o individualismo
fora do todo e da pessoa
é uma vulgata
que se toma por verdade...

84. Finitude

A finitude tudo relativiza,
mesmo a ideia de Deus.

85. Amanhãs que cantam

A nova era transida de medo
já esqueceu os amanhãs que cantam
doutros tempos
e não acredita mais em coisa alguma
até voltar a crer

porque há amanhãs que ainda sobrevivem
nos recônditos da alma
e por vezes até cantam mesmo
para quem sabe ouvir

recados de pássaros atrevidos
empoleirados em ramos desgrenhados
da floresta encantada
proclamando que as utopias

são realizáveis
fora dos dogmas regelados
de que a morte se apoderou
sem eles saberem...

86. Princípio de causalidade

A causa
da causalidade
é uma regressão
ao infinito

levando-nos a andar
de causa em causa
sem jamais achar
a causa primeira

porque cada etapa
sucessivamente
anula outra causa
da causa de fundo

perdendo no fim
o princípio último
da causalidade
que explica o mundo.

87. Caminho que não se refaz

Como uma ave de arribação
trazida pelo fogo de um cometa
visitaste a terra num instante breve

por entre astros que abriram alas
para te deixar passar.

Pássaro envolto em chamas
nesse encantamento rubro

afagaste a copa das árvores
num gesto de magia

dançaste com flores
num quadro de Botticelli

envolveste o meu destino
quando fui no teu encalço

de galáxia em galáxia
para te encontrar

sob um sol maduro
a iluminar a vida

como uma espiga de milho
em campos verdejantes

como o sopro que enfuna
as velas rumo ao largo

como uma estrela perdida
a chamar de longe

e quando o coração parou
depois da agonia

morreram-me as palavras na garganta
de horror e espanto

perdidas as forças para conter o pranto
nessa dor que só saudade sente.

O sofrimento não se perdeu no tempo
e está tão presente como sempre esteve

porque o mundo que imagino e penso
não se refaz porque não vale a pena

apenas se desmorona a cada passo
quando caminho para o sol poente

a passos largos, indiferentes,
sem pressa nem sobressalto...

88. Ameaça

Há muito tempo que o progresso
deixou se ser uma esperança
de ambições prometaicas.

Na sociedade do risco
a logomania da técnica
e o áspero racionalismo

dos vendilhões insaciáveis
que conquistaram o templo

tornaram-se uma ameaça
para os sobreviventes...

89. Simplismos

Sempre muito me espantou
a cultura arrepiante
de cientistas encartados
nos tempos que vão correndo

cuja fé inabalável
nos bruxedos do mercado
tem talvez um não sei quê
de evangelho barato
no santuário do nada
em noite de assombração.

Para falar francamente
é a versão enlatada
herdada de Adam Smith
e da tal mão invisível
que só os cegos não veem
em austero *abracadabra*
ensinado às criancinhas

pelo mago Greenspan
que a dúvida desconhecia
porque tinha a fé devota
de um monge beneditino
mas depois, oh! desgraça!,
apanhado de surpresa
pela força do destino
afogou-se numa bolha
sem possível salvação...
Amem.

Índice

Nota prévia	3
Prefácio	4
Livro I	27
Livro II	221
Livro III	297
Lvro IV	414
Livro V	567
Livro VI	664
Livro VII	757



Adelino Torres

Professor catedrático Jubilado do ISEG (Universidade de Lisboa), actualmente Professor Catedrático da Universidade Lusófona de Lisboa. É membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Foi director de ***Episteme- Revista Multidisciplinar da Universidade Técnica de Lisboa*** (2000-2008). É autor de 14 livros e de dezenas de artigos e outros textos em revistas científicas e jornais nacionais e estrangeiros nos domínios da economia, socio-economia, economia africana. No campo propriamente literário publicou, entre outros, na revista ***NRF-Nouvelle Revue Française*** (Paris, Ed. Gallimard), e em ***Encontro- Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco*** (Brasil). *Tem a dupla nacionalidade luso-francesa o que explica os poemas em francês da sua autora. Prepara outros trabalhos para publicação.*



Adèle Lambert

Adèle (10 ans) é vice-campeã de xadrez da França, no torneio nacional por equipas entre 22 regiões francesas, onde representou a cidade de Lyon em 2013., sem nunca perder, individualmente, um jogo. Tem uma paixão por futebol com intenção – diz ela - de vir a praticar este desporto. Actualmente aprende a tocar guitarra eléctrica e pratica judo.

Os dois poemas com que participa nesta obra estão no livro 7, **poemas nº ... e nº páginae página ...**